

Prêmio Ibero-Americano Planeta
Casa de América de Narrativa

ANTONIO
SKÁRMETA

O DIA ^{EM} QUE A
POESIA
DERROTOU
UM DITADOR





Obras do autor publicadas pela Record

A garota do trombone

A velocidade do amor

Não foi nada

O carteiro e o poeta

Um pai de cinema

ANTONIO SKÁRMETA

O DIA ^{EM} _{QUE} A
POESIA
DERROTOU
UM DITADOR

Tradução de
LUÍS CARLOS CABRAL



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

S628d Skármeta, Antonio, 1940-
O dia em que a poesia derrotou um ditador / Antonio Skármeta ; tradução de Luís Carlos Cabral. — Rio de Janeiro : Record, 2012.

Tradução de: Los días del arcoíris
ISBN 978-85-01-09917-4

1. Romance chileno. I. Cabral, Luís Carlos. II. Título.

12-2781

CDD: 868.99333

CDU: 821.134.2(83)-3

Título original em espanhol:
LOS DÍAS DEL ARCOÍRIS

Copyright © Antonio Skármeta, 2011

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Os direitos morais do autor foram assegurados.

Design de capa e composição de miolo: Renata Vidal da Cunha

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 — Rio de Janeiro, RJ — 20921-380 — Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Impresso no Brasil
ISBN 978-85-01-09917-4

A Roberto Parada Ritchie

*Erano i giorni dell'arcobaleno,
finito l'inverno tornava il sereno.*

NICOLA DI BARI

UM

Na quarta-feira prenderam o professor Santos.

Não é incomum nos tempos atuais. Só que o professor Santos é meu pai.

No primeiro horário das quartas-feiras temos aula de filosofia, depois de ginástica e em seguida dois tempos de álgebra.

Quase sempre vamos juntos ao colégio. Ele prepara o café e eu frito ovos e coloco o pão na torradeira. O café de papai é bem forte, sem açúcar. O meu é com leite, meio a meio, e, embora também não use açúcar, giro a colherzinha na xícara como se tivesse colocado.

Este mês o tempo está ruim. Faz frio, cai uma chuva fina e as pessoas protegem o nariz com cachecóis. Papai tem uma capa de chuva clara, bege, como a dos detetives dos filmes.

Eu uso uma jaqueta de couro preta em cima do uniforme. As gotas resvalam no couro e não conseguem me molhar. Até o colégio são cinco quarteirões. Quando descemos do elevador, papai acende seu primeiro cigarro e fuma lentamente até chegarmos à porta do liceu.

É quando o tabaco termina; então atira o cigarro no chão e faz um gesto teatral para que eu esmague a guimba com o sapato. Depois vai à sala dos professores pegar o livro de chamada e quando entra na nossa sala pergunta onde estávamos na última vez.

Na última vez estávamos em Platão e no Mito da Caverna.

De acordo com Platão, nós homens vivemos como zumbis olhando na parede de uma caverna as coisas que acontecem, que não passam de sombras de coisas reais projetadas por um fogo contra o fundo. Esses homens, que nunca viram as coisas verdadeiras, acreditam que as sombras são coisas reais. Mas, se saíssem da caverna e vissem as coisas sob a luz do sol, se dariam conta de que viveram em um mundo de aparências e que aquilo que achavam que era verdadeiro não passava de um pálido reflexo da realidade.

Antes de voltar a Platão, o professor Santos faz a chamada e coloca um ponto vermelho ao lado do nome dos alunos que tenham faltado. Embora

saiba muito bem que fomos juntos ao colégio, quando chega à letra “S” diz “Salas” e depois “Santos”, e eu tenho que responder “Presente”. Meu pai alega que o acaso de eu ter caído na sua turma de filosofia não me exime de nenhuma das minhas responsabilidades, nem mesmo dessa coisa tão absurda que é responder à chamada. Diz que, se não estudar, mesmo sendo seu filho, vai me castigar da mesma maneira.

Eu gosto de filosofia, mas não pretendo ser professor como papai porque é preciso levantar cedo, fumar cigarros fortes e, além disso, ganhar muito pouco.

Antes de começar a aula, meu pai espana as lapelas com a mão, pois pode ter deixado cair um pouco de cinza. E depois dispara sua frase favorita: “Por que há o Ser, mas não o Nada? — E acrescenta: — Esta é a pergunta de um milhão de dólares. No fundo, esta é a única grande questão filosófica.”

A questão que me aflige nestes dias é que, se há o Ser, tem de ter um sentido para haver o Ser, porque, se não houvesse um sentido, daria no mesmo se não houvesse o Ser.

Minha namorada, Patricia Bettini, diz que o sentido do Ser é estar sendo e nada mais, ou seja, sem finalidade de nenhum tipo. E me pede que não complique muito as coisas e seja espontâneo. Ela é meio hippie.

Exatamente na noite de terça-feira, antes de o levarem preso, eu contei a papai o que Patricia Bettini pensava e ele ficou indignado. Colocou sal na sopa duas vezes e depois a afastou, dizendo que não iria tomá-la porque estava muito salgada.

Eu liguei a televisão, mas a primeira imagem que apareceu foi de Pinochet beijando uma velhinha e desliguei antes que papai visse aquilo.

Aproveitou para me dizer que não confiasse tanto em Patricia Bettini porque, se ela acha que o Ser é o que o Ser vai sendo e nada mais, não entende uma coisa que nenhuma garota inteligente pode ignorar: que os homens têm consciência, os homens são o Ser e ao mesmo tempo pensam o Ser, e, portanto, com seu pensamento podem dar um sentido e uma direção ao Ser. Em síntese, estabelecer valores absolutos, aspirar a esses valores. O bem é o bem. A justiça é a justiça, e não pode haver uma justiça à medida do possível.

Segundo papai, o que importa é a ética: o que fazer com o Ser.

DOIS

Na tarde da quinta-feira, Adrián Bettini recebeu uma carta. Não foi trazida pelo carteiro do bairro, mas por dois funcionários jovens com distintivos de policiais na lapela. Tocaram a campainha de leve e sorriram para a empregada, pedindo que entregasse pessoalmente a carta ao dono da casa. O jovem Nico Santos, que havia sido convidado para tomar chá, acompanhou a cena da sala de jantar e depois se deteve no olhar que Patricia Bettini lhe dirigiu quando seu pai, com passo informal e resignado, caminhou até a porta, vestindo uma camisa de lã desbotada.

Depois de assinar e anotar o número de sua carteira de identidade no caderno que os jovens despreocupados lhe entregaram para que confirmasse o recebimento do documento, abriu o envelope e examinou seu conteúdo.

Como se tivesse adivinhado que sua filha e Nico lhe perguntariam sobre o teor da missiva, adiantou-se e disse que era um convite do ministro do Interior para que fosse às dez horas da manhã do dia seguinte ao edifício da sede de governo do general Pinochet.

Patricia Bettini não conseguiu evitar um sobressalto. Seu pai estivera duas vezes no cárcere, e, em uma delas, gorilas não identificados o haviam raptado e agredido até deixá-lo inconsciente.

O homem pediu a Magdalena, sua esposa, que se sentasse com eles à mesa do chá e, depois de agitar longamente a colherzinha em sua xícara, confessou que estava hesitando entre ir no dia seguinte ao encontro com o ditador ou colocar, às pressas, um pouco de roupa em uma mala e se esconder por alguns dias na casa de amigos.

Patricia Bettini recomendou que se escondesse.

A esposa recomendou que aceitasse o convite. Era melhor enfrentar as coisas do que passar a vida se escondendo.

Nico Santos colocou um pouco de abacate amassado em sua torrada e espalhou-o com uma faca pela superfície. O silêncio era tal que esse ínfimo movimento sobre o pão lhe pareceu estridente.

TRÊS

E então acontece que na quarta-feira estávamos discutindo o Mito da Caverna quando entraram na sala dois homens de cabelos curtos, bem barbeados, e disseram a papai que os acompanhasse.

Meu pai olhou da cadeira para o lugar onde deixara a capa de chuva, e um dos homens lhe disse que a levasse com ele. Meu pai pegou-a sem olhar para mim.

Ou melhor — não sei direito como explicar —, me olhou sem me olhar.

Foi uma coisa estranha, porque, quando os dois homens levaram papai, todos os garotos da classe ficaram me olhando.

Certamente pensavam que eu estava com medo. Ou achavam que eu deveria ter pulado sobre os homens, os atacado e impedido de levarem meu pai.

Mas eu e o professor Santos havíamos previsto essa situação.

Inclusive tínhamos lhe dado o nome de um silogismo. A chamamos de situação “Baroco”: se prendessem papai diante de testemunhas, isso significaria que não poderiam desaparecer com ele como faziam com outras pessoas, que enfiavam em um saco cheio de pedras e atiravam de um helicóptero no mar. Na classe somos trinta e cinco alunos e todos vimos com nossos próprios olhos que levaram papai. Ele disse que era uma situação ótima, porque certamente não o matariam, pois estaria protegido pelas testemunhas.

De acordo com o plano “Baroco”, quando prendessem papai, eu teria de fazer duas ligações telefônicas para números que sei de memória, embora não saiba o nome das pessoas. Depois teria que levar uma vida absolutamente normal, vir para casa, jogar futebol, ir ao cinema com Patricia Bettini, não faltar às aulas, e no fim do mês ir à tesouraria pegar o cheque do salário de papai.

Assim, quando levaram o professor Santos, comecei a desenhar círculos em uma folha de caderno enquanto sentia uma teia de aranha de silêncio se alastrar ao meu redor. Certamente meus companheiros achavam

que eu era covarde e que por puro instinto teria de ter reagido e defendido meu velho.

Mas é que papai me disse cem vezes que ele não tem medo de nada, a não ser de que alguma coisa aconteça comigo.

E aqui todos sabem que um menino de dezessete anos desapareceu há alguns meses e não voltou até hoje.

Tenho de suportar esses olhares porque não posso explicar aos colegas de classe que estou colocando em prática o silogismo “Baroco”.

Se meu pai tivesse desaparecido sem que houvesse testemunhas, então estaríamos enfrentando o silogismo “Bárbaro”, e eu talvez tivesse morrido de dor.

Depois que levaram o professor Santos, o inspetor Riquelme entrou na sala e nos deu um exercício de análise de texto.

E quando finalmente chegou a hora do recreio, fui para o banheiro. Não queria falar com ninguém. Não queria que ninguém falasse comigo.

QUATRO

O senhor Bettini desenterrou uma gravata de um baú e fez, sem alegria, um nó diante do espelho. Mandou a filha ir ao colégio de táxi e pediu à esposa que o acompanhasse até a porta do palácio governamental. Quando chegaram, lhe deu um beijo e depois de descer do carro lhe entregou as chaves do veículo, “por via das dúvidas”.

Faltavam cinco para as dez quando Adrián Bettini entrou na central de operações da ditadura.

As secretárias que atendiam no lobby vestiam uniformes de cor fúcsia, falavam suavemente, eram amáveis e cheiravam bem.

Foi levado de uma sala a outra, de um elevador a outro, de um funcionário a outro, até que o fizeram entrar em uma sala com poltronas de couro e tapetes macios.

Atrás da escrivaninha (“atrás da escrivaninha”, disse Bettini a si mesmo como se estivesse relatando a alguém uma situação que talvez nunca pudesse contar) estava sentado o ministro do Interior em pessoa.

Quase teve um colapso. O doutor Fernández era considerado o homem mais cruel do regime. Só o general Pinochet o superava nessa matéria.

Compreendeu, ainda mergulhado em um profundo silêncio, que se fosse obrigado a falar naquele instante sua voz sairia rouca.

O ministro do Interior sorriu.

— Agradeço por ter vindo, dom Adrián. Quero informá-lo de que dentro de dois meses o governo fará um plebiscito... Por que está sorrindo?

O homem tentou corrigir a expressão de seus lábios. Apertou as mãos dentro do paletó e respondeu:

— Um plebiscito igual ao de 1980, ministro?

— O plebiscito de 80 não foi fraudulento. Pinochet ganhou com 70% dos votos. Mas compreendo muito bem que, diante de uma cifra tão contundente, o senhor, um esquerdista, recorra aos lugares-comuns da demagogia e nos acuse de fraude.

Bettini esfregou a lapela como se estivesse suja de cinza. O fato de estar discutindo com o ministro do Interior começava a lhe dar uma

inesperada sensação de altivez. Se a qualquer momento iriam matá-lo ou começar a torturá-lo, tanto fazia o que dissesse. Um tipo de dignidade suicida chegou velozmente a sua boca antes de seu pensamento.

— Perdoe se lhe dei essa impressão, ministro. É que as pessoas ficaram com uma péssima impressão do plebiscito. Os partidos legais não puderam participar, não tiveram representantes nas mesas de sufrágio, os votos só foram contados por funcionários do governo, não havia um tribunal para fiscalizar as eleições e a imprensa foi proibida de publicar ideias contrárias às dos senhores. Mas, afora esses pequenos detalhes, o plebiscito vencido por Pinochet deve ter sido limpo.

O ministro balançou sua cadeira giratória e sorriu, exibindo uma dentadura perfeita, que o fazia parecer mais jovem.

— Agora tudo correrá às mil maravilhas. Queremos que o plebiscito de 5 de outubro seja impecável, insuspeito. Os opositores serão admitidos nas mesas de votação, equipes dos nossos inimigos políticos estarão presentes nos centros de computação, não vetaremos os observadores estrangeiros e a partir de amanhã será suspenso o estado de sítio em todo o país.

— Que ótimo! E o que será votado?

— “Sim” ou “Não”.

— “Sim” ou “Não”?

— “Sim” significa que o eleitor quer que Pinochet continue mais alguns anos na presidência. E “Não”, que ele quer que Pinochet se afaste e que vários candidatos participem de eleições presidenciais a serem realizadas dentro de um ano.

— Eleições!

— E isso não é tudo. Como queremos demonstrar ao mundo que Pinochet é um democrata, vamos permitir que a oposição faça propaganda do “Não a Pinochet” um dia na televisão.

— Na televisão!

O ministro lhe ofereceu um copo de água mineral com gás.

— Não tenho champanhe para você comemorar, mas aceite esta aguinha.

Bettini estava com a boca tão seca que antes de engolir a água bochechou discretamente.

— Bem, ministro. Felicito-o por esses arroubos democráticos. Posso lhe perguntar agora por que me chamou?

O funcionário se levantou com uma expressão solene e enigmática e ficou acariciando durante um tempo as borlas que enfeitavam as cortinas da janela.

— Sei que o senhor é um inimigo convicto do nosso regime — disse, ficando de costas. — Sei também que, certa vez, foi amedrontado pelo meu pessoal.

— Amedrontado... Que eufemismo magnífico, senhor Fernández!

O ministro virou-se para ele e balançou um dedo diante de seu nariz.

— Para seu conhecimento, informo que chamei severamente a atenção desses funcionários.

— Minha clavícula quebrada lhe agradece. E agora poderia me dizer o que quer de mim?

Fernández juntou as palmas das mãos e apoiou os dedos no queixo.

— Há uns quinze anos, eu era executivo da Coca-Cola e passei a admirá-lo como publicitário quando fez a campanha de uma empresa concorrente que estava lançando um novo refrigerante, o Margot, que tinha um sabor estranho, um gosto amargo. Era muito difícil colocar no mercado uma bebida de sabor amargo porque todo mundo estava acostumado com refrigerantes doces. Está lembrado?

— Sim, senhor ministro.

— Lembra do slogan dessa campanha vitoriosa?

— Sim. “Margot, amarguinho como a vida”.

— Genial, Bettini, genial!

— Não me diga que me mandou chamar para me parabenizar por um slogan que tem quinze anos.

O ministro esfregou o punho direito na palma da outra mão.

— Não. Mas agora estou precisando vender um produto que a população acha amargo: mais oito anos de Pinochet.

Bettini não sabia se sorria ou se mantinha o rosto impassível.

— Ministro, o que está me propondo?

— Como suponho que será indicado pela oposição para ser o diretor de criação da campanha do “Não a Pinochet”, proponho que seja o chefe da publicidade de nossa campanha pelo “Sim”.

— “Sim a Pinochet”?

— “Sim a Pinochet”. Poderia esperar qualquer reação sua a minha proposta, menos um sorriso. Acredite que me sinto aliviado. Por que está sorrindo?

O pai de Patricia Bettini apertou com três dedos o septo nasal como se quisesse apacar uma nevralgia.

— Sorrio das voltas que a vida dá! Quando Pinochet deu o golpe e o nomeou ministro, fui demitido do trabalho, preso e torturado. E, agora, a mesma pessoa que me enfiou na prisão e me deixou sem emprego está me oferecendo trabalho.

— Sei perfeitamente que a situação tem um caráter paradoxal. Mas o senhor é o melhor publicitário do país e para esta campanha só quero o melhor. Um profissional! O senhor pode criticar nosso governo como quiser, mas não pode negar que temos uma equipe de profissionais brilhantes. A economia está a mil!

— Para os ricos.

— Mas logo chegará o momento em que a riqueza será tanta que se derramará sobre os pobres.

— Aí está o slogan que procura para a campanha do “Sim a Pinochet”: “Quando os ricos se fartarem, atirarão as sobras do banquete aos pobres”.

— Tenho certeza de que o senhor terá uma ideia muito melhor, Bettini. Então, o que me diz?

— O que lhe digo? Digo que dizem que nada do que acontece neste país escapa ao seu conhecimento.

— Oh, sim. Já ouvi esse exagero.

— Dizem que não se mexe uma folha sem que o senhor saiba.

— É uma fama que às vezes me orgulha e outras me complica.

Bettini encheu o copo com a água mineral, bebeu um gole e depois limpou os lábios com o dorso da mão.

— Minha filha Patricia está muito preocupada porque seus homens prenderam o professor de filosofia do namorado dela.

— Vamos ver.

— É um homem de certa idade, especializado em filosofia grega. Não representa um perigo para ninguém. Um homem velho.

— Tão velho que vendia balas no circo romano?

O ministro bateu nas coxas comemorando sua resposta com uma gargalhada e em seguida abriu uma pasta verde de arquivo.

— Não é mais um jovem.

— Perdoe minha brincadeira, Bettini. Muita gente se preocupa à toa. Às vezes meus homens fazem um par de perguntas rotineiras e os detidos voltam para casa tranquilamente.

— Ministro, há mais de três mil desaparecidos.

— Esse é um exagero das estatísticas. O país já superou a situação de emergência. Não estou lhe dizendo que faremos um plebiscito cem por cento democrático? Sua filha não tem motivos para se preocupar.

Bettini ficou em pé e apalpou o nó da gravata para disfarçar a reação de seu pomo de adão quando engoliu abruptamente a saliva acumulada na língua.

— Santos — disse, com voz rouca.

— Perdão?

— Santos. O professor de filosofia se chama Rodrigo Santos.

O ministro colocou as mãos em cima da pasta, alisou uma página e girou a ponta de sua esferográfica, traçando um círculo.

— Colégio?

— Instituto Nacional.

— Opa! “O primeiro foco de luz da nação.”

— Ministro?

— “O primeiro foco de luz da nação.” É isso que diz a letra do hino do instituto. Lugar dos fatos?

— A sala de aula.

— Testemunhas do procedimento?

— Mais de trinta alunos. Estavam no meio de uma aula.

O funcionário suspirou com um súbito ar de cansaço.

— Aspecto dos oficiais?

— Cabelos curtos, jovens, capas de chuva...

— Como nos filmes. Dia?

— Quarta-feira. No primeiro horário da última quarta-feira.

Fechou a pasta com um tapa e, levantando o queixo, deixou que um silêncio significativo se prolongasse antes de falar.

— E o que diz da nossa história, Bettini?

“A nossa história”, pensou o publicitário. Então tinha algo em comum com o ministro do Interior. “A nossa história.”

— Quanto tempo tenho para pensar?

— Alguns dias.

— Telefonarei na segunda-feira, então.

— Não, não se preocupe. Virá pessoalmente. Mandarei um par de rapazes buscá-lo.

— Até segunda-feira, doutor Fernández.

O ministro se levantou e lhe estendeu efusivamente a mão para se despedir.

— Filosofia. Lembro alguma coisa dos meus anos de colégio. “Só sei que nada sei.” Quem disse isso?

— Sócrates.

— E a outra questão, a do rio?

— Heráclito. “Não é possível entrar duas vezes no mesmo rio.”

— Até logo, Bettini.

CINCO

Liguei para o primeiro número e ninguém respondeu. Aquele era o telefone que sempre seria atendido. Se não respondiam, era porque a pessoa que devia atender havia sido presa.

Então disquei o segundo número.

Atenderam e, de acordo com o silogismo “Baroco”, não perguntei com quem falava e nem disse meu nome. Só contei que haviam prendido o professor Santos. O homem que estava no outro lado da linha disse que iria cuidar de tudo.

Perguntou se havia testemunhas.

Claro que havia testemunhas. Na classe somos 35 e eu sou o trigésimo primeiro da lista. Por causa do “S”. O “S” de Santos.

“Estamos bem, então”, disse o homem, e repetiu que iria cuidar de tudo.

Sei muito bem o que significa cuidar de tudo neste caso. O homem vai procurar os padres e um dos padres falará com o cardeal e o cardeal falará com o ministro do Interior e o ministro do Interior vai dizer ao cardeal “não se preocupe, que eu me preocuparei”. De acordo com o plano “Baroco”, eu não tenho que fazer nada porque, se me meter com a polícia, poderão me prender e aí sim meu velho ficará louco.

Então na quarta-feira volto para casa e vejo os dois pratos para o almoço postos de manhã na mesa coberta com a toalha de quadrados azuis e brancos. Ao lado do copo de papai há uma garrafa pequena de vinho tinto pela metade e diante de meus talheres está o suco de maçã.

Sento-me à mesa e não tenho vontade de ir à cozinha esquentar as batatas recheadas que sobraram do jantar. Fico ali meia hora sem saber o que fazer e sem pensar em nada. Cada vez que quero começar a pensar, pego o garfo e bato no prato vazio.

Finalmente vou para o quarto, deito na cama e leio a revista esportiva *Don Balón*. Meu time favorito, o Universidad de Chile, vai mal. É que, quando tem um bom jogador, ele é vendido para fora, para a Espanha ou a Itália, e a equipe se desarticula.

Faz frio e o aquecedor elétrico está desligado. Papai diz que consome muita energia e que seu salário não é suficiente para mantê-lo ligado durante todo o inverno. Me cubro com o cobertor.

SEIS

— Então?

— Minha resposta é “não”.

— Leve em consideração que o honorário é altíssimo.

— Por pura curiosidade, de quanto é?

— O senhor estabelece. Não temos limites.

Bettini percorreu com a vista a parede atrás da escrivaninha. Havia uma foto colorida do ditador e nenhum outro quadro que competisse com ele.

— Na verdade, é a melhor oferta que recebi em toda a minha vida. Sinto uma raiva terrível em recusá-la, sobretudo porque continuo desempregado.

— Uma estrela como você e ainda desempregado!

— As agências de publicidade têm uma lista negra de profissionais emitida por seu ministério que “recomenda” que não me deem trabalho.

— Meu Deus! E de que o senhor vive, Bettini?

— Minha mulher trabalha e eu consigo arranjar alguns pesos compondo jingles sob pseudônimo.

O ministro esticou longamente o pescoço como se estivesse manifestando uma solidária e indignada surpresa. Bateu várias vezes com um dedo no lábio inferior.

— Bem, Bettini. O que me diz?

— Pensei muito. Obrigado, ministro, mas não.

— Por razões éticas?

— Por razões éticas, senhor.

Ficou em pé e puxou as bordas do paletó.

— Mas seu comportamento agora não tem nada de ético. Não é ético recusar um trabalho por discordâncias políticas. Imagine um médico se recusar a atender um enfermo porque é seu inimigo político. Diria que estaria agindo eticamente?

— Se o doente fosse Pinochet, francamente, sim, senhor.

O ministro caminhou até a janela e correu um pouco a cortina. A névoa cinzenta de Santiago estava ali, pontual e tenaz.

Dirigiu-se ao publicitário em tom cortante, dando-lhe as costas.

— Bettini, lamento não poder contar com seus serviços. Vai ser uma campanha difícil. Obrigado por ter vindo.

Ficou na janela sem se virar. Mas Bettini permaneceu imóvel até que o ministro foi obrigado a olhar para ele.

— Algo mais?

— Sim, senhor. Eu vim confiante porque o senhor mandou me buscar. Gostaria muito de poder sair da mesma forma como entrei. Não sei se me entende...

O ministro abriu um sorriso e depois deu uma sonora gargalhada.

— Eu lhe garanto.

— Obrigado.

— Não precisa agradecer.

Dirigiu-se à porta de saída, mas foi retardado por seus pés, que afundavam no tapete macio. O alívio que sentiu ao segurar a maçaneta foi interrompido bruscamente.

— Bettini?

— Senhor?

— Se pelo menos quiser me dar uma grande alegria, não aceite dirigir a campanha do “Não”.

— Está bem, senhor Fernández.

— Até logo, Bettini.

SETE

Tocam a campainha. De acordo com o plano “Baroco”, não pode ser meu pai porque ele tem a chave de casa. Se forem os policiais, ou estão vindo para me levar ou querem revistar a mesa de papai. Levanto de um salto e dou uma olhada no que está em cima da escrivaninha. Encontro um documento dirigido ao ministro da Educação, o senhor Guzmán, pedindo que nosso liceu, onde papai ensina e eu estudo, deixe de ser administrado por um oficial do Exército. Diz que a presença desse oficial no colégio mais antigo do país é uma ofensa à dignidade dos professores e fere a liberdade de expressão. O manifesto menciona, no cabeçalho, os “abaixo assinados”, mas a única assinatura é a do professor Santos. Faço uma bola de papel com o documento e o atiro pela janela.

Tocam a campainha com insistência e eu visto o casaco. Se vão me levar, é melhor estar agasalhado. Sou muito friorento. Durante os recreios, fico procurando as paredes mais ensolaradas e encolho os ombros como se assim pudesse acumular calor. Quando abro, a pessoa que ainda continua apertando a campainha é Patricia Bettini. Pula em cima de mim e me abraça. E diz:

— Coitadinho do meu amor.

Depois pergunta se almocei. Digo que estou cansado de batatas recheadas. Ela vai até a cozinha e prepara uma omelete com azeite, ovos, queijo e tomate. Divide-a pela metade. Eu coloco sal na minha porção e passo um pedaço de pão no prato. Ela não usa sal porque diz que engorda. É cheia de teorias sobre vida saudável, despreza o sal e a manteiga, e é fanática pelas peças de Ionesco. Atuou em *A cantora careca* fazendo o papel da senhora Smith. Bem, em *A cantora careca* todos se chamavam Smith. Mas quando completar o colégio não vai estudar teatro e sim arquitetura.

— Temos que achar seu pai — diz.

— Como?

— Perguntando em todos os lugares.

— Eu fiz o que tinha de fazer.

E lhe conto tudo a respeito do silogismo “Baroco”. Ela ouve com atenção e nega balançando a cabeça.

— Nesses casos quem pode fazer alguma coisa não são as pessoas boas, porque todas estão com medo. É preciso fazer com que os outros entrem em ação.

— Os maus?

— Ninguém é cem por cento bom nem totalmente mau.

— Meu pai acha que você não tem princípios. E que uma pessoa ética deve ter princípios.

— Tenho princípios. Meu princípio é que gosto do seu pai e gosto de você.

— Esses não são princípios, são sentimentos.

— Bem, então meus princípios são meus sentimentos.

Patricia Bettini não responde, tira da bolsa uma fita cassete e coloca-a para tocar no Sony. É Billy Joel e o tema é “Just The Way You Are”. É em inglês e diz mais ou menos o seguinte:

Não vá mudar agora para tentar me agradar.

Você nunca me decepcionou.

*Não imagine que é uma pessoa comum,
que não presto mais atenção em você.*

Não a abandonaria em tempos difíceis.

Já chegamos até aqui.

Vivi os bons tempos, viverei os maus momentos.

Eu gosto de você assim como é.

OITO

A esposa de Adrián Bettini não desligou as luzes do pisca-pisca e nem aceitou tirar o automóvel do estacionamento reservado às autoridades até que seu marido voltasse do encontro com o ministro do Interior. Falou isso com altivez e excelente dicção ao capitão que lhe pediu, com maneiras exageradamente corteses, que o fizesse e, enquanto este consultava pelo celular o gabinete de Fernández, ela fez girar em seu dedo indicador a aliança de casamento até sentir que o metal ardia em seus dedos. Quando o homem uniformizado já se afastara, viu Adrián se aproximar e ligou imediatamente o motor, como se fosse fugir depois de ter assaltado um banco.

— Como foi? — perguntou ao contornar a praça Italia, olhando pelo retrovisor para ver se estavam sendo seguidos.

— Você está vendo. Estou vivo.

— Insistiu para que trabalhasse pelo “Sim a Pinochet”?

— Exatamente.

Embora o semáforo não estivesse vermelho, Magdalena parou o carro, ignorando as buzinas dos automóveis que protestavam a suas costas.

— E então?

Bettini sorriu. Procurou seu registro mais grave para imitar o vozeirão de Fernández.

— “Seu comportamento não está sendo nada ético.”

— De onde tirou a ideia de que você poderia trabalhar para eles?

— Algum computador lhes disse que eu sou o melhor publicitário do país.

— Claro que é.

— Apesar de o computador e minha esposa concordarem, ninguém me dá trabalho. Quer que eu dirija?

As buzinas aumentaram e Magdalena fez o carro andar com um pulo brusco.

— E o que você lhe disse, finalmente?

— “Não, obrigado.”

— Com boas maneiras?

— Da maneira mais cordial.

— E qual foi a resposta?

— “Bettini, se pelo menos quisesse me dar uma grande alegria, não aceite dirigir a campanha do ‘Não’.”

Desta vez foi Magdalena quem sustentou um sorriso que parecia eterno em seus lábios.

— Quando anunciaram no rádio que haverá um plebiscito, dom Patricio ligou para lhe oferecer a direção da campanha do “Não”.

— Meu Deus!

— Você tem que aceitar. Ficarei muito orgulhosa se o fizer.

— Magda, se eu aceitar, vou deixar de dar uma grande alegria ao ministro do Interior e você sabe o que isso significa.

— Se você chefiar a campanha do “Não”, sua própria visibilidade o protegerá. Não podem encenar um plebiscito democrático e matar o chefe da campanha da oposição.

Bettini esfregou as pálpebras com força. Tudo era tão contundentemente cotidiano e real e, no entanto, ainda tinha um resto de esperança de que se tratasse de um pesadelo.

— Admito que seu argumento é bom. Mas, mesmo assim, há outra razão para não aceitar.

— Diga.

— Pinochet bombardeou o país com publicidade durante quinze anos e só terei quinze minutos de televisão. É como a batalha de David contra Golias.

— Adrián?

— O quê?

— Quem ganhou?

— Quem ganhou o quê?

— A batalha de David e Golias.

Bettini desabou no assento e cobriu os ouvidos com as mãos. Há um ano Magdalena adquirira o hábito de frear o carro cada vez que achava que estava dizendo alguma coisa importante. Ele não sabia agora o que o enlouquecia mais. Se suas palavras ou as buzinas.

NOVE

Agora é segunda-feira. O céu está carregado de nuvens cinza e negras, mas não chove. Santiago pesa no pescoço das pessoas e todos caminham depressa e com a cabeça baixa. Quase não consegui dormir ontem à noite e agora, a caminho da escola, bocejo dez vezes por minuto. A primeira aula é de história e a segunda, de filosofia.

De modo que poderei dormir deitado na carteira. Quando chego à porta do colégio, volto a me lembrar de papai e me pergunto se está com seus cigarros fortes e se o deixam fumar. Vejo uma guimba jogada na calçada e a esmago com a sola do sapato.

Na hora da aula de filosofia entramos na sala sem fazer fila no corredor. Alguns companheiros batem no meu ombro e enrolo o cachecol azul no pescoço. Faz um frio do cão. Para evitar conversar com meu colega de banco, pego meu estojo e começo a fazer a ponta de um lápis com o apontador metálico.

Então entra o professor de filosofia.

Não é o senhor Santos. É um homem jovem de sobrancelhas espessas e nariz arrebitado que usa óculos redondos como os do John Lennon e um blazer azul lustroso. É muito magro e, como se quisesse demonstrar que apesar disso é um sujeito forte, deixa o livro de chamada cair abruptamente na mesa. Depois o abre, pigarreia e começa a chamar os alunos.

Ao dizer cada nome e ouvir a palavra “Presente”, levanta os olhos e faz um gesto assentindo, como se já conhecesse todo mundo. Quando chama “Santos” também fico em pé, mas ele não repete o gesto de assentimento; mantém a vista fixa no livro de chamada. Depois volta a olhar para o 32, Tironi, o 33, Vásquez, o 34, Wacquez, e o 35, Zabaleta.

Pega um pedaço de giz no compartimento da lousa, atira-o no ar e o pega com a mão sem olhá-lo. Esse gesto o faz parecer ainda mais jovem. Depois diz:

— Meu nome é Javier Valdivieso. Como o champanhe Valdivieso. Vi as anotações do professor Santos e sei que já estudaram os pré-socráticos e

Platão. De maneira que hoje vamos começar com Aristóteles. Tomem nota: “Não adquirimos nenhuma das virtudes éticas por natureza, pois nenhuma coisa natural é modificada pelo hábito. Por exemplo, a pedra, que, por natureza, cai quando a soltamos. A pedra não poderia se habituar a se movimentar para cima; mesmo se a atirássemos dez mil vezes para o alto, dez mil vezes cairia para baixo.

“No entanto, as virtudes não são produzidas nem por natureza, nem contra a natureza, mas porque o homem tem aptidão natural para recebê-las e aperfeiçoá-las mediante o hábito. Assim, é praticando a justiça que nos tornamos justos, e nossa maneira de reagir aos perigos e o hábito de sentir coragem ou ter medo é o que faz com que uns sejam covardes e outros corajosos.

“Na quarta-feira faremos uma prova sobre Platão e o Mito da Caverna”, concluiu.

DEZ

Antes que enfiasse a chave na fechadura, Magdalena abriu a porta pelo lado de dentro. Deu-lhe um beijo enérgico na face e fez um movimento com o pescoço pedindo que dirigisse os olhos à sala de estar.

O líder da oposição, dom Patricio, sorria para ele com uma careta que parecia ter sido cortada pela mesma tesoura que cortara Jack Nicholson.

— Café, senador?

— Obrigado.

— Açúcar, senador?

— Está bem assim. E suplico que não me chame de “senador”. Desde que estas bestas fecharam o Parlamento só me restam as saudades desse título.

— E o que o trouxe aqui, dom Patricio?

— Uma coisa grande, que pode vir a ser grandiosa.

— Conte-me.

— Pinochet está prestes a permitir que a oposição tenha um espaço de quinze minutos na televisão para fazer campanha a favor do voto contra ele no plebiscito de 5 de outubro.

— É mesmo incrível.

— A eleição será dentro de trinta dias e nosso programa deve começar na próxima semana.

— Não há tempo para nada.

Bettini apalpou o bolso da camisa e esteve prestes a puxar um cigarro, mas de repente achou que era falta de educação fumar diante de um personagem tão importante. Ficou com o maço nas mãos, acariciando a capa de celofane.

— Essa é a estratégia do ditador. Bater depressa para ver se o inimigo não consegue reagir.

Para dar solenidade a suas palavras, ficou em pé.

— Amigo Bettini, em nome dos dezesseis partidos que concordaram em votar contra Pinochet, venho lhe propor que chefie a campanha do “Não”.

Adrián Bettini também ficou em pé e fez um gesto amável a sua filha e à esposa para que se retirassem da sala. Leu nos lábios de Magdalena o que dizia seu sorriso: “Anime-se.”

Uma vez a sós com dom Patricio, perguntou-lhe sem rodeios:

— Qual é o valor do honorário?

— O honorário é... *ad honorem*.

— O que dizem as pesquisas?

— As nossas, que o “Não” tem possibilidades de ganhar.

— E as deles?

— Que o “Sim” vai ganhar.

— E o senhor, o que acha?

— Não sei. Mas posso lhe garantir que nossas pesquisas não foram maquiadas para nos deixar felizes. No Chile há descontentamento e ira contra Pinochet e essa insatisfação é majoritária. Mas o problema é que o plebiscito será decidido por aqueles que hoje estão indecisos.

— Ainda há indecisos no Chile depois de quinze anos de terrorismo?

— Pinochet convenceu meio mundo de que, se ele perder, o Chile está fodido. Ele conta com o apoio das pessoas que não têm uma boa lembrança do governo socialista deposto.

— O senhor foi inimigo do regime socialista e foi um dos democratas-cristãos que incentivaram a desordem que acabou permitindo o golpe militar.

— Não é hora de censuras. Agora estamos no mesmo time: contra Pinochet!

Bettini desabou no sofá e ficou olhando, sombrio, o café, que ainda não provara. Dom Patricio, por sua vez, sentou-se comedidamente e virou o rosto, estudando-o com uma expressão cheia de expectativas.

— Alegra-me ouvi-lo. Mas vejo um grande problema que me impede de aceitar chefiar a campanha publicitária do “Não”.

— Explique-se.

— A frente que apoia o “Não” é formada por dezesseis partidos! É um conglomerado tão amplo que não é possível imaginar que tenha uma identidade. E a publicidade precisa definir claramente as características do produto que anuncia. Não é possível ter sucesso com coisas vagas. São tantos os partidos atrás do “Não” que nem sequer os conheço. E o senhor?

— São dezesseis, mais os comunistas, que nos apoiam mas não fazem parte do bloco.

— Vamos ver... Enumere-os.

— Bem, somos nós, os democrata-cristãos, os socialistas, os social-democratas, os liberais, os... Não posso dizer agora “et cetera”.

— E o senhor quer que eu tire um conceito publicitário claro dessa massa heterogênea de tendências tão diferentes?

— Se não soubéssemos que você é o melhor, não o teríamos procurado.

O publicitário se levantou, vitimado por uma súbita comichão que o fez coçar o pescoço. Abriu a cortina e olhou para o cume nevado da cordilheira dos Andes.

— Como o Chile é curioso! Apesar de ser considerado o melhor publicitário chileno, estou desempregado em um país que é dominado pela publicidade. Por ser um bom publicitário, me ameaçam, me enfiam na prisão, me torturam, me jogam de volta na rua marcado a fogo. Quando me oferecem um trabalho que não posso aceitar, trata-se do melhor salário do mundo. Quando me oferecem uma campanha que deveria aceitar, o salário é *ad honorem*.

O senador foi até a janela e colocou uma mão fraterna no ombro de Bettini.

— Sua situação particular combina muito bem com a pública. Uma feroz ditadura que tomou o poder a tiros de canhão, bombardeios aéreos, torturas, prisão, terror, exílio resolve se perpetuar no poder não pelas armas, mas através do gesto cavalheiresco de submeter a continuidade do regime a um plebiscito. E, como coroamento da ironia, oferece aos opositores quinze minutos na televisão pela primeira vez em quinze anos de censura total para que convençamos o povo a votar contra o ditador.

— Vão se legitimar internacionalmente como uma democracia.

— E a única maneira de evitar isso é fazer com que o tiro saia pela culatra. Ou seja, que o senhor Bettini conduza o “Não” à vitória. O que me diz?

O publicitário fechou os olhos e esfregou com força as pálpebras como se quisesse apagar um pesadelo.

— Querido senador, não sou nem um pouco otimista em relação à vitória do “Não”. Não acredito que este país envenenado ideologicamente e aterrorizado se atreva a votar contra o “Sim”. E não tenho a mais remota ideia em minha cabeça de qual poderia ser o slogan da campanha.

O senador lhe deu mais uma vez umas palmadinhas afetuosas e, erguendo suas espessas sobrancelhas, sorriu.

— Me parece um capital valioso para começar. Aceita?

Por cima do ombro de dom Patricio, Bettini viu, estupefato, que, enfiando a mão pela porta aberta, sua esposa levantava o dedo polegar em aprovação.

— Senador, aqui está a tradução chilena da palavra japonesa haraquiri: sim!

O político abraçou-o e, colocando o chapéu, saiu correndo da casa, temendo talvez que ele se arrependesse.

O publicitário viu, da janela, o senador entrar no carro, e também pôde observar que, assim que arrancou, um carro partiu atrás dele.

Decidiu não se alarmar. Enquanto não viesse a público que estava envolvido com a campanha, o ministro do Interior não teria motivos para se aborrecer com ele. Quanto à segurança de dom Patricio, pelo menos até o plebiscito não deveria ter problemas. Se Pinochet estava querendo agora se legitimar como democrata, não poderia mandar matar o chefe das forças de oposição. O argumento de Magdalena era bom; quer dizer, bom para um país racional e não para um onde imperava a arbitrariedade.

Agora sim se permitiu acender um cigarro e exalou a primeira baforada sentado diante do piano. Não lhe ocorreu uma canção para promover o “Não”, mas não conseguiu evitar que seus dedos golpeassem as teclas em um irônico ritmo circense. Improvisou alguns versos, rindo para não chorar, como David Garrick, o grande ator inglês, famoso por sua melancolia.

*Sou o Super-Homem da publicidade.
Um dia estou aqui, outro dia estou acolá.
À noite vendo cárcere, de manhã liberdade.
Hoje morro de rir, amanhã me matarão.*

*Sou o Super-Homem da publicidade.
Me dão surras porque não chove
e me surram se faço chover de verdade.
Todos me surram embora digam que me amam.*

Magdalena entrou no estúdio e apoiou-se na cauda do piano.

— E então?

Adrián limpou as cinzas que haviam caído na lapela do seu paletó e, aspirando profundamente o cigarro, fechou a tampa preta.

— David e Golias — disse.

ONZE

Ao sair do colégio, fico na esquina sem vontade de voltar para casa. Quando papai não está, sou muito pouco virtuoso. Não lavo os pratos do jantar e a louça suja se acumula na cozinha.

Repasso na memória o número do telefone do homem que ficou de falar com o padre. Talvez já tenha informações. Mas não devo ligar de casa. Fico esperando que desocupem o telefone público diante do ponto de ônibus. Esfrego uma moeda de cem pesos na palma da mão até que o metal se aqueça.

Estou nisso quando vejo o professor Valdivieso se aproximar.

— Um café, Santos?

— Por quê?

— Para combater o frio.

Caminhamos até a confeitaria Indianápolis, nos apoiamos no balcão e ficamos espiando as nádegas da balconista que veste uma minúscula minissaia, pelo menos dois tamanhos menor do que deveria ser. Quando trazem o café fumegante, o professor coloca as mãos na xícara para aquecê-las e eu despejo uma quantidade de açúcar que Patricia Bettini reprovaria.

— Santos — diz então — esta não é uma situação cômoda para mim. Não é culpa minha que você faça parte da turma que tinha aulas com seu pai.

— Também não é culpa do meu pai.

— Aceitei o posto não para complicar a vida de seu pai, mas porque a vida precisa seguir em frente. Nossas crianças têm que ter educação, aconteça o que acontecer.

— Uma educação *ética* — digo.

— Não me interessam as ideias políticas do seu pai.

— Bem, não são muito especiais. A ideia fundamental é lutar contra Pinochet.

— Está vendo? Não é possível que seu pai misture a situação política do país com a filosofia de Platão, que viveu há mais de dois mil anos.

— Não sei do que você está falando, professor Valdivieso.

Toma um gole de café. A espuma de leite suja seu buço e ele se limpa com a manga. Vejo que o telefone público da confeitaria acaba de ficar desocupado e aperto a moeda dentro do bolso.

Ele tira do paletó um papel dobrado e o abre no metal do balcão. É um texto manuscrito. Lê em voz alta, mas aproximando-se de mim em tom confidencial:

— “Pode-se dizer que nós, chilenos, somos na ditadura de Pinochet como os prisioneiros da caverna de Platão. Olhamos só as sombras da realidade, enganados por uma televisão envilecida, enquanto os homens iluminados são trancados em calabouços escuros.”

— De onde tirou isso, mestre?

— São anotações de um de seus companheiros de curso, Santos. O jovem entregou-as ao reitor.

Agito com tanta força a colherzinha na xícara de café que o líquido transborda no prato. Atrás da caixa registradora há uma pequena estante com cigarros de todas as marcas. Inclusive a que meu pai fuma.

Se soubesse onde ele está, lhe levaria um maço.

— Espero, Santos, que não tenha raiva de mim por ter ocupado o posto de seu pai.

— Não, de modo algum, senhor Valdivieso.

— Você sabe que este é o melhor colégio do Chile e que, para um professor jovem, ser admitido por ele é motivo de orgulho e um marco em sua carreira profissional.

— Não se preocupe.

— É que preferiria ter sido admitido em outras condições. Por exemplo, passando em um concurso em vez de ter sido designado pelo dedo do diretor.

Levo a xícara à boca e sopro o líquido. Ainda está muito quente. Coloco-a no balcão e devolvo à xícara o café derramado no pires.

— Se o senhor não tivesse aceitado — digo —, um outro qualquer teria ficado com o trabalho.

— Aí está o problema, Santos. Antes de mim, ofereceram o posto ao professor Hughes e ao bacharel Ramírez. Por que está sorrindo, jovem?

— Achei muito boa sua aula sobre Aristóteles, professor Valdivieso. Meu pai é um grande admirador da *Ética a Nicômaco*. Por isso me chama de “Nico”. “Nicômaco” seria um exagero.

O homem tira os óculos de John Lennon e esfrega as pálpebras.

— Com certeza — diz. — Tentarei compensar de alguma maneira o mal-estar que lhe causo.

— Não, mestre. Por favor, não se preocupe. Eu estou bem. Estou muito bem.

Mas quando, enfim, telefono novamente, não fico bem, nem muito bem.

Os padres não sabem em que calabouço o professor Santos foi enfiado.

DOZE

À tarde, Adrián Bettini foi ao centro de Santiago. Naquela confusão que fundia funcionários e executivos de bancos, comerciários, secretárias ultramaquiadas e minissaias curtíssimas que magnetizavam os olhos masculinos, acreditava sentir a verdade de uma comunidade destruída pela violência.

Do centro, cada um voltava a seu bairro, rico, de classe média, ou a um lugarejo de construções precárias. O país profundamente dividido se dissolvia no contato físico que o centro da cidade lhe proporcionava. À noite, o único entretenimento de todos era ver televisão. Se o ditador não mudasse de opinião, dentro de pouco tempo estaria no ar seu programa de quinze minutos convocando aquela massa derrotada, envolta em abrigos puídos e gravatas esfarrapadas, a votar contra Pinochet. O silêncio com que bebiam seus *espressos* no Café Haiti e o olhar perdido que destinavam aos quadris das garçonetes eram um bom indício da apatia.

Na primeira página do jornal *La Segunda*, embaixo do logotipo em letras verdes, destacava-se a manchete em vermelho: “Plebiscito em 5 de outubro”. Mas ninguém comprava o jornal. Só ele, que se deteve em um subtítulo realçado em negrito: “Autorizada campanha do ‘Não’ na TV”.

Antigamente costumava encontrar amigos do meio publicitário nesse café. Ou jornalistas. Agora a maioria havia abandonado o país e os agradáveis interlocutores de outros tempos só conversavam sobre futebol ou as oscilações dos vários tipos de câmbio. Eles seriam alguns dos destinatários de sua campanha. Mais que inescrutáveis, seus rostos pareciam talhados na anonimidade. Não era medo, mas a simples vida cotidiana desprovida de esperanças. Tomavam café em um ritual lento só para adiar a volta ao trabalho, onde enfrentariam as telas dos computadores cheias de cifras e produtos alheios. Isso. Eram alheios. Sua própria vida já não lhes dizia respeito.

Voltou para casa muito tarde e na mesa do escritório encontrou uma mensagem de Magdalena: “Esquente o ensopado no micro-ondas”, uma

garrafa de vinho tinto fechada e um pão meio duro. Serviu-se de um copo de vinho e entrou sem bater no quarto de Patricia.

Percebeu, na penumbra, que sua filha dormia com o braço em volta do travesseiro. Acendeu a luz tênue da mesa de cabeceira e ficou um minuto contemplando-a. Quem poderia ensiná-lo a fazê-la feliz? Lamentou os anos extremamente difíceis em que, tentando sobreviver sem emprego, tivera de aceitar fazer bicos que não lhe permitiam dar tempo nem dinheiro a sua pequena. Precisava se endividar para conseguir pagar as mensalidades da Scuola Italiana.

Dirigiu-se a ela em tom suave:

— Patricia, acorde.

A menina se sentou abruptamente na cama.

— Papai? O que está acontecendo?

— Perdão, filha, mas tenho que perguntar uma coisa importante.

— Diga.

— Como você vai votar no plebiscito?

— E você me lembra por causa dessa besteira, papai?

— Por favor, me responda. Como vai votar no plebiscito?

— Não!

— Que alívio! Pelo menos uma pessoa vai votar “Não”.

— Você não me entendeu, papai. Não estou dizendo que vou votar “Não”. O que acontece é que não vou votar.

Bettini engoliu em seco. Desejou ter um copo d’água à mão.

— Por que não?

— Já discutimos isso mil vezes no colégio. Agora quero dormir.

— É muito importante que me diga agora.

— Por quê?

— Porque acabei de aceitar trabalhar na campanha publicitária do “Não”.

— Você ficou louco, papai?

— Nisso estamos de acordo. Agora me diga por que não vai votar. Preciso dessa informação profissionalmente.

— Porque Pinochet vai cometer uma fraude. Nenhum ditador organiza um plebiscito para perdê-lo. Porque os políticos que estão por trás do “Não” são um saco de gatos sem um conceito claro de como conduzir o país na hipótese de ganharem. Porque estou convencida de que este país

não tem saída. Não acredito que colocando papeizinhos em uma urna possamos derrubar um ditador que tomou o poder disparando balas.

— O que pensam os outros estudantes?

— Os das classes inferiores que ainda não completaram dezoito anos não votam. Na minha sala, o mesmo que eu.

— Todos pensam a mesma coisa?

— Não. Há os maluquinhos de sempre que acham que tem sentido votar “Não”.

— Como eu.

— Como você, papai.

— O que vai fazer, então?

— Como o que vou fazer? O que vou fazer para o quê?

— Para que a ditadura termine. Para acabar com Pinochet.

— Nada.

— Patricia!

— Por que se escandaliza, papai? Em vez de perder tempo fazendo politicagem, vou tirar boas notas, pedir uma bolsa de estudos e depois irei para bem longe deste país. Que fiquem com o Pinochet e seus lambe-botas.

Bettini aproximou o rosto da luz da mesinha e Patricia pôde ver sua expressão atônita.

— Então você não tem ânimo para lutar?

— Por quê? Para que, papai? Veja o seu próprio caso. Está desempregado há muitos anos. Todo mundo diz maravilhas de você, mas da mesma maneira que dizem maravilhas de uma pessoa que já está morta. De Napoleão, por exemplo! Os tempos mudaram, papai. O jogo tem novas regras. Sua atitude ética me parece muito simpática, mas a considero totalmente ingênua.

A garota levantou uma mão e acariciou o rosto do homem.

— Compreendo.

— Estou magoando você com o que estou dizendo, papai?

— Não, não.

Bettini se afastou lentamente da beira da cama. O teto parecia ter desabado sobre seus ombros.

— Não fique triste, papai. Eu te amo.

— Eu sei, meu amor.

— E temos que dizer a verdade às pessoas que amamos.

— Estou de acordo.

No momento em que Bettini se apressava para abrir a porta e sair, a garota pulou da cama e o abraçou com muita força.

— Papai?

— Patricia?

— Se você dirigir a campanha do “Não”, então vou votar “Não”.

TREZE

Patricia Bettini é meio hippie, mas não quer ir para cama comigo antes de concluirmos o secundário. Ela acha que depois de sair do colégio viverá uma espécie de libertação. Imagina que todas as coisas boas da vida chegarão juntas: a universidade, o sexo e, logicamente, o fim da era Pinochet.

É como quando os católicos fazem uma promessa. Enfiou na cabeça que, se aguentar os seis meses que faltam, terá excelentes notas na prova de aptidão, cursará a Faculdade de Arquitetura e Pinochet será derrubado.

Ficamos de nos ver na terça-feira e ela não apareceu. Na tarde desse mesmo dia, telefone e a voz me diz: “Sinto muito, rapaz, mas não temos notícias de seu pai.” Na primeira aula da quarta-feira, como na semana anterior, está chovendo. Os ônibus passam pela Alameda em direção ao Bairro Alto, levando operários, empregadas domésticas, jardineiros para trabalhar nas casas dos ricos. Os canos de escapamento expõem a fumaça dos motores para o alto e ela se mistura com a cor cinza do ar estagnado.

Ninguém parece estar fazendo algo para mudar as coisas. Assim como eu, estão paralisados.

Na verdade, obedeço a meu pai. Ele é professor de filosofia e, se disse que estamos no silogismo “Baroco”, eu acredito nele. Tenho um breve sonho enquanto examino a calçada da porta do colégio tentando ver se encontro uma guimba acesa para apagar. Sonho acordado que entro na sala, que chego ligeiramente atrasado, que o professor Santos está fazendo a chamada e que quando pronuncia meu sobrenome respondo “Presente”.

Estou um pouco atrasado, mas ainda a tempo de receber os papéis com as questões que o professor Valdivieso está distribuindo. Quer que expliquemos como, a partir do Mito da Caverna de Platão, se ascende do mundo das sombras à claridade das ideias.

Meus colegas trabalham em silêncio e completam rapidamente a primeira página.

Ouçõ sempre o barulho do papel quando alguém vira a folha da prova para escrever no verso. Conheço o Mito da Caverna de cor e salteado e li

com papai algumas vezes os diálogos de Platão; ele finge que é Sócrates e eu, seu interlocutor, mas em vez de responder fico pensando em Patricia Bettini, na capa de chuva que papai pegou na cadeira no dia em que o levaram e na letra da canção de Billy Joel, “Just The Way You Are”.

Quando faltam cinco minutos para a aula terminar, acho que consegui lembrar toda a primeira estrofe da canção de Billy Joel e a escrevo em espanhol na folha da prova enquanto vou cantando em inglês:

Não vá mudar agora para tentar me agradar.

Você nunca me decepcionou.

*Não imagine que é uma pessoa comum,
que não presto mais atenção em você.*

Não a abandonaria em tempos difíceis.

Já chegamos até aqui.

Vivi os bons tempos, viverei os maus momentos.

Eu gosto de você assim como é.

Não respondo absolutamente nada a respeito do Mito da Caverna.

— E então, Santos? — pergunta-me Valdivieso quando lhe entrego a prova.

— Estamos aí — digo, e vou para o pátio cercado pelos companheiros.

QUATORZE

Bettini saiu do café decidido a comunicar a Olwyn que iria desistir. Não importava para onde olhasse, a soma dos fatores chegava sempre ao mesmo produto: desânimo da população, hábito à ditadura, desesperança confundida com tédio, atos heroicos e isolados de resistência pulverizados pelo regime, nenhuma ideia luminosa para começar a campanha e a voz do doutor Fernández ecoando em sua cabeça como um sino estridente: “Se pelo menos quiser me dar uma grande alegria, não aceite dirigir a campanha do ‘Não’.”

Ao entrar no gabinete de Olwyn, Bettini resolveu evitar a formalidade de um cumprimento para não se arrepender.

— Não me ocorre nada — foi a única coisa que disse.

— Como assim, homem?

— Este é um país arrasado animicamente por Pinochet. As pessoas estão resignadas. Desisto.

— Você tem de criar uma campanha que lhes dê ânimo.

— Ânimo! Estão vendo tudo cinza.

— Crie uma estratégia que os faça ver um futuro de outra cor. Não posso perder tempo agora com você. Vou passar um sufoco para manter coesos os dezesseis partidos que nos apoiam, conseguir que o bolo não se esmigalhe, e você me vem com desmaios metafísicos.

Bettini desabou abatido em um velho sofá de couro.

— Estou me sentindo muito sozinho, senhor.

— Mas por quê? O povo chileno e dezesseis partidos de oposição estão a seu lado!

— Preferiria que o partido de oposição fosse um só, com uma identidade clara, e não esse saco de gatos dos dezesseis.

Olwyn deu um soco na mesa. Parecia ter perdido a paciência.

— “Saco de gatos”! De onde tirou essa expressão, Bettini?

— De minha filha, senhor. De minha filha.

— De sua própria filha?

— De minha própria filha, senhor.

— Até mais tardar no sábado preciso do símbolo do “Não”, da canção do “Não”, do cartaz do “Não”.

— Sim, senhor.

— O que vai fazer agora?

— Tomar um uísque.

— Mas você é um gênio! Não lhe ocorreu nada de nada?

— Besteiras flácidas. Coisas do tipo “Democracia ou Pinochet”.

— É de começar a bocejar.

— No entanto, tive uma ideia excelente para a campanha a favor de Pinochet: “Eu ou o caos”. Tem toda a exatidão que nós não conseguimos. Além do mais, as pessoas não querem liberdade. Querem consumir. Olham abobalhadas as propagandas comerciais e se endividam para comprar qualquer coisa. Pinochet lhes diz que, se perder, as prateleiras ficarão vazias.

Olwyn cravou os olhos nele enquanto esfregava as mãos como um sacerdote.

— Você se sentiria mais confortável trabalhando para o “Sim”?

QUINZE

No estúdio da produtora de cinema Filmo Centro, reuniram-se os voluntários que queriam dar seu depoimento a respeito de como estavam sofrendo com a ditadura: mães com filhos desaparecidos, mulheres violentadas, adolescentes torturados, operários com os rins moídos a pancada, velhos surdos, desempregados sem teto, estudantes expulsos da universidade, pianistas com os pulsos fraturados, mamilos mordidos por cães, auxiliares de escritórios com o olhar perdido, crianças famintas.

Uma mulher de cinquenta anos se aproximou de Bettini acompanhada por um violonista.

— Quero que você use uma *cueca*^[1] de minha autoria em seu programa.

— Uma *cueca* cai bem — disse o publicitário. — É uma coisa alegre.

— Este jovem é meu filho Daniel. É violonista.

— Olá, Daniel.

— É uma *cueca* dedicada a meu marido. Preso e desaparecido.

— Com quem vai dançá-la?

— Com ele, cavalheiro. Com meu marido.

Tirou do peito um lenço branco e agitou-o levemente entre o indicador e o polegar da mão direita. O rapaz tocou os acordes introdutórios e com voz aguda começou o primeiro verso: “Na minha vida houve um tempo em que fui feliz...”

O fato de a mulher reagir aos passos de dança de seu desaparecido com uma dignidade sem ênfase tornava aquilo ainda mais demolidor. Bettini se desculpou com um gesto vago e foi ao banheiro.

Deixou a água correr em sua nuca sem se importar se molhava a camisa. E esfregou o rosto sob o jato d’água como se quisesse pulverizar sua palidez.

Assim, dessa maneira, suas lágrimas também se dissolveram na pia.

DEZESSEIS

Depois do primeiro uísque, bebeu um segundo e suavizou o terceiro adicionando pedras de gelo até que o copo transbordasse.

Entre os goles, distraiu os dedos nas teclas do piano em arpejos que mais dispersavam sua atenção do que a concentravam. Sentia tal irritação pela apatia política dos chilenos que se perguntou se o suicídio do presidente Allende tivera sentido em um país tão pusilânime. O que restava do nervosismo dos anos 1970? Toneladas de ceticismo, lastro cinzento que impedia o voo.

Na televisão só havia programas de concursos, apresentações de musas revividas, boleros de lantejoulas afeminadas, notícias com vozes empoladas sobre o novo asfalto de uma rua de Ñuñoa.

E publicidade.

Vertigem de propaganda, apartamentos, sutiãs, jeans, lápis labiais, leite achocolatado, perfumes, créditos bancários, colchões, supermercados, óculos, vinhos em caixas de papelão, passagens para Cancún, universidades privadas. Os *spots* publicitários eram melhores que as telenovelas e os cantores da moda.

Não achava estranho: todos os seus amigos cineastas, hoje desempregados, faziam bico com um nome falso em agências de publicidade. As pessoas estavam habituadas a essa linguagem. Era a que seria conveniente para seu produto “Não”. Apresentá-lo apetecível como um sorvete de morango, como um champagne francês, como férias em Punta del Este, como um vestido de Falabella, como um frango crocante *a la spiedo*.

Disse isso a Magdalena quando se sentaram para jantar. Enquanto o ouvia, a mulher esfarelou o pão e começou a fazer bolinhas com as migalhas. Até que não conteve mais o silêncio e, limpando com um tapa a toalha, enfrentou o marido.

— O “Não” à ditadura não é um produto. É uma profunda opção ética e política. Você tem de convencer as pessoas de que é a dignidade delas que

está em jogo. Você sempre manteve uma postura ética. Não vai se prostituir agora.

Bettini também elevou a voz.

— Sei que o “Não” não é um produto. Mas, para convencer as pessoas, Pinochet fez publicidade na televisão durante quinze anos. Eu só tenho quinze minutos para seduzir os “indecisos” a votar contra ele. Tenho que incentivar os chilenos a comprar algo que hoje não há no mercado.

— O quê?

— Alegria! Partamos de um desenho, de uma ideia simples que sirva para ser o cartaz da campanha.

Abriu uma cartolina branca em cima da toalha e prendeu suas bordas com facas.

— Vamos por partes — sugeriu a mulher. — O que essa ideia simples deve expressar?

— Deve ser um desenho que, mesmo visto de relance, deixe claro que há dezesseis partidos que diferem essencialmente entre eles, mas que se uniram para triunfar.

Magdalena desenhou na cartolina um traço com uma caneta Pilot preta.

— Uma mão. O que você acha? São cinco dedos, mas uma única mão. Dá a ideia de unidade e diversidade.

— Hum... Faltam dedos nessa mão.

A mulher trabalhou sobre a imagem inicial.

— Então duas mãos que se estreitam. Dez dedos!

— Todos os dedos são da mesma cor.

Magdalena derramou nanquim na cartolina.

— Uma mão branca e uma mão preta.

— Quem vai olhar para ela? Este é o único país da América Latina onde não há negros.

— Olhe isto: uma mão apertando uma aquarela.

— Não é ruim. Mas uma mão que aperta é um punho. Os socialistas e os comunistas podem gostar de um punho, mas os democrata-cristãos e os liberais não.

— Esqueçamos as mãos. Qual é o texto que acompanha a imagem?

— “Não.”

— Nada mais?

— O “Não” é mais forte só do que mal acompanhado. Todos têm de ter uma razão para votar “Não” e o cartaz tem que ser muito amplo.

— Está faltando conteúdo, Adrián. “Não mais tortura”, “Não mais miséria”, “Não mais desaparecidos”, “Não mais exílio”.

— *Nãoooo* me cante o mesmo tango triste que temos dançado todos estes anos. O novo tem de ser a alegria. A promessa de algo diferente.

— Frívolo e banal.

— Minha clavícula quebrada lhe agradece esses elogios.

— Você não tem princípios.

— Mas tenho fins. E meu fim é que devo fazer com que o “Não” vença, e com sua ajuda patética, militante e melancólica não irei muito longe.

— Mas o que é que lhe falta?

— Alegria. A luz no fim do túnel.

— Como transformar uma palavra negativa em uma coisa positiva? Para os do “Sim” é fácil. “Sim à vida!”, “Sim ao Chile!”.

— Preciso de uma pausa. Preciso de uma trégua. Preciso de um milagre.

A campanha soou melodiosa como uma sineta de trenó natalino. Ambos se viraram ao mesmo tempo para o relógio na parede e depois ficaram olhando com a pergunta pendurada nas mandíbulas.

Quando a campanha voltou a soar, Magdalena colocou o cabelo para trás, prendeu-o com um elástico e se dirigiu à porta.

— Eu abro — disse.

DEZESSETE

Os meninos do movimento Pro FESES (Federação dos Estudantes Secundários de Santiago), que querem unir os estudantes secundaristas de toda a capital, pensam que o fato de papai estar desaparecido é um excelente pretexto para ocupar o colégio e me convidam a participar de uma reunião na biblioteca.

Eu sigo as instruções do velho e lhes digo que não me meto em política. De acordo com Patricia Bettini, isto não é se meter em política porque se trata do pai de um deles, do professor de um deles.

“Mas não o seu”, digo-lhe, me enrolando no cachecol.

Embora logo me arrependa, pois anos atrás agarraram seu pai e lhe quebraram a clavícula.

Sei de memória os princípios do movimento secundarista: desestabilizar a ditadura provocando desordens para criar a sensação de que o país é ingovernável, e unir todos os que estão contra Pinochet, tenham ou não partido político, embora só queiram confusão, *just for the fun of it*.

Aqui todos estamos com a mania de dizer algumas frases em inglês. Nós as aprendemos nas canções ou com nosso professor Rafael Paredes, que mês que vem parte para Portugal por ter sido contratado para fazer um filme. Meu velho acha que é um momento muito oportuno para ele ir a Portugal, à Grécia ou a qualquer lugar, porque sabe com certeza que a polícia anda atrás dele e de toda a sua família.

Meu velho e o professor de inglês são grandes amigos. Só que têm uma discussão interminável. Não chegam a um acordo sobre quem é o maior homem da história. Meu pai vota em Aristóteles — em quem tudo nasce e termina, afirma — e Paredes, em Shakespeare. No fundinho do meu coração eu estou mais próximo do professor Paredes, mas não posso enfrentar papai.

Claro que os dois são ferinos.

Meu velho é mais discreto. Mais sossegado. Paredes projeta sua presença como um cantor de ópera.

Se o professor de inglês entrasse na clandestinidade, não demorariam a agarrá-lo, pois tem quase dois metros de altura e um vozeirão que retumba nos velhos muros do colégio quando entra na sala. De manhã dá aulas e à noite atua em um grupo teatral. Sempre lhe dão papéis de rei, de comendador, ou de ministro, porque é de fato uma figura impressionante. Quando chega, atira o livreco de chamada na mesa e recita frases de Shakespeare que devemos memorizar e analisar em uma folha que devolveremos no dia seguinte.

A última foi: “*Stars, hide your fires! Let not light see my black and deep desires.*” Temos que espremer o cérebro para descobrir o que Shakespeare quis dizer com isso. O que acontece é que Macbeth está tentando ser rei e o caminho mais direto ao trono é assassinar o próprio rei. Pinochet, digamos. Mas não consegue se decidir. Embora sua esposa o incite. A mulher é muito pior do que Macbeth.

O professor Paredes chama William Shakespeare de “tio Bill”.

Na verdade, esta vai ser a última frase que entrará na prova de inglês depois da estreia de *La cueva de Salamanca*, e promete que vai corrigi-la “com piedade” se atuarmos bem.

Depois da prova será sua despedida, pois só voltará em outubro, se é que vão deixar que entre no Chile, já que o filme que vai fazer na Europa é muito crítico.

Os milicos não gostam de filmes críticos.

O clima continua ruim. A chuva se impregna nos nossos rostos e a fumaça dos automóveis nos faz tossir. Na esquina, nos protegemos debaixo do telhado do ponto de ônibus fumando um cigarro e sem a menor vontade de ir logo para casa.

Ao nosso lado está um sujeito de cabelos longos e capa de chuva azul que chama nossa atenção quando olha na direção contrária à do ônibus que está vindo. De repente tira do bolso um maço de panfletos e entrega um a cada um de nós. Depois sobe no primeiro micro-ônibus que passa e, ainda no estribo, pisca um olho para a gente.

O panfleto azul se intitula “Ação” e contém instruções para a ocupação do liceu em protesto contra a demissão de professores. Eu acho que ficamos todos com vergonha de jogar o papel na calçada e ele acaba indo parar na mochila.

DEZOITO

O homenzinho que tocava a campainha da casa com o alvoroço de um maquinista de trem tinha uma cabeleira hirsuta que se elevava dez centímetros acima de sua testa e as lentes de seus óculos eram grossas, como fundo de garrafa. Um bigode caótico cobria seus lábios; parecia que nenhum fio rimava com outro. Sua roupa não ficava atrás: um terno preto lustrado pelos anos emitia lampejos aqui e ali, e estes contrastavam com algumas manchas de vinho ou ketchup, coisa que Magdalena Bettini não soube definir à primeira vista.

— Senhor? — tentou inquiri-lo a mulher, espantada com o aspecto surpreendente do sujeito.

— Aqui é a casa de Adrián Bettini?

— De fato.

— Do grande publicitário Adrián Bettini?

— Isso é o que alguns dizem.

O homenzinho se inclinou fazendo uma reverência antiquada.

— Preciso falar com ele.

— De que se trata? — disse Magdalena, tentando fechar um pouco mais a porta para impedir que o homenzinho empinado na ponta dos pés visse seu marido no fundo da sala.

— É confidencial.

— Sou a esposa dele. Pode falar comigo com toda a confiança.

— É confidencial, senhora, confidencial.

— Mas se pudesse pelo menos me dizer da parte de quem vem...

O homem pigarreou, limpando ao mesmo tempo a testa com um lenço cinza. Ou com um lenço que algum dia tinha sido branco. Outra coisa que Magdalena teve dificuldade de discernir.

— Venho da parte do jovem Nico Santos. Minha contrassenha é “Nicômaco”. Para exagerar nos detalhes: a ética de Aristóteles. Posso entrar agora?

A mulher abriu a porta mais um pouco e o homenzinho penetrou na casa com a velocidade de um lagarto. Em segundos estava diante de

Bettini, que respondeu com uma sóbria inclinação de cabeça à versalhesca reverência do visitante.

— *Mister Bettini, I guess?* — disse, com um sorriso que levou seu espesso bigode até o nariz.

— *Yes!* — exclamou o publicitário.

— Muito prazer em conhecê-lo, cavalheiro. Meu nome é Raúl Alarcón, mas meus amigos me chamam de Florcita Motuda, florzinha peluda. Tenho um metro e cinquenta e oito centímetros de altura e sou poeta e compositor.

— Como posso servi-lo?

— Quem me mandou foi Nico Santos. Nicômaco, sogro.

— Diga.

— Nico me disse ontem no colégio que o senhor vai encarar a publicidade do “Não” com alegria. Que o senhor vai nos dizer que, quando o “Não” ganhar, a alegria voltará a este país.

Bettini trocou um olhar com a esposa e viu que esta colocava um dedo na têmpora indicando que o inesperado hóspede tinha um parafuso a menos.

— Essa é a minha intenção. Mas até o momento não cheguei muito longe. Nem sequer tenho uma canção para a campanha.

— Foi por isso que Nico, Nicômaco, me mandou procurá-lo. Eu tenho a canção de que o senhor precisa para a campanha.

— É uma composição sua?

— Oh, não. Foi composta por Johann Strauss. Mas a letra é minha.

— Cante-a, por favor.

Alarcón balançou a cabeça em várias direções como se estivesse picotando a sala com os olhos.

— *Habemus* piano?

— *Habemus* — respondeu Bettini, sentindo que uma súbita palidez tomava conta de seu rosto.

Levou-o ao estúdio, levantou a tampa do Baby Grand e indicou ao visitante uma cadeira giratória. Antes de se sentar, o homenzinho limpou o paninho que cobria as teclas com a manga do paletó. Desfilou os dedos em um par de escalas e aspirou profundamente antes de golpear novamente as teclas com um acorde estrondoso.

O minuto seguinte foi uma empolgada interpretação de “Danúbio azul”. Depois se deteve abruptamente e cravou um olhar desafiador no

dono da casa.

— Saca a melodia?

Apesar da crescente palidez, Bettini não pôde deixar de sorrir diante do coloquial “saca”, a princípio impróprio para esse personagem que lhe parecia arrancado da página de um romance picaresco espanhol do Século de Ouro.

— Saco. Trata-se do “Danúbio azul” de Strauss.

— O senhor acredita que exista neste país algum indivíduo ou indivíduo que não seja capaz de cantar esta canção?

— Francamente duvido. É um tema muito grudento.

Alarcón bateu alegremente nas coxas.

— Grudento. De fato, um tema muito grudento.

— Agora estou curioso para saber aonde tudo isso nos levará.

Os olhos do homenzinho faiscaram.

— Quer dizer que está encucado?

Se Bettini não havia acreditado em seus olhos ao ver Florcita Motuda em seus trajes atemporais, agora não acreditou em seus ouvidos depois de ouvir esta verdadeira antologia de gírias. Mas a curiosidade o incitava mais que o espanto.

— Estou encucado, Alarcón. Profundamente encucado.

— Então segure a onda. Veja se consegue sacar. — Pigarreou e umedeceu os lábios. — Perdão pela expressão, cavalheiro.

— Adiante.

Depois de uma breve e florida introdução ao piano. Raúl Alarcón, aliás, o Chiquitito, também chamado por seus amigos de Florcita Motuda, cantou a seguinte letra, acompanhado pelo imortal “Danúbio azul” de Strauss:

*Começa-se a escutar o “Não”, o “Não”
em todo o país, “Não, não”,
cantam os de lá, “Não, não”,
também os de cá, “Não, não”,
canta a mulher, “Não, não”,
e a juventude, “Não, não”,
o “Não” significa liberdade,
todos juntos pelo “Não”.*

Pela vida: “Não.”
Pela fome: “Não.”
E ao exílio: “Não.”
À violência: “Não.”
Ao suicídio: “Não.”
Todos juntos dançaremos
este “Não”.

Não, não.
Não, não.
Não, nãoooo.
Não, não, não.
Não, não.
Não, nãoooo.
Não, não.
Não, não.
Não, não.
Todos juntos dançaremos
este “Não”.

Não, não.
Não, não...

- Me permite que o interrompa por um momento, senhor Alarcón?
- Logicamente, senhor Bettini.
- Tenho que fazer uma ligação exatamente agora.
- Compreendo.
- Volto já.

Bettini discou os números do telefone de Nico Santos como se o estivesse apunhalando.

- Nico?
- Dom Adrián!
- Alarcón está aqui em casa.
- O Chiquitito?

Bettini olhou o personagem, que lhe fez um gesto engraçado com a mão.

- O Chiquitito, sim.

— E o que o senhor acha?

— Acho que se voltar a me mandar um louco como este não o deixarei entrar mais em minha casa. Além disso, proibirei Patricia de voltar a vê-lo.

— Mas o que está acontecendo, dom Adrián?

— Está acontecendo que acredito que neste país não cabe nem mais um grama de loucura e você enfia em minha própria casa o rei dos loucos!

— E então?

— E então o quê?

— Não queria alegria, dom Adrián? Aí está, pois “Não, não, não, não, não, não dá...” Eu acho genial.

Bettini cortou a ligação, colocando, lúgubre, o telefone no gancho. Com a cabeça baixa caminhou até Alarcón, que o aguardava cheio de expectativas.

— O que achou da minha “Valsa do Não”, senhor Bettini?

O publicitário deixou as sílabas caírem de sua boca como se fossem pedras:

— Genial, *senhor Alarcón*. Genial.

— Obrigado, mas eu só me atribuo metade da obra. A outra metade se deve ao talento de Strauss.

— Alarcón e Strauss.

— Uma dupla vitoriosa.

— Você e Strauss se entendem à perfeição.

— Como gêmeos.

— Como unha e carne, como cu e cueca.

— Exatamente.

Bettini agarrou-o pelo pescoço e conseguiu levantá-lo do chão sem dificuldade. Meio desequilibrado, levou-o para porta de saída, onde lhe deu um empurrão final.

— Fora!

Foi então que se deu conta de que, com a chave na mão, Patricia Bettini acabara de presenciar a estranha cena.

DEZENOVE

Estamos na aula de ginástica, saltando sobre um cavalete para depois dar uma cambalhota em um colchonete e voltar correndo para a fila de alunos e começar tudo de novo.

Vestimos camisetas brancas e calções e o exercício não é suficiente para afastar o frio. Esfregamos as coxas e os antebraços. O professor sopra um apito de juiz de futebol sempre que quer que mudemos o ritmo dos saltos e das piruetas. Manda um menino de nossa idade que está ao seu lado ficar observando tudo o que fazemos. Depois de um tempo me pede para deixá-lo ficar na minha frente na fila.

— É um aluno novo — diz.

— Um chileno que está voltando da Argentina.

Aquece as palmas das mãos soprando entre elas.

— De onde você vem? — pergunto.

— De Buenos Aires. Meu velho estava exilado e permitiram que voltasse. Tiraram o “L” do seu passaporte.^[2]

— Como você se chama?

— Héctor Barrios.

— E como o chamam? Tito?

— Não. Chileno.

— Bem, procure outro apelido; aqui no Chile todos são chilenos.

Corremos juntos até o cavalete, mas antes de saltar ele fica paralisado e olha angustiado para o professor.

— O que aconteceu, Barrios?

— Não sei, mestre — diz com um acento totalmente argentino —, é que ao chegar ao cavalete achei que era muito alto e não acreditei que conseguiria saltá-lo. Não acreditei.

— O cavalete foi projetado para jovens de dezoito anos. Volte para a fila e salte.

Acompanho-o de volta ao ponto de partida.

— Uma vez saltei por cima de um desses e torci o pulso — me diz.

— Está bem. Esqueça. Eu explico ao professor.

— Obrigado. Como você se chama?

— Nicômaco. Mas me chamam de Nico.

— Em Buenos Aires eu tinha um colega de escola que se chamava Heliogábalos.

— Como o chamavam?

— Gabo.

— Como Garcia Márquez?

— Sim.

Tomo impulso, corro, atravesso a barra de couro sem tocá-la e giro suavemente pelo colchonete. Depois vou até o professor.

— O que está havendo com o Che?

— O pulso, professor. Fraturou-o de uma maneira horrível.

— Na Argentina?

— Pobrezinho — assinto.

— Não me diga!

Faz-lhe um sinal para que se aproxime.

— Vou livrá-lo desta, Che. Tudo pelo abraço de San Martín e O'Higgins.

Barrios bateu no meu peito com um dedo.

— Sabia que iam me chamar de Che aqui no Chile.

VINTE

Patricia viu o homenzinho se levantar da calçada e se afastar como um cachorro com o rabo entre as pernas, sem ao menos sacudir a poeira do paletó.

— Meu Deus! O que você fez, papai?

Bettini entrou em casa dando as costas à filha e falando com ela.

— Estou tentando compor uma canção para a publicidade do “Não” e esse louco se enfia aqui em casa e começa a cantar “Não, não, não, não” com a música do “Danúbio azul”.

— Você expulsou o Chiquitito?

— Chiquitito? Faz sentido, mas sua loucura é inversamente proporcional ao seu tamanho!

— Mas, papai... Ontem ele cantou essa valsa na Scuola Italiana. É pegajosa. Hoje todos os estudantes do meu ano a estavam cantando.

Bettini parou bruscamente.

— Os estudantes *indecisos*?

— Todo mundo. A valsa é genial, papai.

Entraram no estúdio e o publicitário limpou com a manga do paletó as teclas como se quisesse apagar as pegadas de Alarcón.

— “Genial.” A mesma coisa que me disse há pouco seu namorado Nico Santos.

— Mas é verdade! Ele também foi ao instituto e tocou-a para os alunos de lá. Vai cantando de liceu em liceu, de universidade em universidade. Os próprios estudantes o escondem quando os tiras aparecem.

— Não é necessário. É tão pequeno que bastaria lhe dar um uniforme para que fosse confundido com um aluno.

Sentou-se ao piano e, enfatizando com o pedal, começou a tocar a melodia emblemática dos anos de Allende: *O povo unido jamais será vencido*.

— Preciso encontrar um acorde que harmonize liberais, democrata-cristãos, socialistas, social-democratas, radicais, cristãos de esquerda,

verdes, humanistas, socialistas renovados, comunistas, centristas... Que cacofonia!

Patricia ficou ao seu lado até que Bettini fechou suavemente a tampa do piano, colocando um ponto final em suas agruras.

— Papai, não seja tão retrô. Se quer incentivar as pessoas a votar “Não” com alegria, precisa compor uma música que seja realmente alegre.

— É o que estou tentando fazer, mas não consigo encontrar nada.

— Um tema que siga a onda.

— Um rock?

— Sim, um rock. Mas uma coisa leve, como as músicas dos Beatles. Você tem de levar as pessoas a sentirem que é maravilhoso dizer não. Maravilhoso dizer não!

Patricia imitou o movimento juvenil de pescoço com o qual Paul McCartney conduzia o ritmo agitando seus longos cabelos.

— “*She loves you, yeah, yeah, yeah...*”

— Só que no meu caso teria de ser “*She loves you, não, não, não...*”. Que merda vou fazer com esse maldito “Não”?

— Algo juvenil, sedutor, gracioso. Uma coisa com um gritinho final: “Não, oh, oh...”

Bettini esfregou as pálpebras querendo apagar as visões daquele pesadelo.

— “Não, oh, oh...”?

— É isso. “Não, oh, oh...”

— Até logo, Patricia.

— Você vai sair?

— Não. Quem vai sair é você!

VINTE E UM

Laura Yáñez está em meu apartamento. É a melhor amiga de Patricia Bettini e ao mesmo tempo totalmente diferente dela. Laura é boa aluna e tem lábios finos, seios pequenos e cabelos castanhos, lisos, que caem em um rabo de cavalo amarrado com um prendedor artesanal. Laura é morena, ri com estridência e a boca reluzindo a gel. Tem, em pleno inverno, a pele bronzeada como se estivesse sempre acabando de chegar da praia, sua bolsa está cheia de figuras de ídolos pop que aparecem na televisão, seus lábios são carnudos e acentuados por um batom vermelho que passa quando sai do colégio. Seus seios inflam a blusa do uniforme, e ela a desabotoa, de propósito, o suficiente para que possamos ver a vertiginosa curva superior de seus peitos firmes. Vive rindo para exibir seus dentes perfeitos e fica todo o tempo balançando os quadris como se estivesse ouvindo alguma música tropical.

Faz um único comentário a respeito de sua vida escolar: “Sou uma leoa em uma jaula.” Este lema é confirmado pela sua caderneta escolar, na qual, no fim do semestre, os números escritos em vermelho parecem uma festa das cerejas.

Preparo-lhe uma xícara de chá e não me pergunto o que traz Laura Yáñez a minha casa sem Patricia Bettini. Prefiro não saber. Sua contribuição para nosso “chazinho” é um pacote de biscoitos Tritón, daqueles redondos, sabor chocolate, recheados com um creme branco. Depois do primeiro gole diz que veio me pedir um favor.

Chegou à conclusão de que mesmo que queimasse as pestanas estudando dia e noite nunca passaria nos exames finais do segundo semestre com todas aquelas notas vermelhas e por isso seria obrigada a repetir de ano.

— Imagine — diz — o efeito que isso teria em meu espírito. Todas as minhas companheiras vão para a universidade, ou ficam noivas para casar, e eu continuo na jaula, mas agora com as imbecis das turmas inferiores, que não consigo suportar. E isso na melhor das hipóteses, pois meus pais já me ameaçaram, dizendo que não têm dinheiro suficiente para continuar

pagando a Scuola Italiana. Estão cansados de fazer sacrifícios. Dizem que se eu repetir de ano vão me mandar para alguma escola técnica ou para o Instituto de Gastronomia e acabarei trabalhando como cozinheira em um hotel qualquer.

“Para concluir”, ela morde com melancolia aponta de um biscoito Tritón, “decidi abandonar a escola agora mesmo e começar a trabalhar e a ganhar meu dinheiro para comprar as coisas de que gosto.”

O chá tem sabor amargo, pois está sem açúcar, mas bebo em silêncio.

Sei quais são as coisas de que Laura gosta: de sujeitos mais velhos, de ser a rainha das discotecas dançando salsa, de blusas dois tamanhos menores para destacar seus seios palpáveis, de jeans esculpido sobre as curvas firmes de suas nádegas, de ver séries de televisão sonhando que um dia seduzirá um produtor que a descobrirá e a contratará para trabalhar em uma delas e assim se tornará popular e milionária.

Não dá a menor importância a Aristóteles e Shakespeare. A única coisa de que gosta em *Hamlet* é quando Polônio pergunta ao príncipe o que está lendo e ele responde: “palavras, palavras, palavras.” Para Laura, toda a cultura universal está contida em palavras, e estas são um cheque sem fundo. Segundo ela, todo mundo enche a boca quando fala de democracia, mas diz que basta só ver o que acontece no Chile. Sua filosofia: você deve viver intensamente o dia de hoje, porque de todo modo será assassinado quando menos esperar.

Conclusão: quer abandonar agora mesmo o colégio e começar a trabalhar.

Fica me olhando como se tivesse acendido o pavio de uma bomba e esperasse a explosão.

Eu não digo nada porque estou pensando no que estou vendo, e o que estou vendo em minha mente, em uma tela tamanho cinemascope, é o que espera Laura se abandonar o colégio.

Para não falar, coloco meio biscoito na boca e o mastigo fazendo barulho. Ela levanta as sobrancelhas e me pergunta o que acho. Sei muito bem o que acho, mas também sei muito bem que não sou ninguém para ficar opinando a respeito de nada e no fundo o que me irrita agora é querer saber por que Laura me procurou para contar essa história e por que não a contou, por exemplo, a Patricia Bettini.

— Então você quer saber minha opinião — digo.

— Na verdade, não, Santos. Já decidi.

Tira do bolso um estojo de maquiagem e olha a comissura dos lábios no pequeno espelho ovalado, e depois passa a ponta da língua pela região onde há uma pequena ferida que certamente está ardendo.

— Você contou essa história para Patricia?

— Claro que não.

— É sua melhor amiga.

— É minha melhor amiga, mas também é muito crítica.

Levanto da cadeira e abro a janela que dá para o terraço.

Só passa um pouco das seis, mas já escurece em Santiago. Os pneus dos ônibus rangem no chão molhado e os apitos dos carabineiros não conseguem desfazer o engarrafamento. Os motoristas tocam as buzinas como se isso pudesse ajudá-los de alguma maneira.

Coloco mais chá nas xícaras. Quando meu pai vai voltar?

— Preciso que você me ajude, Santos.

— O que quer que eu faça?

— Arranjei um trabalho bem pertinho daqui.

— Onde?

— Atravessando a rua.

— E daí?

— Não posso contar a meus pais que vou abandonar o colégio. Sairei de casa de uniforme, mas preciso que você me empreste seu quarto para trocar de roupa, vestir uma coisa mais sexy. Não precisarei mais do que cinco minutos.

— Olhe, Laura, é melhor você não abandonar o colégio. Eu posso ajudá-la com o inglês e a filosofia. Patricia, com a matemática.

— E química, e física, e história, e artes plásticas?

— Prefiro não ajudá-la a trocar de roupa.

— Por favor, Santos. São cinco minutos. É só nas terças e quintas-feiras.

— Não.

— Você é meu melhor amigo.

— Patricia Bettini é sua melhor amiga. Não eu.

— Por que não quer me ajudar?

— Porque não e pronto. Simplesmente sinto que não devo ajudá-la.

Laura Yáñez fica em pé e me fuzila com o olhar.

— Você é um moralista, Santos.

Acho estranha a presença de uma palavra tão complexa na boca de Laura Yáñez.

Porque o que realmente quer me dizer é que sou um cagão.

Ou, como diria meu velho, “Você não é ético, Nicômaco”.

— Faça o que quiser. Pode usar o apartamento. Aqui estão as chaves do meu velho.

VINTE E DOIS

Bettini ficou testando acordes, encheu cinzeiros e cinzeiros com cigarros que não acabara de fumar, bebeu uísques puros e com gelo e depois, meio bêbado, meio exausto, se espalhou no teclado e teve um sonho. As imagens tinham a grandiosidade e a nitidez de uma tela cinemascope.

No palco do Teatro Municipal, um coro de cerca de cem homens e mulheres em trajes de gala — eles, de smokings, e elas, de vestidos longos de seda — espera a chegada do regente enquanto a orquestra afina cordas e metais seguindo as instruções do primeiro violinista. A esta inquieta confusão se adicionam as animadas conversas do público que ocupa as poltronas de veludo vermelho e o tilintar das pulseiras das damas que olham com curiosidade para os camarotes, onde posam com indiferença algumas figuras da alta sociedade chilena.

No sonho, Bettini vê a si mesmo nos bastidores e acha que sua função ali é fazer um sinal para que o regente da orquestra e do coro suba ao palco e ocupe seu pódio. Percebe o nervosismo da plateia pelas tosses e pelo farfalhar dos leques usados pelas damas para evitar que o suor borre a maquiagem.

A afinação dos instrumentos chega pouco a pouco ao fim até que tudo desemboca em um silêncio de expectativa. O primeiro violinista se sentou e dirige a vista aos bastidores, assentindo com o queixo. Um funcionário do Municipal, portando uma tabuleta onde há anotações técnicas, se aproxima de Bettini e, tocando seu cotovelo, lhe diz:

— Sua vez, maestro.

Em uma lufada de péssima inspiração, Bettini percebe que está vestido com um impecável terno, casaca, peitilho imaculadamente branco e engomado, e que aquilo que está em sua mão é uma batuta. Recorda então que desde que conversara com o ministro do Interior não havia sentido a garganta tão seca. Seus pés parecem esculpidos em chumbo e não consegue sair do lugar até que o esbirro lhe sorri, amável, mas também compulsivamente profissional.

O homem ao seu lado comete uma impertinência: empurra suavemente Bettini para o proscênio e, ao vê-lo entrar, os músicos ficam em pé e o público lhe dirige uma salva de palmas.

Tendo certeza de que a batuta que aperta em sua mão direita é um punhal que não saberá usar, sente certo alívio ao ver que poderá adiar sua iminente derrota fazendo exageradas reverências ao público que o aplaude. A ovação se dilui até se extenuar, mas não demora a se transformar em um aplauso absoluto e maciço dos milhares de espectadores que viram simultaneamente seus rostos para o lado esquerdo do palco. O olhar de Bettini também vai nessa direção, e ele acredita estar tendo um pesadelo dentro do pesadelo ao descobrir que o personagem que chega para ocupar o posto de solista aos pés de sua tribuna é o senhor Raúl Alarcón, quer dizer, o Chiquitito, ou seja, Florcita Motuda.

O minúsculo sujeito não parece ser vítima dos terrores de Bettini e lhe estende alegremente a mão. O maestro a aperta e, sem saber quem, quando, onde, como nem por que escreveu este roteiro para ele, ergue os dois braços e, com um enérgico movimento do pulso, arranca da orquestra os compassos da “Valsa do Não”, opus 1, de Strauss e Motuda.

Ignora tudo, mas agita a batuta como se se tratasse da Quinta Sinfonia de Beethoven. E, depois de um longo suspense, com um gesto do queixo indica a Raúl Alarcón que assuma seu papel de solista, e o senhor Alarcón, peito inchado, orgulhoso, satisfeito consigo mesmo, acomete os primeiros versos de sua coautoria com Strauss:

*Começa-se a escutar o “Não”, o “Não”
em todo o país, “Não, não, não, não”...*

E em menos tempo do que se esperava, uma onda de sopranos, contraltos, barítonos, baixos, tenores ataca o delicado estribilho:

*Não, não, não, não, não.
Não, não, não, não, não...*

O exuberante abajur de lágrimas de cristal do Municipal tilinta com as vibrações e reflete em um carrossel mágico o brilho das joias das damas da plateia.

E Bettini sente que a batuta começa a naufragar no suor de suas mãos, na caldeira de transpiração que empapa seu colarinho engomado, nas

pesadas gotas que nublam sua vista.

Mas falta tão pouco.

Apenas um impulso. Nada além de um vibrato dos barítonos fechando solenemente aquele “Não” que originará a explosão dos agudos das sopranos, e chega, enfim — finalmente, enfim — o final, e os aplausos se tornam mais fortes, e Bettini sabe que deve se virar e saudar, mas é impedido agora por um efeito arrebatador: as potentes vozes do coro conseguiram perfurar o teto do Municipal e por ali, vindo de um céu impecavelmente turquesa, desce um arco-íris de infinitas cores, obrigando-o a se ajoelhar em êxtase para orar a esse Deus instantaneamente criado, ali mesmo.

Sente que o abraçam, que o sacodem.

Abre os olhos, e atrás da cortina multicolorida da última cena de seu sonho surge sua esposa acompanhada de Olwyn, que o aponta com um dedo compulsivo:

— Bettini! Estão aqui comigo o costureiro que vai fazer as camisetas do “Não”, o artista que vai confeccionar as bandeiras do “Não”, o gráfico que vai imprimir o cartaz do “Não” e o cineasta que vai filmar a imagem do “Não” para nosso programa de televisão. Bettini! Você já fez o símbolo da campanha?

O publicitário estica o braço e alcança a tecla preta mais aguda do teclado, aperta e, usando o pedal, mantém a vibração no ar.

— Um arco-íris — sussurra.

— Bettini?

— Um arco-íris. O símbolo da campanha do “Não” é um arco-íris.

Olwyn estende sua muda perplexidade à equipe de realizadores e culmina sua angústia cravando os olhos em Magdalena. A mulher levanta os ombros e Olwyn aponta exemplarmente o copo de uísque meio vazio na borda do piano.

— Um arco-íris, Bettini?

— Um arco-íris, senador.

— Dom Adrián, isto é uma campanha política e não um carnaval. É verdade que a bandeira norte-americana tem umas estrelinhas muito engraçadas, mas... um arco-íris! Nunca se viu uma coisa dessas.

— Pois bem, agora será vista.

— Quando me recomendaram você, disseram que era o melhor publicitário do país. Não me deixe na mão.

De repente Adrián parece sair de seu transe. Sente isso no ritmo de sua nova resposta: o *staccato* com que costumava deslumbrar, em seus anos de glória, os clientes cujas contas cobiçava.

— Ouça, senador. O arco-íris reúne as condições que queremos. Tem todas as cores e é uma coisa só. Representa todos os partidos do “Não”, mantendo as características de cada um. É uma coisa bela que surge depois de uma tempestade, e todas essas cores atendem ao que o senhor queria, dom Olwyn: alegria!

O líder político tem um momento de intensa dúvida. Não sabe se deve se entregar à sensação de desmaio que o ameaça ou àquela tímida esperança que começa a desenhar um sorriso em seus lábios.

Estala os dedos e se dirige a sua equipe:

— Senhores, o símbolo da campanha do “Não” é o arco-íris! Coloquem-no nas camisetas, nos bonés, nos cartazes, nas avenidas, nos muros, no céu!

Depois, com mais voluntarismo do que fé, avança até o publicitário e envolve-o em um abraço.

— Teve muita dificuldade de chegar a essa ideia genial, Bettini?

O homem olha com certa melancolia o copo de uísque e, aproximando seus lábios do rosto do ex-senador, sussurra em seu ouvido:

— *Nocte dieque incubando.*

— O que é isso, homem?

— Latim. Colégio de padre, senador.

— E o que significa?

— “Pensando nisso noite e dia.”

VINTE E TRÊS

O professor Paredes acaba de chegar à sala de aula e sua capa de chuva está molhada. Carrega uma sacola de papel com mortadela, pão e uma garrafa de água mineral. Não almoçou. Diz que se atrasou porque o professor de inglês de uma escola particular da província está fazendo quimioterapia e ele aceitou substituir o colega para que não parem de pagar seus salários. Os dois metros de altura de Paredes são repletos de solidariedade. Às segundas-feiras é obrigado a passar metade do dia viajando de micro-ônibus para ir e vir de Rancagua. Gasta parte de seu próprio salário com as passagens, mas, enquanto o Colégio de Professores examina um pedido de ajuda de custos para o colega com câncer, evita que sua família morra de fome. Não conta o que todo mundo já sabe: o presidente do Colégio de Professores está preso.

O professor Rafael Paredes tem pressa. A passagem para ir filmar em Portugal chegou e ele não quer deixar no meio do caminho a peça que ensaiamos com o grupo teatral do colégio. Na próxima semana, ao meio-dia, haverá a grande estreia, o que transforma os atores em heróis: os meninos terão permissão para faltar às aulas a fim de poder assistir à peça. A coisa de que mais gostamos é de matar aula. Os idiotas não entendem bulhufas de teatro, mas, para se livrar de física ou química, certamente lotarão o salão nobre.

Trata-se da farsa de Cervantes *La cueva de Salamanca*. É uma comédia: um marido se despede da mulher para ir ao casamento da irmã em outra cidade. Quando o homem parte, a dona de casa e sua criada se preparam para uma orgia com seus amantes, o barbeiro e o sacristão da aldeia.

Bem, meu papel é o do sacristão.

O figurinista me trouxe uma túnica roxa e alguns medalhões que penduro no pescoço. Quando estamos no auge do pega-pega com a criada e a senhora, o marido volta e um hóspede recém-chegado, um estudante de Salamanca, convence o traído de que tanto eu como o barbeiro somos dois fantasmas. O cornudo se dá por satisfeito com a magia de Salamanca e

todos acabamos brindando como se fôssemos amigos. O reitor estará na estreia, assim como todo o corpo de professores e o tenente Bruna, administrador do nosso colégio. Ele é um grande partidário de que os alunos participem das atividades teatrais e literárias extracurriculares, pois acredita que assim ficarão afastados das desordens políticas.

O que o tenente Bruna não sabe é que, quando o porteiro se retira e nos entrega as chaves, *La cueva de Salamanca* libera o palco e aparecem dois atores profissionais que estão ensaiando com o professor Paredes uma obra muito crítica do autor argentino Eduardo Pavlovsky, conhecido como Tato, chamada *El señor Galíndez*. Esta sim é outra coisa. Trata-se de dois torturadores que, enquanto esperam suas vítimas políticas, torturam duas putas mandadas por seu chefe, o senhor Galíndez.

A obra de Pavlovsky foi trazida por Che Barrios escondida dentro de *A ilha do tesouro*, de Robert Louis Stevenson.

Por coisas como essas é que meu velho acha que é urgente que seu colega Paredes vá passar férias em Portugal, porque, embora *El señor Galíndez* deva ser apresentada clandestinamente em salas improvisadas, há dedos-duros em todos os cantos e em algum momento ele poderá ser delatado.

Vários atores estão ameaçados de morte. Semana passada foi o aniversário do popular Julio Junger e um mensageiro lhe levou de presente uma coroa fúnebre. Junger e o professor Paredes atuaram juntos há alguns anos em uma obra de Harold Pinter chamada *O encarregado*.

Eu estou a salvo fazendo o pícaro sacristão. Mas nunca se sabe. Na semana passada o Ministério de Educação proibiu uma obra de Plauto escrita há dois mil anos por considerá-la blasfema. Claro que a obra se chamava *O soldado fanfarrão*. Parece que Pinochet achou que era com ele.

Preferiria estar atuando em *El señor Galíndez* do que em *La cueva de Salamanca*, mas meu velho morreria três vezes se ficasse sabendo. Além do mais, participam da peça dois atores excelentes proibidos de trabalhar em telenovelas. Aqui a TV é toda de Pinochet. Quando aparece alguém que não é partidário de Pinochet, é mostrado algemado e dizem que é terrorista.

Patricia Bettini quer ir embora do Chile quando terminar o colégio. Diz que este país não tem remédio. Eu também iria, mas não posso deixar meu velho sozinho.

Não tem quem cuide dele. Sinto muito sua falta.

Tenho a impressão de que nada se mexe e que o Chile vai apodrecer com Pinochet. Há alguns meses ele foi emboscado e atiraram no carro em que viajava. Claro que não acertaram. As balas explodiram no vidro blindado. À noite Pinochet apareceu na televisão e mostrou como as balas haviam danificado o vidro e disse que era um milagre que estivesse vivo, e que a prova disso era que o impacto das balas desenhara no vidro o rosto da Virgem Maria. Não é de se estranhar que agora peça ao papa que o canonize.

Esses disparos deixaram os milicos muito nervosos. Foram imediatamente para as ruas matar gente em represália. Não acredito que meu pai tenha algo a ver com isso. É um pacifista. Diz que a violência só traz mais violência. Mas eu não sei. Tudo o que estudei no colégio diz que o mundo avança com atos de violência: a revolta dos escravos, a Revolução Francesa, a guerra mundial contra os nazistas. Mas o Chile é muito pequeno.

Ninguém se importa com o que acontece com a gente.

Se Patricia Bettini fugir do Chile, perderei a vontade de viver. Ela estuda na Scuola Italiana. Temos em comum o professor Paredes: ele ensina inglês nos dois colégios e dirige teatro nos dois lugares. Aqui, Cervantes (entre parênteses, Pavlovsky), e lá, Ionesco.

Comigo faz Cervantes, com Patricia Bettini, Ionesco.

Ela tem um avô realmente italiano que vive em Florença. Entende os filmes italianos sem nenhum problema. Assiste sem precisar ler as legendas.

Canta as canções de Modugno e sabe um poema de Leopardi: “*Fratelli, a un tempo stesso, amore e morte ingenerò la sorte*”. (“Irmãos sempre unidos, amor e morte uniu seu destino”).

Fico arrepiado porque isso acontece muitas vezes. Estudamos com o professor Paredes *Romeu e Julieta* e é exatamente isso.

Na verdade é melhor que Patricia vá para a Itália. Quer fazer alguma coisa pelo meu pai. Quem sabe em que confusão pode se meter aqui. Mas eu corto os pulsos se partir.

Nicômaco em Verona.

VINTE E QUATRO

O elenco de voluntários trazidos por Magdalena, produtora da campanha televisiva do “Não”, inclui as seguintes espécies que Adrián Bettini — ainda não habituado aos trejeitos excêntricos inaugurados pelo *angelorum* Alarcón — observa com pavor.

Um estudante universitário barbudo se apresenta e lhe pede que faça uma pergunta.

— Que pergunta?

— Me pergunte o que eu diria a um ditador.

— Bem — disse Bettini. — O que você diria a um ditador?

O rapaz olha para a esquerda, olha para a direita, olha para a frente e mostra então uma língua enorme na qual desenhou um arco-íris e em cima do arco-íris a sílaba “Não”. Espera ansioso a reação do publicitário.

— Está bem — diz Bettini, querendo dizer outra coisa.

Querendo dizer, na verdade, que entrou em um tobogã de delírios, como se todo o Chile tivesse consumido uma droga resistente a qualquer tratamento.

— Se me permite uma sugestão — acrescenta o jovem barbudo —, recomendo que, quando eu mostrar a língua com o “Não”, o senhor coloque como trilha sonora o rugido de um leão.

— Está bem — diz Bettini, tentando entender por que tudo vai mal.

E então Magdalena chama o segundo candidato a aparecer no programa de televisão do “Não”.

Trata-se de um bombeiro.

Com jaqueta de bombeiro.

Com capacete de bombeiro.

Cumprimenta Bettini batendo suavemente em sua testa e afirma, solenemente:

— Os bombeiros do Chile estão com o “Não”.

Incapaz de pensar em alguma coisa mais sofisticada, Bettini pergunta como um bombeiro poderia ajudar a publicidade do “Não”. O homem tira das costas um copo-d’água, levanta-o como se estivesse brindando e imita

com a boca a sirene de um caminhão-pipa: “Não, não, não, não, não, não, não, nãoooooooooooooooooo.”

Quando termina, sorri e bebe um gole da água que tem na mão.

Bettini não bebeu uma gota de álcool durante todo o dia, mas desconfia que está bêbado. Caminha até a parede do fundo, onde descobre o namorado de sua filha Patricia, o instigador Nico Santos, tentando decorar linhas de um livro.

— Você também é voluntário para aparecer na TV do “Não”?

— Não, dom Adrián. Estou me preparando para minha prova de Shakespeare com o professor Paredes.

— E o que está lendo?

— *Macbeth*.

— Sabe algum trecho?

— Sei.

— Então vejamos.

O jovem, em vez de parar para declamar, se deita em um colchonete azul e, apoiando o queixo na mão esquerda, deixa o discurso de Macbeth fluir.

— “Derramou-se muito sangue nos tempos antigos antes que a lei humana adocicasse os Estados.

“Então eram cometidos crimes muito terríveis para serem contados.

“Houve um tempo em que os homens morriam com o cérebro triturado, e isso era o fim.

“Mas agora os mortos se alçam com vinte feridas mortais no crânio e nos expulsam de nossos tronos.

“Isto é mais estranho que o crime em si mesmo.

“Acho que agora o professor Paredes vai me dar uma nota sete — disse Nico cantarolando para dissimular um bocejo. — Em que está pensando, dom Adrián?”

Bettini esfrega os olhos e aperta com força o septo nasal com dois dedos.

— Na realidade. Onde está a realidade, Nico? Em Shakespeare ou nesses loucos lá do set?

O jovem Santos se levanta olhando para o fundo do estúdio, onde surge um grupo de rapazes com malhas de bailarina carregando um arco-íris de cartão-pedra.

VINTE E CINCO

Ontem à noite fomos a um concerto de Los Prisioneros. Bem, concerto propriamente não. Tocata. Quando um grupo de rock se apresenta, chamam aquilo de “tocata”. Claro que este foi tocata e fuga porque quando saímos do galpão de Matucana havia vários furgões cheios de tiras diante das portas.

A princípio não prenderam ninguém, mas não faltou um desmiolado para gritar dirigindo-se a eles: “O que estão fazendo aqui, tiras, vira-latas, porcos!”, e aí os tiras pegaram os cassetetes e começaram a bater em nossas cabeças e tivemos que debandar correndo. E foi preciso correr muito porque os donos dos bares, quando viram a polícia chegar, desceram as portas metálicas e não conseguíamos achar um lugar onde pudéssemos nos esconder.

As letras de Los Prisioneros são críticas, mas o país não é tão crítico como suas letras. Essa é a beleza do rock. Parece que as canções estão mais vivas do que as pessoas. A bateria e as guitarras dão a impressão de eletrizar nossas veias. Dão vontade de sair da tocata e ir atirar pedras no palácio La Moneda. Mas a verdade é que no dia seguinte estávamos todos de cabeça baixa, sonolentos e tentando ler na última hora o texto de história antes da prova de leitura.

Os professores dão suas aulas sem o menor interesse, olhando a todo momento para o relógio a fim de ver quanto falta para a campanha tocar. No Chile os professores são desprezados, mas não fiquei sabendo disso pelo meu próprio velho.

Esta canção de Los Prisioneros é minha favorita:

*O planeta precisa de sangue latino,
vermelho, furioso e adolescente.
Adeus, barreiras, adeus, setenta.
A força está vindo, a voz dos oitenta.*^[3]

Patricia Bettini, por sua vez, ouve os discos do seu velho. Os Beatles e todo o resto. Sabe canções de Joan Baez e de Bob Dylan e diz que uma coisa é cantar que a força vem dos oitenta e outra que ela venha mesmo. Não acredita que o rock vá derrotar Pinochet. Na verdade, seu hino nacional é “Imagine”, de John Lennon, que é muito pacifista. Acha que não há como depor Pinochet e que, assim que terminar o colégio, vai viver em Florença.

Tremo todo porque os italianos têm boa pinta, se vestem como príncipes, vão a barbeiros de um milhão de dólares o corte e jogam futebol como deuses. Quanto a mim, ela me diz que se a amo é melhor ir aprendendo italiano.

Soa parecido com o espanhol, mas tudo é muito enganoso. Por exemplo, uma “*persecución*” não é uma *persecuzione* ou algo parecido, mas um *seguimento*. Me emprestou um par de livros e sublinho o que gosto e entendo. Por exemplo, isto de Dante é muito bom: “*Libertà va cercando, ch’è sì cara, come sa chi per lei vita rifiuta.*” (“Vai procurando a liberdade tão querida, que por ela até despreza a vida.”)

O professor Santos lavaria minha boca com água e sabão se me ouvisse dizer isso. Aqui em casa, só ele pode ser herói. Não quer que eu me meta em coisa nenhuma. Por isso também aprendi o verso de uma *canzonetta* com o qual outro dia deixei Patricia Bettini boquiaberta: “*Tu sei per me la più bella del mondo.*”

Quando saí da aula, ela estava me esperando. Assim que me viu, se atirou em meus braços e pediu que a abraçasse com força, o mais forte que pudesse, pois queria morrer. Eu deixei a mochila cair e apertei-a atrás do carrinho que vende *hot-dogs* porque todo mundo estava olhando para a gente. Não parava de tremer e suas faces ardiam. Levei-a ao Indianápolis, enfiei-a no banheiro feminino e molhei seu rosto com água gelada.

Viera correndo da Scuola Italiana.

Quando ela chegou, de manhã, um helicóptero estava sobrevoando Apoquindo e antes de entrar na sala de aula viu alguns automóveis sem placa estacionados perto da esquina.

Não me chama a atenção que isso tivesse chamado sua atenção, porque são coisas que as pessoas aprendem a perceber no Chile mesmo sem querer.

Quando ela estava entrando no colégio, encontrou o professor Paredes, a quem sempre cumprimenta com um beijo. Nesse momento saíram de um

carro três caras da polícia, que o agarraram, o arrastaram e o enfiaram no automóvel. O reitor do colégio começou a lutar com os caras, mas eles o agrediram, o jogaram no chão, raptaram o professor Paredes e fugiram com ele no veículo.

Desde então ela não parou de tremer.

Vieram os carabineiros e ela lhes contou tudo o que havia visto e lhes falou dos carros sem placa. O reitor continuava sangrando no chão. Pouco depois chegou em um carro diplomático o cônsul da Itália. Desceu correndo do automóvel e pediu a todos os alunos que entrassem na escola.

Dante.

A liberdade.

Não sei como, mas eu, que a abraço para que pare de tremer, também estou tremendo.

VINTE E SEIS

Primeira sessão.

Bettini convenceu o embaixador da Argentina a convidar os líderes da oposição chilena a participar de uma homenagem ao diretor de cinema Armando Bo e a sua atriz principal, Isabel Sarli. Foram enviados alguns convites para uma projeção de *Carne*; depois haveria uma degustação de vinhos pinot de Mendoza e a apresentação de um novo cabernet sauvignon de um empresário chileno que tinha vinhedos em Pirque e era chamado carinhosamente pelos banqueiros de Democrata Neoliberal.

Bettini queria que os dirigentes políticos dos partidos da aliança contra Pinochet estivessem presentes para abençoar de uma vez por todas o programa de televisão que lhe causara tantas angústias. A presença desses líderes, homens experientes, daria um ar sério à reunião na qual, na verdade, seriam projetadas as primeiras imagens da campanha do “Não” em vez da erótica história de Sarli, uma criatura inocente que no filme não consegue entender por que desperta a luxúria e a selvageria dos homens.

O embaixador da Argentina, em vez de dizer “*È arrivato Zampanò*”, como disse Giulietta Masina a Anthony Quinn em *La strada*, saudou seus convidados com um cúmplice “*È arrivato il No*”.

Olwyn não quis assistir à estreia da campanha do “Não” porque sabia que estava sendo vigiado e tentava se movimentar sem que ninguém soubesse. Se fosse à embaixada, poderia acabar, por imprudência, revelando os mistérios das imagens do “Não” a seus rivais. Os líderes dos partidos também não foram; enviaram representantes do segundo escalão.

A ausência de Olwyn levou Bettini a pressagiar um desastre. Se o homem que lhe pedira “alegria” não estiver presente, como conseguiria, por exemplo, explicar a “Valsa do Não” de Florcita Motuda aos aguerridos e sofridos militantes de esquerda, que o submeteriam a um interrogatório?

Entenderiam sua estratégia, a de embrulhar a cicuta em papel de bala?

Preferia assistir aos quinze minutos da campanha ao seu lado para o caso de ter lhe escapado algum detalhe; queria ter certeza de que a

exibição do programa na televisão não estaria correndo risco por causa de alguma besteira, de alguma imagem solta.

Era necessário ser prudente. Denunciar, mas não provocar. Até mesmo elogiar Pinochet por sua coragem de querer mostrar ao mundo que era um democrata. Queria ter tempo de consertar qualquer impertinência que tivesse cometido involuntariamente antes de os censores assistirem ao programa; assim seu prestígio de estrategista permaneceria incólume.

Por isso sugerira ao embaixador que convidasse Olwyn para ver o filme de Isabel Sarli. “Impecável”, pensou.

Os espões do ministro do Interior informariam ao chefe que Olwyn participara de um encontro cultural na sede do país irmão. Mas não suspeitou de que o diplomata tinha, de fato, um vídeo de *Carne*.

— O senhor é um perfeccionista, embaixador. Certamente quando vai a um batizado exige que lhe mostrem o bebê, e, em um funeral, fica irritado se não há um cadáver.

Bettini acomodou, pessoalmente, os austeros emissários de Olwyn nas poltronas mais confortáveis de uma primeira fila improvisada. O embaixador lhes ofereceu cigarrilhas holandesas, Patricia providenciou banquinhos para que pudessem esticar as pernas, e Raúl Alarcón, aliás Florcita Motuda, se esmerou em suas reverências ao passar ao seu lado.

Che Barrios conectou os alto-falantes e Bettini lhe estendeu a mão, sugerindo que se sentasse ao seu lado. Queria ter o privilégio de ver seu trabalho, tendo o jovem técnico improvisado ao seu alcance caso precisasse interromper a projeção.

O embaixador disse algumas palavras antes da projeção do filme de Isabel Sarli. Afirmou que esperava ser gratamente surpreendido por tão distintos artistas. Precisava informar aos distintos amigos presentes que o ministro do Interior o chamara na segunda-feira para garantir aos diplomatas credenciados no Chile — e que estes o fizessem a seus respectivos países — que podiam ter absoluta confiança de que, fosse qual fosse o resultado do plebiscito, recomendaria ao general Pinochet que respeitasse o veredito das urnas.

— Bem... Bem... — disse o embaixador, pedindo de antemão desculpas pela vulgaridade da expressão que citaria textualmente com um sorriso que exibiu seus dentes perfeitos —; também me disse o seguinte: “que, se vocês perderem, devem reconhecer que fizeram uma cagada.”

O embaixador transandino concluiu assim seu discurso de saudação ao ato “ecumênico” — outro sorriso diante do achado do adjetivo —, em que os líderes da oposição veriam, na presença dos próprios criadores, os quinze minutos da campanha de Isabel Sarli que estrearia nos canais de televisão dali a poucos dias.

— Embora a Constituição de 1980 obrigue Pinochet a realizar este plebiscito, também é verdade que os militares têm o poder de enfiar a constituição vocês sabem onde quando quiserem fazer o que vocês também sabem. Não vejamos as coisas tão em preto e branco, certo? O general cumpre, certo?

Apontou Bettini com seu cigarro e o manteve nessa posição dirigindo-se à plateia.

— Para dizer a verdade, agora temo ver algo genial; todos conhecemos o curriculum deste talentoso publicitário. Um homem que é “amarguinho como a vida” e a quem, em determinado momento, o próprio ministro do Interior pediu que fizesse a campanha pelo “Sim”. Ele, que define a si mesmo como um David diante de Golias, optou por enfrentar o presidente, apesar dos riscos evidentes. Está em seu legítimo direito. Bem, agora estou morrendo de curiosidade em saber o que ele inventou para arrancar o general do coração dos chilenos.

O embaixador pegou com uma mão o vídeo de *Carne* e com a outra a fita do “Não” e, inclinando-se sobre os delegados dos partidos, perguntou se podia então abrir mão de Isabel Sarli, apesar das “duas poderosas razões que ela tem para ocupar a tela”.

Todos riram muito e o jovem estudante chileno Héctor Barrios, recém-repatriado da Argentina, apertou o botão play. O embaixador diminuiu a luz e teve início a projeção dos quinze minutos da campanha do “Não”.

VINTE E SETE

Segunda sessão.

O jovem Nico Santos não pôde comparecer à estreia privada da campanha do “Não”, pois quase na mesma hora, na aula magna de seu colégio, teria lugar a primeira apresentação da farsa *La cueva de Salamanca*.

Convidados especiais. Na primeira fila: o reitor e o militar responsável pelo colégio, o tenente Bruna, que incentivava as atividades culturais como um antídoto contra os protestos políticos a que os alunos eram propensos.

Adequadamente maquiado para representar o papel de sacristão sibarita e lascivo, Nico assomou ao proscênio por uma fresta da cortina. Agradeceu com uma reverência de bailarino os aplausos e as vaias que seus companheiros lhe dedicaram da plateia e, pedindo um minuto à maneira dos treinadores de basquete, limpou a garganta; sabia que iria violar o pacto que fizera com seu pai de não se meter em confusão. Sofria com sua ausência, mas pelo menos se consolava com o fato de que ele não ficaria sabendo da loucura que estava prestes a fazer. Se o professor Santos estivesse no meio do público, certamente intuiria o que Nico se preparava para dizer e levaria um dedo rígido aos lábios mandando que se calasse.

— Os senhores devem estar se perguntando, respeitável público, o que faço aqui vestido de sacristão.

— Sim! — rugiram os estudantes.

— Sou um personagem da obra de Cervantes *La cueva de Salamanca*.

— Maldita caverna, chega! — gritou um debochado da última fila.

Uma risada se espalhou por todo o auditório. E Nico, contemporizador, decidiu não reagir aos protestos, mas sem perder de vista seu próximo objetivo.

— Espero que se divirtam com essa obrinha de Cervantes. Conhecem Cervantes, não é mesmo?

O tenente Bruna assentiu satisfeito.

— *Dom Quixote* — disse o militar em voz alta.

— O autor de *Dom Quixote de La Mancha* — concordou Nico Santos, agradecendo ao tenente com um sorriso por sua preciosa informação. — É uma obra breve que espero que lhes agrade. Tínhamos planejado estreiar na próxima semana, mas, considerando os terríveis acontecimentos que envolvem o professor Paredes, diretor desta obra, antecipamos a estreia para chamar a atenção de vocês, companheiros, e das autoridades do colégio, para o sequestro do professor, que hoje é — engoliu em seco — um “preso desaparecido”.

Os professores que escoltavam o reitor e o tenente na fila de honra pararam de sorrir ao mesmo tempo. A expressão “preso desaparecido” era tabu. No máximo podia se dizer “desaparecido”. E quase sempre agregando, como nos noticiários, “em circunstâncias não esclarecidas”.

Nico Santos acendera o pavio de uma bomba, e os alunos olharam para a porta de saída como se não quisessem estar ali.

O reitor estalou os dedos e indicou a Nico que a cortina fosse aberta.

— Que comece o show — disse tão jovialmente como pôde.

Mas Nico Santos continuava se agitando no proscênio, possuído por uma repentina insensatez que nublava seu cérebro e acelerava sua língua.

— Diriço-me especialmente ao senhor, tenente Bruna, para lhe pedir que use sua alta patente e sua influência no Exército para que nos devolvam nosso querido professor de inglês e diretor desta peça.

— Faremos tudo o que for possível — afirmou Bruna, sacudindo discretamente o queixo.

O silêncio tomou conta da sala. Santos e o tenente ficaram se olhando nos olhos durante dez segundos. Até que a bela adolescente do Liceu 1, o de meninas, que fazia o papel de esposa, entrou em cena. O volume de seus seios não escapou à lúbrica plateia juvenil. Estava vestida para provocar esse efeito. Começou a acariciar o marido e a chorar falsas lágrimas. A hipocrisia era acentuada por um dedo que as perseguia enquanto rolavam por suas faces.

Quando o marido e futuro corno está saindo do palco, a mulher faz um gesto obsceno com o dedo indicador para cima e grita:

— “Vá para a casa da puta da Ana Díaz. Vá e não volte; desapareça como fumaça.”

Nico Santos fica observando dos bastidores o tenente Bruna balançar com impaciência o pé da perna direita cruzada sobre a esquerda. Levanta a fralda de sua túnica púrpura de sacristão e enxuga o suor da testa.

VINTE E OITO

A frase favorita de Bettini era de Albert Camus: “Tudo o que sei da vida aprendi jogando futebol como goleiro. Especialmente que a bola nunca chega aonde a pessoa está esperando.”

O homem de rosto sisudo eleito ali mesmo pelos representantes dos partidos para ser o porta-voz de todos autorizou que o embaixador colocasse mais uma pedra de gelo em seu uísque e depois levantou o copo à altura dos lábios.

— Acho que Olwyn se enganou, Bettini. Você não é mais o melhor. Foi o melhor.

— Achou a campanha tão ruim assim?

— Inofensiva como água com açúcar. Esse pretensamente irônico desfile dos comandantes com a valsinha de Strauss ao fundo até torna os militares simpáticos.

— Então não vai aprová-la?

— Uma valsinha de Strauss! Não temos mais tempo para mudar nada. Estamos fodidos.

— Uma valsinha de Strauss... — repetiu Bettini passando o copo de uísque na testa para amenizar o calor.

— Eu esperava que Troia ardesse: que atacasse Pinochet com a questão dos presos desaparecidos, dos direitos humanos, das torturas, do exílio, do desemprego... E você nos vem com uma piadinha aqui, outra piadinha acolá... E a valsinha de Strauss! Me diga, Bettini...

— Senhor...?

— Cifuentes... Em que momento perdeu a bússola?

— Realmente não sei. Fiquei tantos anos sem trabalhar...

— Pinochet pode ganhar o plebiscito porque tem colhões. Você, aparentemente, só tem canções.

O publicitário murmurou algo em um tom tão baixo que Cifuentes foi obrigado a se inclinar para conseguir ouvi-lo.

— O que você disse, Bettini?

— Canções e clavículas quebradas.

— Não diga besteiras, homem.

O embaixador abraçou os dois e levou-os ao balcão. O trânsito avançava com dificuldade pela avenida Vicuña Mackenna.

— Que desastre! — exclamou o embaixador. — Parece que os semáforos desta rua só têm luzes vermelhas.

VINTE E NOVE

Arranco a folha do calendário. O mês que começa está repleto de feriados. As Festas Pátrias, o Dia do Golpe, o Dia do Exército. No rádio dizem que no mês da pátria os presos serão anistiados. Talvez soltem meu velho.

Falta pouco para o plebiscito.

O pai de Patricia muda de escritório a cada três dias. Tenta evitar que roubem a fita gravada com a campanha contra Pinochet. Quer manter as imagens em segredo para que os publicitários do “Sim” não possam reagir.

Estamos na aula de desenho. A professora acabou de falar dos girassóis amarelos de Van Gogh. Diz que as cores despertam sensações, estados de espírito. A azul é a mais triste de todas. É uma cor fria, como o verde. As outras são quentes. Estamos em silêncio com nossas aquarelas, tentando pintar alguma coisa que desperte emoções. No outro lado da página temos de escrever o que pretendíamos com o desenho. Espio o trabalho de Che. Trata-se da cordilheira, mas em vez de neve colocou nos cumes anjos sacudindo as asas. Não sei aonde quer chegar.

Eu não tenho como me perder. Atrás escrevi: “Alegria”, e na frente estou pintando um arco-íris.

Entra o inspetor Pavez. Temos instruções de ficar em pé sempre que chega uma visita. Mas o inspetor nos indica com as mãos que devemos permanecer sentados. Alguma coisa na direção de seu olhar me leva a intuir que não devo me sentar. E é isso mesmo, pois diz com sua voz rouca:

— Santos.

Sei o que todos os meus colegas de sala estão pensando. Sei que se lembram do dia em que levaram meu pai. E sei que sabem que agora vão me levar. Papai tinha razão. Não devia ter me metido em confusões. Fui estúpido ao fazer meu discursinho diante do tenente Bruna. O inspetor tem uma expressão grave. Uma seriedade fúnebre. Agora temo que tenham encontrado meu pai. Temo que o tenham encontrado morto e que é isso o que o reitor vai me dizer, daí o rosto contraído de Pavez.

Os meninos se sentaram, menos Che.

— Vou acompanhá-lo.

Passa a mão no meu ombro e aperta meu braço. Sinto a garganta áspera.

Olho meus desenhos em cima da mesa e fico sem saber se devo guardar meu material na mochila antes de sair. Tudo é terrivelmente lento: eu não quero partir e ao que parece o inspetor Pavez quer adiar o momento de me levar à reitoria.

— De que se trata, inspetor? — diz suavemente a professora de desenho.

O homem não responde e dá um soco no ar me ordenando a me apressar. Opto por deixar tudo como está.

— Por que você colocou anjos no lugar da neve, Che — pergunto me soltando de seu abraço.

— Precisamos de loucos.

Vira rapidamente as páginas de seu caderno de desenho e na maior parte delas há um anjo. Às vezes voando, ou deitado, ou sentado na privada, ou com uma galinha nas mãos.

TRINTA

Enquanto subia no carro levando de volta o vídeo que seria o primeiro programa da campanha do “Não”, Bettini duvidou que fosse conseguir coordenar bem seus movimentos. Os drinques em excesso não eram nada quando comparados com o sismo que percorria seu corpo. Quer dizer que os delegados políticos achavam que sua campanha era inofensiva, um simpático comentário de pé de página, uma mosquinha morta, um fraco chazinho de velhinhas?

Todas as noites de insônia e fúria contra o piano para parir “alegria” não haviam levado a nada além de sorrisos irônicos dos homens que o haviam contratado.

O ministro do Interior, o grande inimigo, conseguira que lhe quebrassem a clavícula, mas seus próprios clientes haviam quebrado sua alma.

Sentiu o estômago revirar. Os olhos inchados. A chuva era o fiel cão acompanhante dos mendigos. Sentiu pena de si mesmo. Abraçou-se a sua autocomiseração.

Esse “Não”, que deveria ser seu reencontro com a criação, começava a parecer uma carta de despedida.

Seu pai lhe ensinara a não ter expectativas em relação a nada, a não fazer com que sua vida dependesse do eventual resultado de alguma ação. “Pense sempre que vai perder.” Uma filosofia totalmente diferente da adotada por sua esposa Magdalena e suas amigas: conselhos para melhorar a digestão, autoajuda, budismo aplicado à vida cotidiana, zen para isso, zen para aquilo. Os maus pensamentos atraem as coisas ruins. Se pensar positivamente, a felicidade virá até você mexendo o rabinho. Acreditara no *fucking* “Não” como no anjo da guarda quando era criança. Delegara a ele sua proteção, seus anseios. Havia remado contra a sensatez e a sua certeza de que desta vez David não venceria Golias. Que a força da poesia era menor do que a do pulmão de um canário e, portanto, não conseguiria ferir o ogro.

O pensamento poético de Magdalena era puro *wishful thinking*. O marulho da ditadura havia atirado sobre as rochas e as praias nada mais que detritos de naufrágios: Raúl Alarcón e seu *partner* Strauss, e Olwyn, convencido por sua boa-fé de que poderia chegar a ser o rei da liberdade; seu sonho — o arco-íris desprendido do céu — era a premonição de um cataclismo e não um hino de vitória.

Colocou a chave na ignição do carro e sentiu que o gás do cano de escapamento entrava no cubículo por algum dos vários orifícios de sua velha carroceria. O cheiro de Santiago estava ali, um animalzinho indefinido duplicando-se na chuva alentado pelos faróis dos automóveis que avançavam com dificuldade na hora do rush, mordendo os pneus recauchutados até a ignomínia.

A primavera logo chegaria, mas não a dos poetas. A maldita primavera da canção que tocava no rádio.

A primavera de setembro dos militares que haviam dado o golpe em uma terça-feira 11 e que agora — quando chegasse o plebiscito de outubro — veriam as manchas vermelhas de seus uniformes serem limpas em um passe de magia. Pinochet venceria confortavelmente e continuaria esmagando o país, incólume, morrendo de rir. Seus almirantes levantariam mais uma vez taças de champanhe borbulhante.

E o povo apontaria o dedo para ele.

Adrián havia optado, como no poema de Frost, pelo caminho menos transitado, e este desembocou na originalidade, mas também no abismo.

Sua campanha pelo “Não” e pela alegria não animava ninguém!

Aliviado, o ministro do Interior autorizaria sua exibição na TV graças ao inofensivo coro do futuro prêmio Nobel Raúl Alarcón. Aquela “valsinha” havia agitado o pavio explosivo que o povo esperava que fosse aceso na breve vitrine de quinze minutos. Humor inocente em um país que derramara sangue tentando conquistar a liberdade!

Inofensivo.

Ao chegar à esquina, levou instintivamente a mão ao nariz, reagindo a um espirro. Esse segundo foi suficiente para que seu carro batesse no veículo da frente. Não havia sido grande coisa, apenas mais uma marca no velho Fiat, um rasgão a mais na vida, em nada comparável com o amassado maior em sua alma.

Da resignação fatalista pulou para o pânico ao descobrir que o veículo que havia atingido era um furgão dos carabineiros.

Em uma lufada de lucidez, escondeu a fita U-Matic com a campanha do “Não” embaixo do assento do motorista e girou, resignadamente, a maçaneta que abria sua janela.

As buzinas dos motoristas impacientes diante desse novo engarrafamento se amplificaram pela janela aberta. Faziam seus nervos rangerem, justo nesse momento em que precisava de calma, prudência, sagacidade. Têmpera. Bom humor.

Ali estava agora o carabineiro e seu característico excesso de formalismo lhe ordenando, azedo:

— Seus documentos.

Ao enfiar a mão no paletó para pegar a carteira veio junto o convite para o ato cultural da embaixada argentina. Sentiu que havia ali a possibilidade de uma saída, um artifício simples, capaz, talvez, de amortecer o golpe inevitável.

Entregou o convite com o escudo transandino. Depois de examiná-lo com desânimo, o policial o devolveu com indiferença.

— Seus documentos, senhor.

— Sim, sim, meu tenente — disse Bettini procurando na carteira. Enquanto o fazia, como se estivesse exibindo um absurdo salvo-conduto, acrescentou: — Saiba o senhor que venho de uma recepção na embaixada argentina. Logo aqui. A duas quadras. Na Vicuña Mackenna. Uma recepção do senhor embaixador.

O homem uniformizado pegou os documentos, protegendo-os da chuva com a mão esquerda.

— Seu nome é Adrián Bettini?

— Sim, meu tenente. Estou vindo de uma recepção na embaixada argentina. A embaixada da irmã República Argentina.

— Desligue o motor e desça.

— Com muito prazer. Não sei como este lamentável acidente aconteceu. O asfalto molhado...

— O asfalto está molhado para todo mundo. O senhor foi o único a bater.

— Sim, meu oficial. É que eu vinha de uma recepção na embaixada argentina...

— Consumiu álcool?

Tentou, absurdamente, disfarçar seu hálito. E, também absurdamente, respondeu:

— Acho que não.

— Vai ter que me acompanhar à delegacia, cavalheiro.

Outro policial desviou o trânsito para um lado e indicou a Bettini que estacionasse o automóvel em cima da calçada.

— Tá ferrado. Dirigir sob efeito de álcool e dano a veículo público a serviço das Forças Armadas e da Ordem.

Depois de ter estacionado o automóvel ao lado de um plátano oriental, Bettini desceu do carro, trancou-o e quis guardar as chaves no bolso. O carabineiro segurou seu pulso.

— Eu fico com as chaves.

— É que...

— É que o quê?... Você acha que os carabineiros vão roubar seu carro? Não podia dizer *o quê*.

Ali estava a campanha do “Não”, que em poucos dias seria apresentada a todo o Chile. Para sua humilhação. Para seu funeral. Seu apocalipse. Para que dizer alguma coisa?

— Estou vindo de uma recepção na embaixada argentina...

TRINTA E UM

O inspetor me deposita diante da secretária do reitor como se fosse um pacote do qual quisesse se livrar depressa. Sem se despedir, sai da sala. A porta fica aberta e posso ouvi-lo subir correndo a escada que leva ao segundo andar.

A secretária aperta um botão e entra em contato com o reitor. Só diz uma palavra:

— Santos.

Com um gesto, indica que eu entre.

Entro naquele recinto que só me traz más recordações. Estive ali duas vezes. Fui suspenso por mau comportamento e a mais alta autoridade do colégio me comunicou: “Volte com seu responsável.” A outra havia sido por notas ruins em química.

“Ácido sulfúrico. Escreva a fórmula, Santos, cem vezes no caderno.”
“Água, professor! H_2O ! Me dê um momento, professor Guzmán.” “Só não o expulso porque é filho do professor Santos.”

“Nunca mais, reitor.”

“Vou estudar. Prometo.”

Hoje a sala me parece ainda mais escura e fria que nessas ocasiões. O aquecedor à parafina está desligado. As cortinas caem, espessas. Os quadros a óleo com os rostos dos próceres que estudaram em nosso liceu parecem ainda mais antigos. Cores frias. Muito preto, e marrom, e azul, e verde.

O reitor está sentado atrás de sua escrivaninha e parece desenhar alguma coisa em um papel. Provavelmente está enchendo a página com círculos de vários tamanhos. É a mesma coisa que faço às vezes, quando estou esperando alguma coisa.

Na poltrona de couro, larga, macia e gasta, arranhada por um gato, vejo o tenente Bruna. Seu quepe está cuidadosamente colocado sobre seus joelhos colados. Com disciplina.

Ninguém diz nada.

Não me cumprimentam.

Eu também não falo.

— Faz frio lá fora — comenta o reitor.

Como se quisesse confirmar, vai até a janela e levanta um pouco a cortina. A luz que penetra por alguns segundos passa feito uma lufada diante do rosto do militar, que olha absorto a ponta de suas botas. Ainda há um silêncio que eu suporto esfregando as coxas.

— Sim, faz frio — repete o tenente depois de uma eternidade. — Trouxe seu casaco, Santos?

“Vão me levar”, penso. As lágrimas invadem meus olhos. Por mim. Mais do que por mim, por meu pai. As lágrimas não caem.

— Santos — diz o tenente ainda com a vista baixa. — A vida é difícil para todo mundo. Para os militares. Para os professores. E também para os alunos. Compreende?

Compreendo, mas não sei o que está querendo me dizer. Quer me dizer que vão me levar? Minha jaqueta de couro está pendurada em um gancho da sala de aula. A jaqueta de couro preta. As gotas de chuva resvalam por ela. Gosto de como me vejo nela. Gosto quando, brincando com Patricia Bettini, ela me bate nas costas e ouço “chas”.

Agora ouço a ponta da esferográfica do reitor riscando a página. Estamos os três aqui, dançando o silêncio. Como quando alguém morre e pedem um minuto de silêncio. Passa um ônibus com o escapamento quebrado e depois se afasta. Novamente o silêncio. Inflado.

— Eu... — diz o tenente Bruna.

E se interrompe.

Dá um pulo feroz e me abraça. Depois me afasta e exhibe seu rosto. Está triste. O tenente Bruna está tristíssimo. Meus joelhos tremem. Quero perguntar o que está acontecendo, mas minha garganta está sem som.

“Meu pai”, penso.

O militar limpa o nariz e recupera sua postura. Abre a porta e pede à secretária que vá a minha sala e traga a jaqueta.

— Uma preta. De couro — acrescento.

— Preta. De couro — repete ele.

Lá fora há um jipe com o motor ligado. O chofer é um soldado em uniforme de combate. Desses que se metamorfoseiam com a cor do deserto. Como nos filmes.

Levanto a trava metálica. O frio se concentra em me queixo. O jipe não tem capota. Amanhã tenho prova de história. Não consigo estudar. A

média das minhas notas no secundário está fraquinha. Me defendo em inglês, filosofia e castelhano. A professora de desenho vai com a minha cara.

No semáforo da esquina, o jipe freia. Não acredito. Bettini e Laura Yáñez estão atravessando a rua juntas. Abraçadas. Parecem felizes. Não sabem nada do que está acontecendo comigo. Pergunto-me se Santiago sempre foi triste assim. Não chamo as meninas. De maneira nenhuma. Morreriam se me vissem neste jipe militar.

O tenente Bruna esfrega um pouco o rosto. O frio ataca com força.

Subimos pela Recoleta, pegamos o Salto e desembocamos em um bairro cheio de terrenos baldios.

O jipe chega a uma zona fechada por um caminhão de militares. Também estão lá dois fotógrafos com credenciais envoltas em plástico pendendo sobre seus peitos. E um padre que bebe café em um copo de plástico. As pessoas estão encostadas nas paredes de suas casas, ou sentadas no degrau da entrada. Ao longe giram as hélices de um helicóptero. Soldados rasos levantam as faixas de plástico branco e vermelho quando veem que o tenente Bruna está vindo.

Ele não os cumprimenta. Eles lhe indicam um poste de iluminação a alguns metros de distância. Puro cimento frio. Alto. A luz está apagada. Há muitas nuvens brancas, com alguns farrapos de turbulência negra de vez em quando.

Chegamos ao poste. Com um gesto rude, um policial civil que usa uma espécie de distintivo na lapela indica a Bruna a grossa lona estendida no chão. Ela cobre alguma coisa. O tenente lhe ordena com um movimento do queixo que a levante. O agente obedece, afastando a lona em toda a sua extensão. É o corpo de um homem.

O professor Paredes.

Seus olhos estão fechados e ao redor de seu pescoço há um ou mais lençóis manchados de sangue.

— Degolado — diz o homem do distintivo ao tenente Bruna.

Não consigo dizer coisa alguma. Não posso respirar. Sinto um jato no meio das pernas. Me dobro sobre o ventre e caio de joelhos.

O tenente Bruna passa a mão nos meus cabelos.

— Fiz o que pude, rapaz — ouço-o dizer. — Você me pediu e Deus sabe que fiz tudo o que pude.

TRINTA E DOIS

Sentiu familiaridade com o repertório dos “retidos”. Um bêbado deitado ao longo de um banco de madeira, um estudante sangrando por causa de um golpe de cassetete, uma vendedora de rua, um dirigente sindical algemado.

Duas horas sem que nenhum funcionário tomasse qualquer providência. De vez em quando aparecia um oficial, dava uma olhada no grupo e desaparecia em alguma sala dos fundos. A prisão era sempre assim. A sensação de um tempo infinito, improdutivo. Uma antessala do incerto. Esse espaço intermediário que se infla com a desolação. A espera humilhante. Tempo para imaginar os entes queridos inquietos por sua ausência. O uniformizado de plantão tecendo em uma velha máquina Remington algum boletim de ocorrência que meses mais tarde talvez seja lido por um juiz local.

Da última vez que fora preso queriam lhe dar um bom castigo. Em uma manifestação de rua contra o aumento das tarifas do transporte tentara resgatar uma jovem que estava sendo arrastada para um furgão policial por agentes à paisana.

Sem estar organicamente ligado a esse ato, obedeceu ao impulso de seu coração. No interrogatório, não soube dar nomes de contatos, nem endereços dos revoltosos do movimento, porque simplesmente os ignorava.

Às vezes seu maldito coração o fazia andar, imprudentemente, mais depressa do que a cabeça.

Em outras ocasiões, com as verdades queimando na ponta, sua língua disparava e ele começava a falar, mesmo sabendo que pagaria por isso. Em todas essas ocasiões havia sido ele, somente seu próprio corpo, que estivera em jogo. Mas agora tudo podia desembocar em uma catástrofe que envolveria muita gente: se as imagens da campanha do “Não” chegassem às mãos do ministro do Interior, não apenas colocariam em risco as pessoas que haviam emprestado seus rostos para cantar e criticar o ditador, mas denunciariam o caráter de sua campanha a seus rivais do

“Sim a Pinochet”: lhes daria tempo para criar um antídoto e uma estratégia para anular as improváveis virtudes publicitárias que sua ingênua obra pudesse ter.

Sentiu-se um traidor por ter bebido na embaixada sabendo que a fita U-Matic estava no carro.

Mas era explicável. Estava nervoso, irritado, inseguro. Ia mostrar pela primeira vez sua obra-prima aos dirigentes políticos do “Não” e temia seu veredito. Estava tão fora de ritmo! Em que maldita hora havia sucumbido, contra toda análise ou lógica, à vaidade de cair na tentação de... salvar o Chile! Corrigiu esse pensamento patético. O Chile não havia sido salvo pelos mártires dos movimentos de resistência, nem pelos militantes disciplinados, nem pelas centenas de milhares de amantes da liberdade que aqui e acolá enfrentavam a repressão, e ele, o sumo pontífice dos néscios, havia aceitado dirigir essa campanha que, em vez de levá-lo à glória, o conduziria ao inferno.

Carente de ideias, se entregara aos delírios de um ser microscópico: o tal do Raúl Alarcón, com sua “Valsa do Não”.

Agora seu desastroso vídeo estava correndo o risco de cair nas mãos do inimigo.

O fator azar. Bateu. Mas bateu em um furgão de carabineiros! Com um pouquinho de má vontade, revisando sua ficha de prisões e invocando sua incendiária “Valsa do Não” no vídeo, os carabineiros poderiam entregá-lo aos agentes da inteligência, que lhe aplicariam a Lei Antiterrorismo.

A outra clavícula.

Talvez o fêmur.

E isso se tivesse sorte.

Um oficial de patente superior chegou da rua, fazendo as chaves de seu carro soar como se fossem castanholas.

— Bettini! — chamou.

O publicitário se levantou com o coração apertado. Essas chaves... O ruído dessas malditas chaves, unidas em um chaveiro artesanal que sua filha Patricia havia lhe dado de presente de Natal tempos atrás, era, provavelmente, a campanha que soava no ringue antecedendo o início do assalto e o *knock out* que viria a seguir.

— Sou eu, capitão — se ouviu dizer entre rouco e servil.

O homem uniformizado se virou para um soldado raso, tão jovem que poderia ter a mesma idade de Nico Santos, o namorado de sua filha.

— Reviste-o.

O carabineiro se aproximou, começou a xeretar e colocou em uma bandeja de plástico preto todo o conteúdo dos bolsos do paletó e das calças de Bettini. Com os braços erguidos, o publicitário foi vendo um a um os objetos: a carteira, sua adorada caneta Montblanc, um lenço não usado, moedas de cem pesos, um pente sem vários dentes, algumas balas de menta, outras de limão e umas folhas de papel dobradas em quatro.

Bettini não conseguiu identificar os papéis. O que era aquilo?

Quando o policial colocou a bandeja diante do capitão, foram justamente esses papéis que chamaram sua atenção. Desdobrou-os, leu o primeiro, aparentemente pulando as linhas, e depois de alisar o resto contra a sarja de seu uniforme dirigiu a Bettini um olhar cheio de intenções.

— Estamos com um peixe gordo em nossas mãos.

— Perdão, capitão?

O uniformizado discou devagar e com deleite um número de telefone e, enquanto esperava a resposta, afastou o fone do ouvido para compartilhar a espera com todos os presentes. Quando atenderam, disse com expressão alegre, sem parar de observar o detido:

— Aqui é o capitão Carrasco. Preciso falar urgentemente com o ministro Fernández. Minha senha é “R-S-C-H Carrasco Santiago”.

Ampliou seu sorriso enquanto examinava a segunda folha do maço de papéis.

— Doutor Fernández, me perdoe a hora, mas creio que tenho nas mãos uma coisa que pode interessá-lo.

— De que se trata, Carrasco?

— Detivemos por uma infração de trânsito certo cidadãozinho — olhou para Bettini, que enxugava o suor com a manga do paletó —, um sujeitinho que está aqui na minha frente muito nervosinho. Ao fazer o controle de rotina descobrimos uns papeizinhos que podem ser muito interessantes para o senhor, por isso tomei a liberdade de ligar.

— Fez bem. É algo que diga respeito ao Ministério do Interior?

— Posso ler o que tenho aqui, senhor ministro?

— Por favor.

O capitão pigarreou e sem ênfase especial leu, com monotonia, as linhas do documento:

*É tão belo dizer que não
quando todo o povo lhe pediu,
é tão belo dizer que não,
quando ele está em seu coração.
Com o arco-íris nos confins
até os delfins vão bailar.
O “Não” tem emoção,
colore a insurreição.
Por isso, meu amor, sem hesitação,
vamos dizer que não, oh, oh.
Tantas vezes procurei na vida
uma palavra sentida para a liberdade,
tantas vezes vi a ferida
de minha gente mergulhada na adversidade.
Nunca acreditei que o destino
teria o ritmo de uma canção,
mas hoje não tenho dúvidas,
é água pura de minha convicção.
Por isso, meu amor, sem hesitação,
Vamos dizer que não.*

*Não, preciosa joia,
onda do meu mar,
nuvem do meu céu,
fogo que canta,
não, meu belo amante
de olhos acesos,
neve do meu sonho,
cordilheira do meu vinho,
não me diga nada mais,
que sobram os vocábulos.
Só diga a palavra “Não”
e estaremos juntos no outro lado.*

O capitão Carrasco ficou mexendo ritmicamente o queixo como se estivesse contagiado pelo ritmo do texto. Bettini sentiu que a palidez de seu rosto estava sendo substituída agora por uma camada de rubor. Ouvir a

letra que fizera para a música que seria apresentada no último dia da campanha foi o mesmo que ouvir uma sentença de fuzilamento. Achou horrorosa cada imagem daquelas estrofes que menos de uma hora antes — antes de *todos* os desastres — lhe pareciam iluminadas, frases que deveriam interpretar os sentimentos de chilenos de todas as idades, os amantes do mar e das montanhas, os apolíticos e os indecisos. Por que sucumbira à besteira adolescente de sua filha quando tentou convencê-lo de que era necessário cantar “é tão belo dizer não”, a ele, que nunca em sua vida usara como todos os jovens chilenos nem sequer a indispensável muleta “sacou?” para perguntar se haviam sido compreendidos.

Sacou?

Não, Adrián Bettini, santo pai dos ingênuos, disse a si mesmo. Não havia sacado nada. Se ouvir a letra de sua canção na boca de um policial adestrado em dar ordens, mas lerdo na pronúncia de metáforas, já o sepultara na mais profunda humilhação, não imaginou que o inferno tivesse sempre outro subsolo, outro círculo, companheiro Dante, ao qual se pode continuar descendo infinitamente.

Carrasco estava agora tão amável que aumentou ainda mais o volume do amplificador para que pudesse ouvir “ao vivo, diretamente”, o comentário a seus versos do próprio ministro do Interior, que veio precedido de uma risada despreocupada.

— Na verdade, muito interessante o material, Carrasco.

— Do ponto de vista policial ou poético, ministro?

— De ambos. Diga-me, capitão, como se chama o Neruda que está entre suas grades?

O uniformizado tapou o bocal do telefone e, levantando o queixo, se dirigiu ao publicitário.

— Como você se chama, babaca?

— Bettini, Adrián Bettini.

— Disse que se chama Adrián Bettini.

No outro lado da linha houve um silêncio e depois explodiu uma alegre gargalhada.

— Não me diga que você está com o próprio Adrián Bettini!

— Quem é ele, senhor ministro?

— O chefe da campanha “Não a Pinochet”.

— É perigoso?

— Deixe-o ir! Com esses versinhos não convencerá ninguém.

— Mas aqui no panfleto ele fala da insurreição. Devo apertá-lo um pouco?

— Não, homem. Não há motivo. Não o toque nem com uma pétala de rosa. Estamos em uma democracia. Bettini pode escrever as besteiras que quiser.

— Mas contra meu general!

— Mesmo que seja contra nosso general. A democracia, capitão! Um simples exagero das estatísticas. Os votos dos imbecis valem tanto quanto nossos votos.

— E então?

— Devolva-lhe seus papeizinhos e deixe-o ir.

— E o que devemos fazer com seu carro? Deu uma tremenda batida no furgão da delegacia.

— Mande-o para o conserto na oficina do grupo móvel da rua Carmen. Trabalha lá um funileiro que faz maravilhas.

— E a conta?

— Envie-a ao ministério, Carrasco. Diga a Bettini que é uma gentileza da casa.

— Sêrio, ministro?

— Sêrio, homem.

— Então vou deixá-lo ir embora! Mas assim, sem mais nem menos?

— Sem mais nem menos. Mas, se quiser, aproveite e lhe dê um chute na bunda.

Quando desligou, Carrasco coçou, pensativo, a têmpora esquerda. Fez soar mais uma vez as chaves do carro e atirou-as a Bettini, que pegou o chaveiro no ar.

— Pode ir, poeta.

— Posso levar o carro?

— Leve a merda do seu carro, babaca.

— Obrigado, capitão.

Avançou até a porta e o jovem carabineiro o saudou levando um par de dedos ao quepe.

— Escute! — gritou de repente Carrasco. — Essa frase que escreveu dizendo que o “Não” é seu belo amante... Você é bicha, não é verdade?

Bettini abaixou o pescoço e enfiou-o entre os ombros. Não respondeu nada. Por um segundo pensou que não teria sido tão ruim se o capitão Carrasco realmente lhe desse um pontapé na bunda.

Merecia muito mais do que isso.

TRINTA E TRÊS

Hoje à noite será exibido o primeiro capítulo da campanha do “Não”.

Amanhã de manhã haverá os funerais do professor Paredes.

A caminho do cemitério algumas pessoas se aproximam para depositar flores no ataúde. Uma delegação da Scuola Italiana chega em um ônibus amarelo. As meninas vestem uniformes.

Atrás do grupo, carregando uma coroa de crisântemos, está Patricia Bettini.

As manchetes dos jornais noticiaram o assassinato de manhã.

Faz sol pela primeira vez este mês.

O professor de filosofia Valdivieso faz uma breve descrição da carreira do professor Paredes. Evoca seus feitos pedagógicos e teatrais.

Fez *Fuenteovejuna* e *Peribáñez*, de Lope de Vega, *A vida é sonho*, de Calderón de La Barca, *Mãe coragem*, de Brecht, e *Macbeth*. Dirigiu *A morte do caixeiro-viajante*, de Arthur Miller, e *O encarregado*, de Harold Pinter.

Não conta que ia encenar *El señor Galíndez*, de Pavlovsky.

Diz que dom Rafael Paredes morreu em circunstâncias trágicas.

Não diz que foi degolado por agentes do CNI, o Centro Nacional de Informações.

Exatamente hoje teríamos a prova de Shakespeare.

As minhas *Obras completas* estão inteiramente sublinhadas.

Os alunos do colégio cantam “Durma em paz”.

Que a terra o cubra com amor.

Patricia mantém a cabeça baixa. Não devia ter vindo. Me dói tudo o que lhe dói. Tudo me dói duas vezes. Também vejo a viúva do professor. Dona María está muito pálida. Se vê que a maquiagem que lhe fizeram foi manchada pelas lágrimas. Olha para o sol enquanto Valdivieso fala.

Tenho que ser firme e não consigo.

Olho para o sol com dona María. Escolheram Valdivieso para fazer o discurso porque todos os professores estão arrasados. Feitos merda.

Sinto falta de papai. Dona María tem o corpo do professor Paredes e a única coisa que eu tenho é a ausência de meu pai. Não é a única. Também tenho esperança.

Voltarei a vê-lo com seus cigarros fortes e a cinza caindo em suas lapelas?

Assoo o nariz. Meu pai não é um preso desaparecido.

Não pode ter se equivocado. O silogismo “Baroco”. Há testemunhas. Mais de trinta garotos da escola.

Lógica. Meu pai é um mestre da lógica. Não podem negar que o prenderam. Têm que devolvê-lo a mim.

Meus telefonemas não serviram para nada. Os homens no outro lado da linha me dizem para ter paciência. Que estão fazendo gestões. Um deles se chama Samuel, embora me diga que este não é seu nome verdadeiro. Samuel diz que o caso de meu pai é prioridade número um. Que está fazendo tudo o que é possível. O tenente Bruna também fez tudo o que era possível pelo professor Paredes.

Estou autorizado a falar em nome dos alunos. Dos atores de *La cueva de Salamanca*.

Os quatro protagonistas de *El señor Galíndez* abandonaram suas casas.

Não vamos voltar a apresentar a farsa de Cervantes. Não há clima. Quando estreamos, tínhamos esperança de que dom Rafael aparecesse. Agora temos certeza. E raiva. E decepção.

Esta noite teremos a campanha do “Não” na televisão. Irei vê-la na casa do senhor Bettini. Vai fazer um *spaghetti alla puttanesca*. À maneira florentina. Ou seja, com muita azeitona e azeite de oliva. Agora não posso chorar. Não posso ser mais fraco do que a viúva. Não posso me quebrar diante de Patricia Bettini, que sustenta a coroa de crisântemos sem levantar a vista.

Valdivieso termina seu discurso. Dobra os papéis. Enfia-os no paletó e me faz um gesto com a mão esquerda para que me aproxime do pódio. Tenho em uma mão Shakespeare e na outra uma borracha que aperto e solto, que aperto e solto. Olho para o público. Há mais de cem pessoas. São quase todos adultos. Cinco professores.

Alguns companheiros de estudo. Os poucos que foram autorizados por seus pais a vir. A delegação da Scuola Italiana é formada por sete jovens. Trazem um homem magro e alto que já vi na casa de Patricia. É o cônsul. O senhor cônsul Magliochetti.

Agora todos têm um amigo diplomata.

Para qualquer eventualidade.

O resto, nem tenho ideia. Parentes, imagino.

Devia ter trazido uma garrafa de água. Faz tempo que estou pigarreando.

Patricia levanta a cabeça. Seus olhos cor de café. Seus cabelos castanhos. “Imagine” de John Lennon. Mataram John Lennon. O garoto que o matou andava com *O apanhador no campo de centeio*, de Salinger. Só existe uma foto de Salinger. Não queria ver ninguém.

O professor Paredes me ensinou uma técnica de oratória. Antes de mais nada, “plantar-se” diante do público. Com autoridade. Mesmo que você seja um idiota, tem de ser visto como se fosse um gigante.

Respire fundo, retenha o ar e solte-o lentamente. Tente manter o ar no abdome. Que ele não lhe falte na metade de uma palavra. E, antes de dizer qualquer coisa, use todo o tempo do mundo para fixar o público. Não um olhar como o bater de asas rápido de um passarinho assustado. Olhe-os nos olhos. Não se apresse nem se alongue. Evite prólogos e lugares-comuns. Se disser “serei breve”, já estará alongando desnecessariamente seu texto. Um discurso é feito de palavras e silêncios. Esses silêncios — disse o professor Paredes — são eloquentes. Às vezes é preciso dizer palavras só para ouvir o silêncio. Há maneiras e maneiras de calar.

— Às vezes é necessário dizer palavras só para ouvir o silêncio — digo agora em voz alta. — Há maneiras e maneiras de calar. Há maneiras de dizer calando. Às vezes a única maneira de dizer é calar o que todos entendemos que deveria ter sido dito.

“Querido professor Paredes: hoje tínhamos uma prova sobre Shakespeare. *Hamlet*, *Júlio César* e *Macbeth*. Sublinhei todas as falas do ‘tio Bill’ que mais chamaram minha atenção. Poderia ter tirado uma nota 7. Vou ler uma só:

“I have neither wit, nor words, nor worth, action, nor utterance, nor the power of speech to stir men’s blood; I only speak right on. I tell you that which you yourselves do know, show you sweet Caesar’s wounds, poor poor dumb mouths, and bid them speak for me. But were I Brutus, and Brutus Antony, there were an Antony would ruffle up your spirits, and put a tongue in every wound of Caesar that should move the stones of Rome to rise and mutiny.”

“Perdoem-me por não traduzir, mas não quero ser preso.”

Não posso acreditar no que disse.

Não tinha pensado no final.

Acelerei lendo o discurso de Marco Antônio.

“Colocaria uma língua em cada ferida de César e assim chamaria até as pedras de Roma ao motim e à insurreição.”

O tenente Bruna não veio, mas quantos dos que estão aqui são agentes? Olhar para o público. Para todos e um a um. Não sabem que estou tremendo. Idiota. Gigante.

Fecho o livro e me afasto do microfone. Silêncios e silêncios. Vários tipos de silêncio. Um último olhar. Para Patricia Bettini. Para o cônsul da Itália. Para o fundo.

Um ancião levanta com as duas mãos uma bandeira vermelha sobre a cabeça. Che abre outra, amarrada em uma vareta, e a agita. A professora de desenho levanta a sua. Cinco ou seis adultos desconhecidos levantam bandeiras e as fazem flamejar na brisa. O reitor não se dá conta. O reitor faz como se não se desse conta. O tenente evitou vir “por decência”. Agora há outro tipo de silêncio. O silêncio que permite sentir os golpes das bandeiras vermelhas contra o ar.

Uma única bandeira é diferente de todas as outras: a que Patricia Bettini levanta agora. Uma bandeira branca com o desenho de um arco-íris.

TRINTA E QUATRO

“Muito tarde para tudo. As cartas estão lançadas, amigo Bettini. Vamos apresentar o que você tiver. Iremos à luta com o que tivermos. O que está feito está feito, mesmo que seja uma palhaçada”, provocou-o Olwyn com um sorriso decepcionado.

Atendendo às determinações legais vigentes, devemos esta noite apresentar em todas as emissoras de televisão do país as imagens das campanhas das opções “Sim” e “Não”. Desejamos-lhes um jantar tranquilo e agradável e um feliz retorno às nossa telas.

A entrada: tomates com azeite de oliva e queijo *mozzarella*. *Molto* italiano, Adrián. Vinho tinto cabernet. Segundo prato: *spaghetti alla puttanesca*. Leva azeitonas pretas, dentes de alho, molho de tomate ao vinho tinto salpicado de alcaparras, cebola e talharins *al dente*. Não tão moles que grudem nem tão duros que não absorvam o molho.

Pãozinho feito em casa: em forma de rosca, morno e crocante. Diante de cada prato, um pequeno pote com manteiga.

Os comensais são quatro. O champagne é *extra dry* Valdivieso. Está geladinho, mas ninguém abre a garrafa. Desse grupo não sai nem um pequeno dedal de alegria. “O que vai brotar desta semente melancólica?”, pensa Magdalena com o melhor de seus sorrisos. Seu esposo Adrián também sorri e Patricia acaricia outra vez seus cabelos, acompanhando um pensamento que não leva a lugar algum.

Ninguém quer perguntar ao outro “em que você está pensando”.

Em poucos minutos as cartas serão distribuídas. A sorte está lançada, Adrián Bettini. Aquilo que sua inspiração pariu estará disponível para todo o Chile. Não faça contas muito negativas. Pense que muita gente vai votar no “Não”. Quase a metade do país. Esses estão convencidos. Você ou a campanha do “Sim” podem fazer qualquer coisa que não vão mudá-los de posição. Seu papel é atingir aqueles que têm medo de ser filmados dentro das cabines de votação, de ser apunhalados em cima de seus votos, os indecisos que temem que o caos e a desordem se instalem caso os militares se retirem. Por isso, Adrián Bettini, você tem de incentivá-los

primeiro a ir votar e depois a votar “Não”. Não revire o passado. O passado é pesado para todos. Nos dê um futuro, um ar transparente. Faça-os ver como será o Chile sem um ditador nas costas. Sem pavor de desaparecer. Um país sem degolados.

“Em vez disso”, pensa Bettini, passando com um sorriso amável o azeite de oliva a Nico Santos, “faltei com o respeito a todos. Banalizei com a ‘Valsa do Não’ a transcendência do momento histórico. Por que fiz isso?”

Nico lhe agradece o azeite com um sorriso encantador, Ferido de morte. E Bettini também sorri.

— Você está triste, Nico.

— Estou, dom Adrián.

— Por que sorri, então?

— Eu? Deve ser por Shakespeare.

Patricia passa manteiga no pão. Imagina a cadeia de contatos que poderia causar um curto-circuito: Shakespeare, Marco Antônio no cemitério, teatro, *El señor Galíndez*, o punhal, o professor Paredes, seu pai. O pai de Nico, Rodrigo Santos.

— Sirva-se de vinho. Shakespeare?

— Há um personagem em *Romeu e Julieta*, dom Adrián, que se chama Mercuccio. É o melhor amigo de Romeu. Um dia os dois estão passeando pelo mercado de Verona e aparece Tibaldo, o irmão de Julieta, um mentiroso que vive provocando os Montecchio. É chamado de Gato porque se gaba de ter várias vidas.

— Não recordo essa parte. Lembro da lua: “Não jure pela lua.”

— Tibaldo começa a insultar Romeu e o desafia a desembainhar sua espada. Mas, claro, o pobre Romeu está louco por Julieta e não vai travar uma luta mortal com o irmão da sua amada. E, claro, lhe diz, ouça, me perdoe, mas eu tenho motivos para amá-lo que você nem imagina. Como o outro vai saber que Romeu está namorando sua irmã? E quando Tibaldo ouve essa história de te amo, irmãozinho...

— Sirva-se do vinho.

Magdalena enche os cálices, mas ninguém toca neles.

— Quando Tibaldo ouve essa coisa meio *soft* de que “tenho motivos para amá-lo”, começa a provocar Romeu chamando-o de afetado, de efeminado, de covarde, compreende?, e o surpreso Mercuccio vê isso e

fica enlouquecido e puxa a espada diante de Romeu e desafia Tibaldo a lutar com ele...

— Agora me recordo dessa parte — diz Adrián, olhando de viés a contagem regressiva para a publicidade das campanhas no relógio eletrônico do Canal 13, agradecido por se distrair um pouco na Verona medieval.

— E aí é armada uma grande confusão. Porque, para evitar que o irmão de sua garota e seu melhor amigo se matem, Romeu segura o braço de Mercuccio. E, claro, Tibaldo aproveita a oportunidade; vendo que o outro está indefeso, crava a espada em seu coração. O pobre Mercuccio cai sangrando no chão e Tibaldo e sua turma saem em disparada.

— Romeu deve ter se sentido o último dos homens — comenta Bettini, distante.

— Péssimo. E então se agacha sobre Mercuccio, que está expelindo sangue, e lhe pergunta... como você está? E sabe o que Mercuccio responde?...

— Diga.

— Mercuccio responde: “A ferida não é tão funda como um poço nem tão larga como a porta de uma igreja. Mas é suficiente. Pergunte por mim amanhã e lhe dirão que estou muito quieto.”

— E você sorria por isso?

— Por isso, dom Adrián. O sujeito está prestes a morrer e ainda faz piada. O cara era totalmente louco.

— Você se lembrou disso.

— E quando o senhor disse... Quando o senhor disse...

Nico cobre o rosto com o guardanapo. As lágrimas explodiram de repente.

Patricia olha para Magdalena. Magdalena para Adrián. Adrián pega o cálice de vinho.

“*Fucking Shakespeare*”, pensa.

TRINTA E CINCO

Se lhe perguntassem como havia sido o jantar, Bettini não saberia o que responder. Nem sabia o que havia comido. Não era apenas sua sorte de publicitário decadente que estava em jogo, mas a de todo o país. Havia uma pequena fresta na caverna através da qual a luz podia penetrar. E temia ter desperdiçado esse aríete. Se o país inteiro estava estremecido pela violência, como a alegria poderia tornar-se crível?

E havia feito a campanha para a televisão sem responder a essa pergunta. Na verdade, proporcionar a alegria de uma maneira tão aberta, com uma valsa de Strauss e uma coleção de malucos que diziam “Não” em todas as cores, sem ter dado lugar sequer a uma lágrima em suas imagens, sabendo que nesse mesmo momento o Chile estava chorando, havia sido um desatino.

Entregara-se a uma ficção irresponsável. Uma saída desesperada. Tentou pular no abismo sem rede. Disse a Olwyn que Pinochet tivera o controle total dos meios de comunicação durante quinze anos para impor suas ordens nas telas de televisão. E a ele davam quinze minutos, quinze minutos, um punhado de segundos para fraturar de uma vez o sólido *panzer* da ditadura.

Não podia se permitir sutilezas. Eram quinze minutos contra quinze anos. E desses quinze minutos entregara quase cinco à loucura da “Valsa do Não”.

Na hora da sobremesa, o guardanapo do jovem Nico parecia a vela de um barco naufragado. Não quis consolá-lo, Ele mesmo gostaria de ser consolado. A impaciência o demoliu. Na tela corriam as imagens da campanha do “Sim”: grupos terroristas encapuzados com bombas nas mãos atiravam pedras nas janelas dos carros: era a alegria do “Não” que estava vindo. O caos, a violação de adolescentes, crianças massacradas por um rolo compressor vermelho. Assim como ele jogava as cartas da alegria na mudança, os publicitários de Pinochet encenavam o inferno da libertinagem.

Não quis esperar os poucos minutos que faltavam. Ver a exibição de suas imagens ao lado de sua família iria lhe causar, com certeza, uma sensação de vergonha alheia. Arrancou o guardanapo de Nico e lhe ofereceu o seu. Colocou o pano molhado no bolso do paletó e anunciou ao grupo que iria dar uma volta.

— O que você vai fazer? — levantou-se Patricia.

— O que estou dizendo. Dar uma volta.

— Mas papai. É seu momento de brilhar. Neste instante todo o Chile está grudado nas telas.

— Esse é o problema, meu amor: todos poderão ver que o rei está nu. Não tenho ânimo para um novo haraquiri.

— Papai, o que você vai fazer, realmente?

— Dar uma volta!

Magdalena avançou sobre ele e desafiou-o a sustentar o olhar.

— Patricia tem razão. Aonde você vai?

Apertou o guardanapo molhado de Nico no bolso.

— Não vou me atirar no Mapocho. Nesta época do ano as águas não são muito caudalosas.

— E então?

— Vou dar uma volta, mulheres. Uma simples volta atlética para respirar ar fresco.

Nico se levantou envergonhado e foi ao toalete.

— Com licença.

Bettini o apontou, pestanejando.

— É melhor cuidar dele. Neste momento não há um cachorro que balance o rabo para ele.

Quis fechar a porta com um estrondo, mas optou pela suavidade. Encostou-a como se estivesse se despedindo com um beijo.

A noite estava fria. Abotoou o botão superior da camisa e olhou a lua cortada pelos galhos das árvores. Ñuñoa sempre fora seu bairro. Tinha o hábito, uma coisa íntima, de sentir e admirar o velho calçamento. As velhas árvores cresciam ao deus-dará, inibindo com sua altura quem pretendesse podá-las. Respirava-se algo positivamente familiar nessa região de classe média. Sua rua ficava muito longe dos supermercados, dos shoppings e dos pontos de ônibus das linhas principais.

Havia um armazém na esquina, onde o dono ainda pagava alguma coisa pelos cascos de garrafas de cerveja e refrigerante. E dava uma

“gruja” às crianças que iam comprar pão ou azeite enviadas por suas mães: um chiclete, uma bala.

O jornaleiro guardava os jornais de domingo quando ficava na cama até a hora do almoço e, inclusive, se não fosse buscá-los, tocava a campainha alegremente e lhe entregava *El Mercurio* com um sorriso.

Tinha crédito no chinês da Manuel Montt e, quando queria convidar Magdalena e Patricia para jantar e estava sem dinheiro, o velho Tin-Lung, morrendo de rir, anotava a despesa em uma caderneta enfeitada com uma fotografia do calendário de Marilyn Monroe. Tudo estava como na sua infância, a não ser por dois detalhes.

As antenas de televisão em cada janela, disparando contra as nuvens.

E o cinema Italia.

Seu projetor de 35 milímetros foi perdido em um leilão falimentar. O espaço era administrado por evangélicos de terno marrom, colarinho e gravata e brilhantina nos cabelos mesmo no auge do verão. Suas mulheres eram macérrimas e tinham rostos melancólicos. Algumas usavam meias que iam até os joelhos. Ainda era possível distinguir no meio do calçamento os trilhos dos bondes que haviam deixado de circular décadas atrás. Seu bairro fora cenário de beijos fugazes trocados com a menina mais bela da avenida Antonio Varas, e, quando completou catorze anos, uma loura cheia de bobes do salão de cabeleireiro unissex lhe permitiu de tudo quando, na noite de uma sexta-feira, fechou a porta após o último cliente sair. Depois, limpando com uma toalha úmida seu sexo ainda excitado, lhe dissera no ouvido: “*Happy birthday.*”

Essa era a sua Santiago. A plenitude da democracia e as manifestações de rua. Quando era estudante, gritara ao lado de milhares de pessoas: “Allende, Allende, o povo te defende.”

Diante da Escola de Suboficiais dos Carabineiros, na Antonio Varas, viu passar os tanques golpistas que iam para La Moneda. Havia sido despertado pelos voos rasantes dos caças que iam bombardear o palácio.

Na mesma semana, se apaixonou por um disco de Bob Dylan: “Don’t think twice, it’s all right”.

Então era esse seu estilo? Cada episódio da história chegava ligado à emoção de uma melodia, às linhas de um poema. Claro que uma coisa não tinha nada a ver com a outra. Uma era realidade e a outra, fantasia. Espuma que se desfaz. Nuvenzinhas.

Apesar de seu passo enérgico e firme, pôde perceber que seu esforço era inútil: à medida que serpenteava pelas ruas laterais sentindo o cheiro dos jasmims primaveris se derramando metro a metro, as janelas de cada uma daquelas casas e apartamentos iam projetando na rua a “Valsa do Não”.

Paradoxo: fugira da transmissão e agora centenas de televisões o constrangiam com ela.

As telas das televisões se projetavam como faíscas fantasmagóricas na escuridão vegetal dos arbustos. Sentiu-se como um condenado à morte marchando para o patíbulo a quem propiciavam um derradeiro martírio: a música de sua vida infame a todo volume.

“Meu Deus! Meu Deus, meu Deus!”, disse a si mesmo, começando a correr para lugar nenhum. “Santiago inteira está assistindo!”

O suor não demorou a brotar em seu rosto, misturando-se com a palidez. Apesar de sentir seu coração bombeando com muita força, muito exigido, não afrouxou o passo. O coração estava lhe indicando o caminho correto. Seu almejado fim. Da mesma maneira que nas noites de ano-novo os fogos de artifício sulcavam o espaço, ele agora tinha sua própria fanfarra: as telas de todos os lares do Chile estavam vendo seus quinze minutos de fama, seu absurdo e lírico trinado libertário.

Não era necessário se atirar no Mapocho, cair do terraço de um edifício, enforcar-se em uma árvore, jogar-se debaixo das rodas de um ônibus.

Tudo podia ser infinitamente mais limpo: continuar correndo dessa maneira até que o coração explodisse como uma granada.

De repente a música parou, sinal de que o programa do “Não” havia chegado ao fim.

Agora era a hora do suplício.

Nesse mesmo momento os habitantes de sua pátria, os barqueiros que estavam na boca do oceano, os estudantes rebeldes, os filhos e netos dos fuzilados e desaparecidos, as mães e as namoradas estariam perplexos, se entreolhando e se perguntando: “O que é isto?”

Não!: “Que porcaria é esta!”

O almejado fim.

Seu próprio apocalipse.

O auge ignominioso de sua carreira.

Não dava mais. Parou ofegando na praça diante de um bebedouro e deixou que as gotas d'água pulassem em seu rosto misturando-se com o suor.

De repente teve a impressão de que todo aquele líquido que embaçava as lentes de seus óculos lhe provocava uma alucinação.

Lá, no outro lado da praça, acontecia uma coisa imprecisa.

Era um ser que girava vertiginosamente.

Ou dois.

À medida que se aproximava, a aparição ia se tornando mais e mais real. Até que se tornou nítida. Categoricamente verdadeira.

Um casal de jovens girava sem parar fazendo as piruetas de uma valsa sem música: como se estivesse dançando a recordação de uma valsa na noite estrelada. Ao se deslocar, ocupava com generosidade as lajotas da praça e, quando estavam tão perto dele que chegaram a roçá-lo, a mulher que dançava gritou:

— Vamos ganhar, senhor! Vamos ganhar!

Bettini tirou os óculos, limpou as lentes com a fralda da camisa, e agora, vendo a alucinação real com total exatidão, lhes disse:

— Não me fodam. Estou à beira de um infarte.

TRINTA E SEIS

Vou de metrô ao centro.

Laura Yáñez quer me ver. Pessoalmente. Não pode dizer nada pelo telefone.

Fiz muitas vezes este trajeto, mas hoje há alguma coisa estranha no ar. Embora faça calor e estejamos apertados, ninguém parece se aborrecer com a aglomeração. As pessoas se cumprimentam. Afastam-se para abrir espaço e permitir a entrada de um novo passageiro.

Parecem relaxadas. Há algo brincalhão em seus olhares. Conversam. Não vejo ninguém com o olhar cravado nos próprios sapatos. Um grupo de mulheres vestidas com o uniforme de um supermercado sorri, embora não converse.

Na primeira página do jornal mais popular, que um senhor aposentado está lendo, há duas fotos imensas.

Em uma aparece Pinochet sorrindo e na outra Florcita Motuda com uma faixa presidencial no peito.

A manchete diz: DUELO DE TITÃS.

Faltam poucos dias para o plebiscito e, pelo que ouço enquanto ando pelos vagões, ninguém fala de outra coisa. Como em um tique-taque sem pausa ouço sim-não, não-sim, sim-sim, não-não-não em todos os lugares.

É estranha esta Santiago de hoje.

Todos parecem muito saudáveis. Beberam suco de fruta? Se esfregaram no banho com algas marinhas? E as gargalhadas! Um estudante todo colorido de olhos verdes conta uma cena da noite passada, quando um bombeiro imitava, com um copo-d'água, a sirene de seu caminhão-pipa ululando “Não, não, não, não, não, não, não, não, não”. E os adultos ao seu redor lhe dirigem um olhar divertido. E um velho apalpa seu ombro. E o ruivo lhe diz que se quiser faz de novo. E mais gargalhadas. Dizem que os brasileiros são alegres assim. “*Apesar de você, amanhã há de ser outro dia.*” Estou feliz pelo senhor Bettini. Pela senhora Magdalena. Quando ele voltou para casa o telefone ficou tocando até as três da manhã. Felicitações. Bettini dava entrevistas a jornais estrangeiros.

Ligou um senhor Chierici do *Corriere della Sera*. Longa distância. E outro, espanhol, do *El País*. Queriam prognósticos e análises para o dia do plebiscito. O calendário está em chamas. Quanto falta até 5 de outubro?

Quando o trem chega a uma estação, alguns passageiros descem e os que entram parecem vir com as baterias recarregadas. Como quando o treinador tira, no intervalo do jogo, o centroavante cansado e o substituto entra dando corridinhas curtas para aquecer o corpo. Parece que até o metrô anda mais depressa. É o tipo de coisa que meu velho detesta. Os subjetivismos que não permitem observar a realidade objetiva. Os sofistas enchem seu saco. Bons para falar e dourar a pílula. Mas no fundo, papo furado. Aristóteles, no entanto... Esse sim vai ao ponto. Nico Santos. Por Nicômaco.

Sinto que sou o único neste vagão que olha para dentro. Como se a tristeza pela ausência de papai me puxasse para baixo. Estou fora do ritmo da cidade. Vai haver eleições livres, mas meu velho está preso. Preso e desaparecido.

O tal do Samuel continua fazendo o possível. Patricia Bettini insiste que é necessário conversar com a gente má. As boas não podem fazer nada. Talvez agora seja um bom momento.

Agora que o povo parece mais animado.

“Claro”, penso. “Mas como estará Pinochet?”

Furioso. Certamente roxo. Parece que seu tiro saiu pela culatra. A senhora de verde que carrega uma bolsa de verduras do supermercado está cantarolando a “Valsa do Não”. Provavelmente isto é um sonho e agora vai entrar um comando de milicos e atirar em todo mundo.

Não fui à escola. Estou preocupado. O texto que disse no cemitério pode me trazer problemas. O tenente Bruna não estava lá, “por decência”, mas os dedos-duros que estavam provavelmente estão me esperando na porta do instituto.

Ou sentados na própria sala.

Com os cabelos curtos.

Dia de sol.

Eles têm um crachá do serviço de investigações que exibem abrindo a lapela. São detetives. Mas o que me contaram é que os detetives depois entregam os presos à polícia política.

E aí fica difícil seguir sua pista.

A última vez que falei com Samuel, ele me disse que não desanimasse. Que podemos ter boas notícias. “Mas também ruins”, gritei ao telefone. Ficou calado meio minuto. “Ruins também, garoto”, me disse. Pedi perdão.

Desço na esquina da Alameda com a Santa Lucia e caminho até o Parque Florestal. Ali mora Laura Yáñez. Chamou-me porque quer me dizer alguma coisa. Não sei de que se trata.

Mas ela disse que era urgente.

Desaparecer do meu apartamento e não ir ao colégio me faz bem.

Laura Yáñez é muito bonita. No colégio chamam esse tipo de mulher de “morenaça”. Ela própria me disse uma vez: quero ser a morenaça do Chile. Sua amizade com Patricia vem de seu amor pelo teatro. Minha namorada sempre está atrás de peças intelectuais, com viés político. Morre de rir com Beckett e Ionesco. O teatro do absurdo. Laura fica louquinha com John Travolta. Sabe todos os passos de dança de *Saturday Night Fever*, mas nunca encontrou um menino de sua idade que esteja à sua altura. À dela e à de Travolta. Por isso anda com sujeitos mais velhos.

Algumas vezes, quando saem da Scuola Italiana, Laura e Patricia vão juntas ao cinema. São muito diferentes. Minha adorada Bettini quer viver na Itália para visitar os museus de Florença e tentar conhecer pessoalmente Fellini. Baba por *Amarcord*. Laura não. Ela quer aparecer algum dia na capa das revistas *Vanidades* e *Fotogramas*.

Ela gostaria de fazer o papel de mulher fatal em uma série de televisão. Mas o curioso é que não existe pessoa melhor do que ela. Se fosse milionária, dividiria tudo com os amigos.

É a superamiga, mas, com aquele corpo, todos querem ficar com ela.

Os caras não querem ser apenas amigos. Por isso me procurou. Porque sabe que meu amor por Patricia Bettini me neutraliza. Sabe que não posso fazer uma sacanagem com sua melhor amiga.

Acabei lhe emprestando o apartamento para que trocasse de roupa. Não perguntei mais nada. Já estou bastante fodido para começar a foder os outros.

E agora, toda misteriosa, diz que quer me ver. Disse que me agradece pelo apartamento, mas não precisa mais dele. Vai me devolver as chaves. Que agora tem um próprio em Mosquito, perto do palácio de Belas Artes. “Venha me visitar um dia com Patricia. Ela gosta de quadros.” Seus pais não podem saber. Que Patricia Bettini se cale. Porque em uma dessas abre

o bico no colégio e seus pais ficam sabendo e aí literalmente a matam. Mas agora, em dezembro, vai ter que lhes contar a verdade. Faz um mês que não vai ao colégio.

Toco a campainha. Apartamento 3A. Terceiro andar. Elevador mínimo. Edifício moderno. Cabem duas pessoas. Schindler. A carga não deve exceder os 150 quilos.

E se...

Não quero nem pensar.

É que... Se estão me procurando para me prender por causa do discurso no cemitério, poderia me esconder no apartamento de Laura Yáñez.

Por reciprocidade.

Ela vai topa?

Não, não vai acontecer nada.

Disse tudo aquilo do “tio Bill” em inglês.

Inglês, minha única nota sete, a nota máxima.

Porque gosto de rock e dom Rafael ia com minha cara. Ele gostava de que participasse do grupo de teatro. Mas foi assassinado. Sem mais nem menos. O tenente Bruna fez tudo o que era possível.

Que porra é então fazer tudo o que é possível?

Trago na mochila o último número da *Caras*. É o tipo de revista de que Laura gosta. Acetinada, com muitos anúncios, muita vida social e páginas de moda, tudo colorido.

— Você veio, seu louco! — me diz, dando-me um beijinho na face esquerda e me puxando para dentro.

— Por que tanto mistério?

— Já vou contar. Como vai Patricia?

Digo: “Bem, Patricia está bem.”

Embora não saiba como está. Não lhe perguntei. Mataram seu professor Paredes e seu pai fez um tremendo sucesso com a campanha do “Não”. Deve estar de péssimo a mal ou, possivelmente, um pouquinho bem. Todo mundo comenta a campanha do “Não”. Telefonemas de felicitações até as três da manhã. Requentamos o talharim à *puttanesca* e abrimos outra garrafa de vinho tinto. Dom Adrián me deu dinheiro para o táxi. O metrô já havia parado de funcionar.

— E você?

— Não sei, seu louco. Mas o chamei porque amor com amor se paga.

— De onde você tirou isso?

— Sei lá. Minha avó é quem dizia.

— De que se trata? Tome. Eu lhe trouxe a última *Caras*.

— Com Michelle Pfeiffer na capa! *Super woman*. Não é verdade?

— É bonita.

— Seu tipo. Adivinhei?

— Não sei, Laura, não sei qual é meu tipo. Acabei de fazer dezoito anos. Não sei qual é o meu tipo e não entendo nada de nada.

— Mas como Patricia Bettini...

— O quê? O que há com Patricia?

— É que ela é tão...

— Tão o quê?

— Elegante. Já eu...

— Você é diferente, Laura. Nenhuma é melhor do que a outra. São apenas diferentes.

— Você gosta de mim?

— Acho você ótima.

— Tenho Coca-Cola, Bilz, Pap e cerveja. Cerveja Escudo, nada mais.

— Coca.

— Com gelo?

— Três pedrinhas.

Vai à cozinha e traz uma Coca tamanho família. Já tem pronto um pratinho com cubos de queijo e azeitonas verdes. É meio-dia, mas parece um coquetel vespertino.

— Sente-se, para não cair para trás.

— Diga — falo, obedecendo.

Ela se acomoda na ponta de um sofá de vime com respaldos acolchoados cor de café. Muito recatada, junta os joelhos para não exhibir suas coxas brancas e macias.

— Trata-se de seu pai, Nico.

Então é por isso que queria que viesse. Nada de telefone. Não quero ouvir. Quero morrer de antemão. Morrer já.

— Você sabe de alguma coisa?

Laura olha as paredes da sala e a porta que leva ao quarto e a outra ao pequeno balcão. Há uma reprodução de um quadro com bailarinas de Degas e uma fotografia enorme de Travolta com um terno de seda branca muito justo e o paletó de mangas curtas aberto no peito.

— Nico... Sei como chegar a ele.

— Está vivo? O professor Paredes...

— Eu sei.

Há algo que a retém. Quer e não quer me dizer. Por que me chamou?

— Por favor.

Sacode a selva brilhante de cabelos azeviche cacheados e me olha nos olhos fixamente, com contundência.

— O que vou lhe contar agora depõe muito contra mim. Só vou lhe contar porque você me deu uma mão.

— Está bem. Diga.

— Acho você meio perdido, mas sempre me chamou a atenção. Faço isso por você. E pelo professor Paredes. Me deu uma nota cinco. Pela primeira estrofe de “Annabel Lee”. O poema de Poe. Você se lembra? *Seu cinquinho*, me disse.

— Não estou sacando.

Passa a mão no nariz e aspira como se estivesse resfriada.

— Quem me colocou neste apartamento foi um cara. Sacou?

— Sim.

— Um cara casado.

— Sim.

— Um tira.

— Do CNI?

— Não fique tão atordoado... Vai fazer um discurso moralista?

Não sei. Não sei o que fazer nem o que dizer. Não esperava por isso. Bebo meio copo de Coca-Cola. Fico com uma pedra de gelo na boca e puxo-a de um lado para o outro com a língua.

— Não.

— Acho que através dele poderemos chegar a seu pai.

— Por quê?

— É tudo que sei, Nico.

Gostaria de ser adulto. Entender melhor a vida. Ter lido mais livros. Conhecer a psicologia das pessoas.

— O que eu tenho que fazer?

Laura se inclina e segura minhas mãos. Levanta-as e leva à boca. Não as beija. Simplesmente apoia seus lábios nos meus dedos.

— Você tem algum dinheiro?

Olho para ela. Olho para ela com a alma inteira mergulhada em meu âmago.

— De onde iria tirá-lo, Laura? Nem sequer fui receber o salário de setembro de papai porque estou com pavor de que me agarrem.

— Você tem de onde tirar alguns pesos? Vender alguma coisa?

— O quê?

— Não sei. Um carro.

— Não temos carro. Caminhamos. Ou andamos de metrô.

— Uma televisão.

— Todos têm televisão. O que me dariam por uma televisão?

Laura afasta meus dedos. Beija-os um a um. Depois pestaneja três, quatro vezes. Não me olha.

— Eu compreendo você, Nico, compreendo.

Depois vai até um armário de madeira e tira uma garrafa de rum Bacardi branco. Derrama um pouco na minha Coca-Cola e põe um pouquinho em seu próprio copo.

— Então não me resta mais nada além de ver o quanto esse detetive filho da puta me ama.

TRINTA E SETE

Raúl Alarcón, Florcita Motuda, telefonou para Adrián Bettini agradecendo efusivamente por ter permitido que participasse da campanha. “Sou o homem mais popular do Chile”, disse. “As pessoas me beijam na rua. O chofer do táxi não quis cobrar: ‘Se você tem a coragem de enfrentar Pinochet, por que eu não? Vou votar ‘Não’. E vou convencer todos que subirem no meu táxi a votar ‘Não’. Grande, Florcita.’”

“Obrigado, dom Adrián.”

“Não há nada a agradecer”, respondeu Bettini, olhando pela janela um carro cinza sem placa estacionado diante de sua casa. O chofer abriu o vidro e seu acompanhante — cujo rosto não conseguia ver — acendeu um cigarro para ele. O motorista entreabriu a porta e acionou o mecanismo do assento, reclinando-o. Sentiu-se confortável e expeliu uma baforada de fumaça pela janela.

— Não há nada a agradecer, senhor Alarcón. Sou eu que tenho que lhe agradecer.

— A mim? Sou uma insignificância. Uma pobre florzinha peluda.

— As pessoas acham que você é um herói. Tem um grande futuro pela frente, amigo.

O acompanhante do homem do carro cinza desceu, atravessou a rua, foi até a porta da casa de Bettini e olhou o número. Depois comparou-o com o que tinha escrito em uma caderneta e levantou o polegar indicando ao chofer que estava *okey*.

— Um grande futuro, amigo — repetiu.

Fez sinais para Magdalena, que estava no balcão e vira o carro.

Tampou o bocal do telefone e sussurrou: “Magda, vá comprar alguma coisa no armazém e dê uma boa olhada na cara do sujeito que está dirigindo.”

— O senhor acredita, dom Adrián, que vamos vencer o plebiscito?

— O plebiscito sim — disse Bettini, jogando um beijo para sua esposa.

— Outra coisa é aceitarem o resultado.

— Não tem outra alternativa. Toda a imprensa estrangeira está aqui e os correspondentes me disseram que vão ficar no Chile até o dia da votação.

O acompanhante do motorista olhava agora Magdalena atravessar a rua a caminho do armazém. Indicou ao outro que ficasse atento, levando um dedo à parte inferior do olho.

— Diga-me, senhor Alarcón...

— Às suas ordens, dom Adrián.

— Você tem por acaso um amigo que tenha uma casinha fora de Santiago? No campo ou na costa?

— Fernández, em Papudo. Por quê?

— O tempo está muito bonito e acho que você está um pouco pálido. Por que não passa alguns dias na praia tomando sol?

No outro lado da linha houve um longo silêncio. Depois Alarcón pigarreou.

— Está acontecendo alguma coisa, senhor Bettini?

— Não, nada. Nada.

— Perdoe-me perguntar, mas o senhor está com medo?

— Não, homem, não — respondeu, procurando em sua agenda o número do cônsul da Itália.

— Porque eu, na verdade...

— Está se cagando de medo?

— Assim me cagando, me cagando, não. Mas quase. Não queria incomodá-lo. Era só para lhe agradecer... por ter acreditado em mim.

Bettini sorriu com amargura. Omitiu o que realmente tinha a lhe dizer: “Não acreditei em você. Duvidei de você o tempo todo. Até ontem à noite estava convencido de que você era um louco completo.”

— Grande valsa, a sua, Florcita!

— Eu fiz muito pouco. Grande é o Strauss.

— Cuide-se. Está tudo bem em sua casa?

— Perfeito. Sabe?... As pessoas me amam.

— É porque merece.

Bettini desligou e ligou imediatamente para a embaixada italiana.

Florcita Motuda desligou e voltou a olhar com preocupação para o carro preto que estava estacionado um pouco acima de seu apartamento, perto da praça.

TRINTA E OITO

Alguns dias antes da votação os sociólogos publicaram suas pesquisas.

Sessenta e cinco por cento dos indecisos haviam agora optado por votar “Não”.

Somando os votos dos antes indecisos aos daqueles que estavam decididos desde sempre a votar “Não”, ficava claro que a opção contra Pinochet ganharia o plebiscito.

A equipe comandada pelo ministro do Interior não reagiu nem mostrou nenhuma flexibilidade diante da onda de popularidade do “Não”. Nos muitos programas que apresentaram aproveitando o monopólio estatal de televisão do governo, nunca se dirigiram aos indecisos, mas apenas aos seus partidários mais fervorosos.

Pinochet continuou acreditando no ministro Fernández e em seus assessores, que só lhe apresentavam pesquisas favoráveis. Meu general, a campanha do “Não” é inofensiva e os sociólogos que garantem a vitória de seus inimigos não passam de um bando de delinquentes desocupados.

Um desses *delinquentes desocupados* escreveu: “Os deuses cegam aqueles a quem querem perder.”

Na casa de Bettini a confiança começou a crescer quase tanto como em todas as províncias chilenas. Em um país onde o principal entretenimento era ver TV, o surgimento do “Não” nos meios de comunicação quebrou a solidão que marcava a vida de cada pessoa ou grupo familiar. A rotina da desesperança foi matizada.

Pela primeira vez — disseram os sociólogos a Bettini — as pessoas sentiram que a televisão estava falando para elas e não passando por cima delas. Aqueles quinze minutos eram uma espécie de *big bang* de imagens estelares que não se extinguiram depois da transmissão: continuavam gerando novos astros, choques de energia em todos os lugares, a expressão grave havia se distendido, o ricto amargo dera lugar aos sorrisos.

Até aquele momento, o que não aparecesse na tela parecia não ser real. As pessoas sentiam que os seres fictícios e banais das séries de TV eram

mais reais do que elas próprias. Elas tinham apenas silêncios. Não tinham autorização para viver, só para ser testemunhas de vidas irreais.

A pincelada de democracia que Pinochet arriscara romperia o dique. Aquilo que parecia uma brincadeira singela e inofensiva detonara com sua simples eficácia as ânsias de futuro e de alegria. Bettini começava a acreditar lentamente. Só que seu êxito se tornava mais e mais perigoso. Herdara dos filmes norte-americanos uma expressão que repetia quando estava entre amigos do peito: *fucking*. Agora se referia com um meio sorriso ao seu *fucking success*. Nos dias que faltavam para a votação, mal dormia entre cochilada e cochilada. Havia uma sobrecarga de adrenalina ao redor que não permitia um único suspiro de calma.

Os boatos de que os militares tinham conhecimento de um eventual desenlace desfavorável a Pinochet despertaram temores de que mandassem para o inferno a comédia democrática e ignorassem o resultado da votação. Ou de que fabricassem atos de terrorismo para suspender o plebiscito.

Os partidos do “Não” apelavam para que se escrevesse o “Não” sem ódio, sem violência, sem medo.

No dia 5 de outubro, Bettini chegou acompanhado de Magdalena e Patricia a sua seção eleitoral, perto da praça Egaña. Entrou na longa fila de eleitores debaixo de um sol radiante e comprou garrafinhas de água mineral de vendedores ambulantes. Sentia que seu coração se acelerava à medida que se aproximava de sua mesa. Aquela aparência de rotina o deixava feliz. Havia imaginado que tudo seria mais solene e complexo. E nada. Ali estava ele. Um entre centenas em seu Ñuñoa. Um entre centenas de milhares em Santiago. Um entre milhões no Chile. Onde Florcita Motuda estaria votando? Assim como o cantor estava feliz com o reconhecimento popular, ele estava satisfeito com seu anonimato.

Se o “Não” ganhasse, na verdade não pediria mais nada à vida. Talvez alugar uma casa na praia, levar seus cassetes favoritos, seus livros de história grega. (Hum, “os deuses cegam aqueles a quem querem perder”.)

Se o “Não” ganhasse...

Não, na verdade não podia nem sequer conceber algo mais além do “Não”. Era estranho que esta fosse apenas uma etapa para uma coisa maior. Esta insignificância, seu arco-íris, seu punhado de imagens, a valsa de Alarcón eram no fundo... tudo.

Eram a coroação de sua vida.

Que outro faça o futuro. Ele — levantou um punho e manteve-o erguido saudando um conhecido da fila da frente —, ele só queria agora desfrutar o presente. A eternidade deste momento atual.

Só faltava que o “Não” ganhasse.

À meia-noite, antes da divulgação dos resultados pelo subsecretário do Interior, foi para a janela. Os comandantes das Forças Armadas haviam sentido o clima do país e não podiam mais desconhecer nem adulterar os votos.

“As pessoas que estão comemorando nas ruas são tantas que seria uma barbaridade dispersá-las à bala”, comunicou o ministro do Interior ao Palácio.

O subsecretário Cardemil anunciou que o “Não” havia vencido, com 53% dos votos.

Os jornalistas, oscilando entre o êxtase e a incredulidade, procuraram o ministro do Interior e não o encontraram.

Finalmente Pinochet aceitou conversar com eles. Vestido à paisana e maquiado em tons róseos, emitiu seu veredito diante de dezenas de cinegrafistas nacionais e do jornalismo mundial: “Certa vez os judeus também fizeram um plebiscito. Tiveram que escolher entre Cristo e Barrabás. E elegeram Barrabás.”

Retirou-se sorrindo: “*No more questions.*”

Na casa de Bettini, os cálices de vinho tinto e branco foram substituídos por uma garrafa de champanhe, e a garrafa de champanhe e as ligações telefônicas, por uma mudança de turno na equipe de homens do carro cinza, que continuava na mesma posição desde o dia em que havia estacionado.

Era uma presença pontual e permanente. De uma quietude profunda. Às vezes ficava vazio. De tempos em tempos dois homens entravam no carro, às vezes os mesmos do primeiro dia, às vezes outros, ligavam o rádio, ouviam rock, mudavam para cumbia, e um dia até puseram para tocar bem alto a “Pequena serenata noturna” de Mozart.

O carro não saía do lugar. O carro continuava ali. Sempre ali. Sem placa.

Os dois homens traziam sacolas de papel do mercado de Irarrázabal, descascavam laranjas e atiravam as cascas na calçada.

Um fumava, o outro não.

Nos turnos da noite nenhum dos dois fumava.

De manhã um motorista lhes levava uma garrafa térmica de café com leite e sanduíches.

Às cinco da manhã, Patricia Bettini trouxe telegramas da imprensa estrangeira. Recebera-os do cônsul italiano, que surgiu de repente diante dela, os dentes ainda cheirando a dentifrício, os cabelos úmidos da ducha da madrugada, uma condecoração na lapela, queijo parmesão e presunto de Parma.

Cedeu a Patricia Bettini a “honra” de ler o telegrama do *Le Monde*. A garota entendeu o texto só em olhar e o traduziu mentalmente para o espanhol.

A família e os amigos haviam se deitado no tapete e nas poltronas e pareciam guerreiros exaustos.

— *Le Monde*: “Há poucos antecedentes para julgar o que continua acontecendo no Chile. O mais autoritário e repressivo regime de toda a história da nação se transformou em um magma de indecisão, impotência e choque.”

Patricia olhou para o pai e, jogando para trás os cabelos castanhos que lhe caíam sobre um olho, disse solenemente:

— Papai, agora quero que você fique em pé.

Adrián obedeceu, dando um soco no ar, esperando alguma brincadeira. Mas Patricia estava séria. Nunca a vira tão grave. Muito digna. Parecia ter crescido em poucas horas. Como se a virada de noite, os vinhos, o cansaço, a excitação a tivessem tornado mais mulher, projetando-a muito acima de seus dezoito anos.

— Isto é do *El País*, da Espanha, velho: “Quinze minutos bastaram para acabar com quinze anos.”

Bettini lembrou que nas últimas semanas não passara uma noite sem achar que teria um enfarte. Não agora, *please*, ordenou a seu *fucking* coração. Engoliu em seco e, sem sorrir, disse ao público:

— *El País*, da Espanha! *Se non è vero, è ben trovato*.

TRINTA E NOVE

— Senhor Fernández. Que honra, ministro!

— *Ex-ministro*, Bettini. Acabo de entregar meu pedido de renúncia e estou juntando meus papéis. Vou para casa.

— São as voltas que a vida dá, doutor Fernández.

— Mas não acredite que este é o fim da história. O senhor conseguiu fazer com que 16 cães e gatos chegassem uma vez a um acordo para apoiar um único candidato. O *Mister Não*. Mas, agora que vão ter de fazer um acordo para escolher um único candidato a presidente, vão arrancar os olhos uns aos outros.

— Nesta campanha aprendemos a nos unir...

— Unir-se? Vocês estão colados com fita durex e cuspe, Bettini. O verdadeiro vencedor deste plebiscito é Pinochet, porque recebeu, sozinho, mais de quarenta por cento de votos. Os cinquenta e tantos por cento de vocês terão que ser divididos entre dezesseis partidos. Com esses quarenta por cento, meu general poderá fazer o que quiser.

— Um golpe de Estado como o que deu em 1973 contra Allende?

— Por que não?

— Não creio, senhor ministro...

— *Ex!*

— Não creio, senhor *ex-ministro*. Desta vez não conta com as Forças Armadas nem com o apoio dos Estados Unidos. Nem com algo que também tinha, sim, em 1973.

— O que, Bettini?

— Alguém a quem derrotar! Ou Pinochet vai fazer a gentileza de derrotar a si mesmo?

— Meu general será lembrado como um grande democrata. Cite algum outro “ditador” que organizou um plebiscito e que quando perdeu foi para casa... Não durma sobre seus louros, meu amigo. Este pequeno país precisa ser governado com autoridade e não com canções tolas como “É tão maravilhoso dizer não”.

— Qual é o objetivo do seu telefonema, senhor *ex-ministro*?

— Que coisa! Fiquei falando besteiras e me esqueci. Olhe, Bettini: vá até a janela e veja que na rua há um carro cinza, sem placa...

— Sim, estou vendo.

— Bem, são meus *boys*.

— Sim, é possível perceber que são seus *boys*.

— Quantos são?

— Três, quatro... Plateia lotada. Dia de gala.

— O que estão fazendo?

— Estão todos fora do carro. Um fuma e os outros bebem água em um copo de plástico. Está fazendo um calor de fritar ovo na calçada.

— Bem, vá até eles e diga para se retirarem. Diga-lhes que os planos mudaram.

— Para dizer a verdade, não estou com a menor vontade de sair de casa agora.

— Não tenha medo, Bettini. Diga-lhes o seguinte: “O Coco está mandando vocês darem o fora.”

— “O Coco está mandando vocês darem o fora.”

— Certo. E tudo resolvido.

— Eu lhe agradeço a sua generosidade. Posso lhe perguntar por que está fazendo isso?

— Depois do jantar é preciso lavar os pratos. Hoje por você, amanhã por mim. Vamos nos vendo, Bettini.

O repentino corte da ligação foi quase uma pedrada. Ele, por sua vez, colocou o fone do gancho com exagerada lentidão. Em estado de transe. Conjurando alguma coisa.

Estava sozinho em casa. Diante do espelho do vestíbulo, enfiou nas calças a velha camiseta dos Rolling Stones com o desenho da língua vermelha para fora. Umedeceu os lábios, calçou o tênis de basquete e levou uma eternidade para passar os cadarços pelos orifícios.

— “O Coco está mandando vocês darem o fora” — murmurou bem baixinho. — Até quando este pesadelo vai durar?

Abriu completamente a porta de casa e uma bofetada de sol bateu em seu rosto, cegando-o por um segundo. Colocou a palma da mão direita sobre as sobrancelhas como se fosse uma viseira e dirigiu o olhar aos homens do carro que estava no outro lado da rua.

O único que fumava atirou o cigarro no asfalto e esmagou-o com o pé.
Outro depositou no capô o copo de plástico em que bebia.

O terceiro atirou o seu na calçada e depois passou o punho direito na concavidade da mão esquerda.

O último continuou bebendo, quase indiferente.

— Fora. Fora daqui — sussurrou Bettini, avançando em sua direção.

E quando estavam ao alcance da mão esticou energicamente o braço para o horizonte.

— Fora!

QUARENTA

O telefone da esquina está desocupado e estou com a moeda na mão, mas não ligo. Caminho até nosso apartamento planejando preparar tomate recheado com atum. Passo pelo armazém e compro pão e maçã. Gosto das verdes porque são ácidas.

No elevador está escrito com Pilot preto: “Ganhamos, porra!”, e em outra parede alguém rabiscou com uma navalha o nome “Nora”. Pego a chave para abrir a porta do apartamento mas ela se abre pelo lado de dentro. Quem está no umbral é Patricia Bettini. Veste o uniforme de seu colégio particular, ou seja, blusa azul, gravata azul e saia quadriculada com meias brancas que sobem até as coxas. É estranho, mas cada vez que alguma coisa me surpreende finjo que não estou surpreso. Acho que é *cool* ser assim. E tenho motivos para achar tudo estranho: minha namorada nunca teve a chave do meu apartamento.

Mas Laura Yáñez sim.

E é Laura Yáñez quem sai agora da cozinha e envolve com os braços os ombros de Patricia Bettini.

Pisca um olho para mim.

Enquanto balanço o chaveiro na mão acontecem duas coisas: a boca de Patricia Bettini se abre em um sorriso que não oculta a imperfeição de seu dente da frente, levemente maior que os outros, e o professor Santos surge atrás dela sustentando um cigarro nos lábios.

Não.

Contei mal. Primeiro aparece uma nuvem de fumaça e logo depois o professor Santos com o cigarro nos lábios.

Nos abraçamos em silêncio e talvez eu leve muito mais tempo para soltá-lo do que ele a mim. Então penso que quer me olhar e me afasto um pouco e meu velho me pergunta como estou e eu tenho uma maçã verde em uma mão e as chaves na outra e lhe digo o mesmo que disse a Valdivieso: “Estamos aí.”

A mesa da sala de jantar foi posta para quatro pessoas e a entrada está servida: presunto recheado com abacate sobre folhas de alface. Papai

estica uma mão para apagar o cigarro no cinzeiro e percebo que sua pele está cheia de queimaduras. Quando percebe que me dei conta, esconde a mão queimada, mas eu empurro com decisão a mão que a esconde e examino detidamente suas chagas.

— É que na prisão não havia cinzeiros e os rapazes apagavam os cigarros em qualquer lugar — sorri. — Mas nunca nada muito grave. Tudo dentro do silogismo “Baroco”. E você?

— Eu estou ótimo, papai.

— Não se meteu em alguma confusão?

— Zero problema.

— É o último dia do mês. Foi buscar meu cheque?

— Esqueci.

— É muito interessante saber se o cheque está lá ou não. Tenho a esperança de que não tenham conseguido sustá-lo.

— Irei depois do almoço.

— Está bem.

Patricia Bettini vai à cozinha buscar uma garrafa de vinho tinto e meu pai afasta uma partícula de tabaco que estava grudada em seu lábio.

— Foi ela quem me tirou — sussurra papai confidencialmente, apontando Laura Yáñez com o queixo.

— Como?

— Pergunte você.

— Como você conseguiu tirá-lo? — pergunto, sem olhá-la e escondendo meu sorriso, enquanto sirvo o copo de papai.

Ela esfrega a rolha da garrafa na testa.

Patricia bate na mesa.

— Conversou com pessoas, Santos.

— Com gente ruim, imagino.

— Deixe-a em paz, Nico — intervém meu pai. — Não vivemos no mundo das ideias platônicas. Na realidade, o Bem e o Mal se misturam.

— Mas em distintas proporções.

— Em distintas proporções, filho. Não está feliz de me ver?

— Claro que sim, papai.

— E aí?

— Está tudo bem, papai.

— Então vamos comer.

À tarde vou à Tesouraria. Fico dez minutos na fila e de fato há um cheque para o professor Rodrigo Santos. Peg-o, guardo na carteira, compro a revista *Don Balón* e vejo que no centro há um pôster com dois dos meus ídolos: Rossi e Platini.

No dia seguinte tenho aula de filosofia.

O professor Valdivieso devolve as provas. Ele as corrige com tinta verde e dá as notas com um enorme número vermelho. Minha canção de Billy Joel obteve a nota mais alta: sete.

Ao voltar para casa, papai me pergunta justamente pelo novo professor de filosofia e eu lhe digo que é um cara legal. E lhe conto que me deu sete na prova sobre o Mito da Caverna. O profissionalismo baixa em papai e pede que lhe mostre a prova. Entrego-a e, ao pegá-la, abandona o cigarro na borda de um cinzeiro. Aproveito para dar uma tragada e devolvo-o ao seu lugar.

— O que é isto, Nico? — pergunta, pálido, depois de ler a canção de Billy Joel e ver o resto da folha vazia.

Eu não sei se devo rir ou chorar.

— Justiça na medida do possível, papai — respondo, arrancando da revista de esportes o pôster de Rossi e Platini.

QUARENTA E UM

Ela quer assim e não vou me opor.

Diz que não a leve a mal, mas cuidará das despesas.

Escreveu um bilhete para dom Adrián e espetou-o com alfinetes em seu travesseiro.

Não é que seja uma tola romântica como as das revistas de moda e fofocas, mas diz que Santiago foi ferido pelo *smog*.

Os ônibus para Valparaíso partem perto da Estação Central.

Não consegui dormir a noite inteira e me aflige chegar tresnoitado para encontrá-la no ponto.

Enfio um calção de banho e duas maçãs na mochila.

Não encontro toalhas limpas. Se formos à praia, poderei levar uma do hotel.

No vagão do metrô vejo Che bocejando. Chego perto dele e digo que hoje faltarei às aulas. Se perguntarem por mim, que diga ao inspetor que estou resfriado.

Quer saber por que não vou ao colégio.

Dou um sorriso contagioso e ele me imita na hora.

Tenho um arsenal de frases que aprendi com papai para essas ocasiões. Digo uma: “Deus pergunta menos e perdoa.”

Quer saber se se trata de uma garota.

— Não se trata de uma garota, Che. Trata-se de Patricia Bettini. Vou levá-la a Valparaíso.

Digo: “Vou levá-la a Valparaíso”, mas foi ela quem organizou tudo. Pediu a dona Magdalena que adiantasse sua mesada e vendeu todos os livros escolares a um sebo. “É a vantagem de não termos irmãos menores, Nico. Esses livros não servem mais para ninguém na minha casa. Quero me desintoxicar de tudo, de álgebra, de química, de história, de física.

“De virgindade.”

Disse assim, como se fosse uma matéria difícil. Não me disse: “Quero me desintoxicar da minha virgindade.” Disse: “Quero me desintoxicar de *Virgindade*.”

Algumas vezes estivemos a ponto de “quebrar o placar”, como diz no rádio o locutor esportivo Julito Martínez. Ambos lemos romances e poesias que pregam o amor livre e nos tocamos em todos os lugares.

Mas sempre achava uma desculpa. Ela apresenta as coisas assim: “O amor é uma expansão de um sentimento de felicidade. Enquanto a pessoa não estiver feliz, não deve fazer amor.”

Discutimos isso com muita tranquilidade quando estamos longe da cama. Mas a sós em meu apartamento e até mesmo em seu quarto quando seus pais estão ausentes, quase chegamos ao desenlace.

E depois, claro, havia a questão da minha tristeza.

Agora me mostra um poema que sublinhou: “As pessoas têm o direito de ser felizes, mesmo que não tenham permissão.”

Tudo o que aconteceu conosco nos mudou muito. É como se tivéssemos amadurecido à porrada.

Ela tem vontade de viver mais depressa.

Eu quero acariciar e que me acariciem.

Queremos soltar as amarras. Diz isso me servindo um copinho de grapa. Uma bebida assim como o pisco ou a aguardente. Mas, claro, é da Itália. A garrafa parece uma escultura de vidro. A etiqueta diz: “*grappa morbida*”.

Queima.

Che me recomenda que passe na farmácia e compre camisinhas. Não sei se quero. Quer dizer, quero saber como ela é, quero senti-la. E a camisinha... Possivelmente estou raciocinando como um idiota. Farei o que Patricia Bettini decidir.

No terminal anunciam pelos alto-falantes que o próximo ônibus para Valparaíso vai sair em dez minutos. O motorista lê *La Cuarta* com as pernas esticadas sobre a caixa de câmbio. O ar de um ventilador agita as páginas do jornal. Espio dentro do veículo, mas não encontro Patricia.

Junto-me aos outros passageiros que se despedem dos familiares na plataforma de embarque. Um carregador de malas enfia um velho baú no maleiro do ônibus. Usa na testa uma fita com o desenho do arco-íris.

Temo que Patricia tenha se arrependido. Para uma garota, a decisão de fazer amor é uma coisa quase de tragédia grega. Ou pelo menos de telenovela. São tantas as coisas que enfiam em suas cabeças em casa e na escola que elas andam pela vida na ponta dos pés como se estivessem pisando em ovos.

No fundo têm razão. O amor lhes deixa marcas. Bem, até cicatrizes. Por isso é estranho que Patricia tenha resolvido ficar comigo. Ainda faltam dois meses para a escola terminar. E depois Pinochet tem que convocar eleições livres. Vai demorar. Coisa de um ano, imagino. Ela me disse: “Quero ter relações íntimas com você.”

Mas não em Santiago.

É que Santiago é a escola, a igreja, o desemprego de dom Adrián, os carros sem placa diante de casa, as bombas de gás lacrimogêneo, a ausência do professor Paredes.

Que compreenda.

Está bem. Para mim, amá-la não é uma questão de geografia. Embora eu seja o sujeito menos romântico da terra, também gosto de um espaço onde a vista não se choque o tempo todo com edifícios e antenas de televisão.

Estou com vontade de ir ao mar.

Mar e amar. Valparaíso.

Mas meu lugar é o centro de Santiago. Gosto imensamente de que não tenham demolido a igreja colonial e que os urbanistas tenham sido obrigados a fazer uma curva na Alameda para respeitá-la.

“É assim que uma dama deve ser tratada”, disse o professor Santos.

Quando anunciaram que a demoliriam, meu velho e eu fomos protestar nas ruas ao lado dos padres franciscanos.

Papai fez um discurso perto da fonte da pérgola das flores.

Disse que a igreja era o pequeno e doce Francisco de Assis e o governo de Pinochet, o lobo.

“O lobo de Gubbia”, disse.

Não sei de onde tira essas coisas.

Não sabe ficar calado.

Os tiras vieram e primeiro jogaram água. Você se acostuma com a água. A única coisa que pode acontecer é que um jato muito violento o atire contra uma parede e você quebre a cabeça. O melhor é se atirar no chão.

E que o molhem. Que o deixem empapado como um cachorro.

O professor Paredes dizia, agachando-se debaixo do jato: “*Relax and enjoy it.*”

Mas as bombas de gás lacrimogêneo são diferentes.

Explode uma em seu rosto e você pode ficar cego.

Mas minha vida inteira frequentei o centro. Dezoito anos. Rua Lastarria. Villavicencio. As fontes de água com as garçonetes maquiadas como bailarinas de cabaré.

O chofer aparece agora no estribo do ônibus e grita que partirá em três minutos.

Aperto no bolso as moedas de cem pesos e tento descobrir se há um telefone por perto.

Nesse exato momento Patricia Bettini aparece.

E, à medida que se aproxima correndo, meu coração começa a bater mais forte do que nunca.

Fica menor e mais magra dentro do meu abraço. Os cabelos castanhos caem soltos em seus ombros e não há o menor rastro da disciplina escolar dos prendedores, grampos e agulhas que usa para evitar que os cabelos invadam seu rosto.

Hoje não veste o uniforme do colégio.

Usa uma camiseta vermelha apertada, exatamente um tamanho menor do que as que costuma usar.

Os seios pressionam o tecido e a parte superior está exposta.

Seus lábios pintados com um vermelho intenso combinam maravilhosamente com a camiseta. É uma boca que grita: “me beije, me morda”. Engulo em seco. Roço na sua face os pequenos pelos que brotaram no meu queixo. Aspiro profundamente o cheiro de sua pele. Fico tonto com o toque de fruta tropical de seu gel.

— Está pronto? — pergunta.

Quer saber se estou pronto. Faz dias que comecei a voar. Vivo no país do “Não” e percebo em cada um dos meus nervos que nunca mais voltarão a tirá-lo de mim. Sinto isso nos meus punhos, nas minhas têmporas, que pulsam alvoroçadas.

Em minha ereção.

Porra, como a democracia é erótica!

— Estou pronto — digo, para evitar o indizível.

Ela coloca a passagem no bolso de minha camisa branca e depois toca minha testa com dois dedos, como um médico que toma a temperatura.

— Então, Nicômaco Santos, os bilhetes para Valparaíso!

QUARENTA E DOIS

Patricia Bettini mostra a Nico Santos a agenda encadernada com cartolina azul na qual seu pai foi anotando suas observações para a campanha do “Não”.

Um cavalo galopa na pradaria, é o cavalo da liberdade.

Os limpadores de para-brisa de um carro se mexem, é o “Não” da liberdade.

Um coração bate com sístole e diástole, é o ritmo da liberdade.

Uma anciã compra um saquinho de chá no armazém de dom Aníbal, é o chá da liberdade.

Um carabineiro golpeia o crânio de um estudante, é a hora da liberdade.

Canção:

Não o quero, papai, não o quero, mamãe, não o quero nem em inglês, nem em mapudungún, nem em tango, nem em bolero, nem em foxtrote, nem em cumbia nem cha-cha-chá, não o quero, meu amor, o que eu quero é a liberdade.

Christopher Reeves está no Chile. Gravá-lo: vem defender os atores ameaçados de morte. Que diga alguma coisa. Algo assim: “*OK, folks, you’re right, remember that the vote is secret and that Chile be a free country depends on you.*”

Grande Superman, em inglês a liberdade.

Filmar Jane Fonda, não sei onde podem encontrá-la, ouvi-la dizer o seguinte no rádio: “*During all these years the pain of Chile has been our pain, now the future of Chile is in your hands.*”

Enfiar Jane com a canção das botas: “*These boots are made for walking, and they will walk all over you, walk boots, walk over Pinochet, walk, walk, walk para a liberdade.*”

E usar alguma *cueca*: “Tiquitiquití, tiquitiquitá, diga que não e acenda a liberdade.”

E não esqueçam Violeta Parra: me deu o abecedário, com ele as palavras que penso e declaro, me deu o “N”, me deu o “O”, me deu o “No”, me deu, meio a meio, o “No”, o não da liberdade.

Quebraram suas mãos, quebraram seu fêmur, lhe meteram 72 balas, perfuraram seu ventre, a liberdade dói (sem dizer de quem falamos, as pessoas sabem, é melhor que as pessoas pensem sozinhas).

A polícia não deixa Serrat descer do avião, se tranca no banheiro, grava uma fita cassete com um jornalista, para a liberdade (usar esse disco).

O casal de jovens espia em uma esquina, junta moedas e notas de pouco valor, quer pagar um quarto de motel, o amor barato da liberdade.

Eu, Bettini, peço à morte que espere um pouco, que deixe setembro passar, que me conceda o último desejo, que pelo menos espere até 5 de outubro, que espere a liberdade.

A garota vestida de preto atravessa a avenida Apoquindo em plena primavera e seus quadris balançam acompanhando o ritmo da liberdade.

Na cabeça de um rei barbudo, uma coroa de cartão-pedra se entorta, vai chegar a liberdade.

Essa mão que se levanta e se despede de alguém diz: “Não”, quer liberdade.

O carpinteiro corta com um serrote a madeira, a serragem da liberdade se espalha.

A enamorada arranca as pétalas de uma margarida, me quer muito, pouquinho, nada, a liberdade.

A tradicional *Cartilha Matte*: papai ama mamãe, o menino come a papa, a menina ama a liberdade.

Que pássaro ou anjo consegue voar mais alto para a liberdade.

O Pacífico ergue catedrais azuis até as nuvens, ondas que sobem e sobem em direção à liberdade.

Não me diga menos, não me diga mais, diga-me a palavra certa, liberdade.

Vamos bater palmas, meninos, marcando o ritmo, assim, clip, clap, mais uma vez, clip, clap, clip, clap, a liberdade.

Nico deixa a caderneta de Bettini na mesa de cabeceira do quarto do motel.

Mas ela quer que ele leia mais uma vez (usa esta palavra) a *profecia*: “O casal de jovens espia em uma esquina, junta moedas e notas de pouco valor, quer pagar um quarto de motel, o amor barato da liberdade.”

Patricia pede que a ajude a tirar o sutiã.

Nico consegue tirá-lo como se tivesse experiência.

Está diante das costas da mulher que ama. A pele se estende, pálida, e pela primeira vez se aproxima para tocar com seus lábios um sinal na omoplata. Omoplata. Anatomia.

Ela gira o corpo. Agora os seios estão diante de sua boca.

Ela parece ter surgido dessa nuvem alvoroçada suspensa depois da janela.

Ela está séria.

Ele sorri.

Os dois juntaram quinze mil pesos. Três horas de quarto de motel. “Não adormeçam, jovens, senão terei de cobrar mais dez mil pesos. Duas cuba-libres incluídas.”

“A liberdade”, pensa.

E escala com a língua o pescoço, até chegar à boca de Patricia Bettini, e afunda a língua entre seus dentes.

Ela fecha os olhos.

Tem de haver uma maneira de fazer direito.

Uma maneira de fazer com classe.

Como viram nos filmes.

Como sonharam tantas vezes no meio de lençóis molhados.

Tem de brotar um gemido lento, o seio tem de ficar inchado, avultar-se erudito o membro, tem de se umedecer, ficar com o ventre empapado, sua língua tem de saber encontrar o ponto exato, assediá-lo com a destreza de um toureiro, o diminuto ponto eletrizado do planeta.

Tem de ter calma, tudo isto é muito abrupto, as mãos apertam e arranham, pulam de um lugar a outro como coelhos assustados.

Deveria ter trinta anos, experiência de pele, doutorado em seios para dar prazer à amada Patricia Bettini, pálida e quente sob a tênue luz do dia que penetra pela cortina estampada com flores, girassóis, rododendros, na sombra agoniante deste hotel castigado por um sol insolente que parece querer incendiar o porto.

Patricia apoia as costas no respaldo verde acolchoado da cama, abre os joelhos, com o dedo médio e o indicador da mão direita avança sobre seu ventre.

Acaricia o ponto, o instante, a taça de champanhe borbulhante. E a outra mão alcança a nuca de Nico Santos.

A outra mão dirige com suavidade, mas decidida, a cabeça de Nico a seu ventre, dobra-o, e o jovem estudante acata esse rumo, roça os cabelos castanhos lisos, no caminho aspira profundamente o cheiro dessas secreções que se expandem, triunfais.

Certeiro, vai com a ponta de sua língua ao pequeno tigre oculto na folhagem abrupta, mais escura que o que profetizavam seus sonhos, de um tom mais selvagem que o plácido castanho italianíssimo de seus cabelos, como cacheada por uma súbita eletricidade.

E se até o momento não haviam dito nada, nenhuma palavra, nem sequer monossílabos, só a saliva na pele, o roçar das nádegas nos lençóis, agora Nico Santos ouve uma palavra.

Patricia Bettini sussurra “sim”, repete “sim”, diz uma e outra vez “sim” e “sim”, e também “assim” e “assim”, e seus dedos apertam, elétricos, o crânio de Nico Santos, e não diz mais nada, e não diz mais “sim”, não diz mais “sim, sim, assim, assim”, e se cala ferozmente, concentradamente calada, e aperta brutalmente a mandíbula, e o que Nico não pode saber, o que ainda não sabe, é que Patricia Bettini está chorando.

QUARENTA E TRÊS

Patricia corre a cortina estampada do motel do alto da colina e depois abre a pequena janela. Apoia a testa na moldura de madeira, inclina o pescoço e entrega a vista à distância. Os sons do porto chegam com mais força: guindastes depositam caixas de madeira gigantescas nas cobertas dos barcos, buzinas, sirenes de ambulâncias, os rádios da vizinhança com os *hits* da semana.

— Venha.

Caminho até ficar ao seu lado. Não muda de postura. Sem me olhar, pega meu braço e o coloca em volta de seus ombros. Beija minha mão. É muito estranho, porque ela está ao mesmo tempo distante, espalhada pelo mar até o horizonte, e também muito aqui. É um corpo dividido. Belo, terno, morno.

— Olhe — diz, levantando um pouco o nariz e apontando as colinas de Valparaíso. — Se quiser me conhecer melhor, eu sou assim.

— O que está querendo dizer?

— As colinas e tudo isso.

— Você é assim.

— É uma maneira de dizer, seu bobo. Eu — bate suavemente no coração, como se estivesse acompanhando a pulsação —, eu sou isto. Quer dizer, se alguém me pintasse ou se eu fosse uma paisagem, seria de muitas cores... Olhe agora aqui. O que está vendo?

— Várias coisas.

— Tetos, telhas, muros amarelos, verdes, violeta, azuis, grená, terracota, chaminés, gaivotas, pelicanos, escadas, degraus, fios ao alcance da mão, elevadores que parecem casinholas escalando os trilhos, viralatas, pipas, e tudo se sustenta empilhado como se alguém tivesse colocado assim aos lotes, deixando tudo para mais tarde.

— Então você é assim. Se deixou para mais tarde.

— Quer dizer, as coisas que aconteceram na minha vida têm algum significado. Estão aí com a emoção que vivi, saca?

— Uma das coisas que eu mais gosto em você é que quase nunca diz *saca*. É curioso, porque eu a vejo...

Me detenho. Beijo seu ombro nu, aspiro profundamente o cheiro de seu pescoço. Percorrer sua pele me ajuda a encontrar a palavra exata...

— Como você me vê?

— Harmônica, bronzeada. Elegante, Patricia Bettini. Essa coisa de você ver a si mesma como um carnaval me surpreende.

Vira-se para mim e percorre minhas pálpebras com dois dedos.

— Talvez — diz sorrindo com os olhos, mas não com lábios — seja o trauma pós-virgindade perdida. Você sabe que me dá harmonia?

— Discuti isso com seu velho.

— Você conversa a meu respeito com meu pai? O que ele diz?

— Que isso é *the Italian touch*. O jeitinho italiano de ser. Ou seja, agitação interna, mas expressão clara.

— Harmônica.

— Claro, como se tivesse se passado a limpo.

— E Laura Yáñez?

— Laura Yáñez é um rascunho. Você viu os cadernos de caligrafia das crianças desalinhadas?

— Letra torta, borrões. Ela salvou seu pai, Nico!

— Eu adoro a Laura por isso. Mas não sei se ela conseguirá salvar a si própria.

Patricia fica subitamente séria. Quase grave. Indica com o queixo que eu volte a observar a enseada.

— Tudo termina no mar.

— Não compreendo.

— Quer dizer, você sempre está aí e ao mesmo tempo aí está o infinito. Se o mar está perto de você, você coloca tudo o que é ínfimo de todos os seus dias no infinito.

Bocejo com exagero.

— Você deveria conversar sobre estas questões com o professor Santos. Meu velho é fã de Aristóteles e de Anaximandro.

— Não saco o cara.

— Anaximandro é o mais antigo dos filósofos. Só um pequeno fragmento de sua obra foi conservado.

— De que fala?

— Sei de memória: “De onde as coisas têm seu nascimento, ali também devem ir ao fundo, segundo a necessidade, pois têm de pagar penitência e de ser julgadas por suas injustiças, conforme a ordem do Tempo.” O louco ficou famoso com esse pedacinho de filosofia.

Patricia vai até a mesinha e levanta seu copo de cuba-libre meio vazio. Prova. Faz uma careta. Está morno.

— Peço gelo?

— Não precisa. Está na hora de voltar para Santiago. Meu velho deve estar me procurando e querendo me matar. Deixei um bilhete espetado com alfinetes no seu travesseiro.

Assim que diz isso, toca a sirene de um carro de polícia muito perto do motel.

— Já chegou — sorri.

— Qual foi sua mensagem?

— Uma que, lamentavelmente, vai entender: “Virgindade, Valparaíso, Liberdade.”

Abre os lábios finos em um sorriso que me desarma. Meu Deus, como a amo! Como começo a desejá-la novamente!

— Você gosta de mim?

Nego com a cabeça.

— Nem um pouco?

Assinto. Não gosto dela nem um pouco. FRANZO os lábios de maneira depreciativa.

— Você me acha feia?

Assinto com entusiasmo. ACHO-a hor-ro-ro-sa.

Patricia abre totalmente a cortina. Exibe seus seios a Valparaíso e com toda a força de seus pulmões me dedica uma *canzonetta*:

*E che m'importa a me
se non sono bella
se ho un amante mio
che fa il pittore
che mi dipingerà
come una stella
e che m'importa a me
se non sono bella.*

— Voltemos para Santiago — digo.

— Você tem medo de mim?

— Um pouco. Não acredito que dom Adrián vá matá-la, porque é italiano e sentimental e teria muita dificuldade de cometer um magnicídio, mas não tem motivos para ter escrúpulos comigo. Entre todas as pessoas que conheço, neste momento devo ser eu o candidato a cadáver *number one* de sua lista.

Abre os braços, boceja com força e acompanha o gesto soltando um prolongado “Ahhhhh”. Quando termina, levanta um dedo didático, como o de uma professora rural.

— É por isso que acredito que todos voltaremos ao mar. Digo isso por Anaximandro.

Não me importa que a cuba-libre esteja morna. Bebo-a de um gole.

— O “Não” nos enlouqueceu — disse fechando a janela, mas não consigo deixar de dar uma última olhada no mar. — “... sai de si mesmo a cada momento, diz que sim, que não, que não, que não, que não, diz que sim em azul, em espuma, em galope, diz que não, que não, que não.”

— De Neruda?

— Do grande Neruda. Ou, como diria seu velho, do *fucking* Neruda.

QUARENTA E QUATRO

O professor Santos nunca havia visto seu filho Nico de gravata. Vão caminhando juntos para a cerimônia de graduação. Antes de sair do apartamento, checa se no bolso interno do paletó estão a caixinha de cigarro e o isqueiro metálico Ronson, que sobreviveu às distrações e aos anos e que carrega todos os sábados com gás em um misto de tabacaria e chaveiro do passeio Ahumada.

Depois apalpa o nó da gravata verde com manchas azuis que Nico pediu emprestada ao seu amigo Che.

A cerimônia foi marcada para o fim da tarde, mas nem por isso o pai ou o filho alteram a rotina das manhãs. Saem do apartamento, e antes de descer do elevador o professor de filosofia acende um cigarro, segura o braço de Nico e vai fumando ao longo das duas quadras que os separam do portão de entrada do Instituto Nacional.

Ali terá lugar um procedimento que, embora executado de forma mecânica, tem hoje uma relevância especial e é motivo de alegria: Nico Santos está completando a escola secundária com uma média de notas mais do que aceitável.

Conseguiu sobreviver às turbulências da ditadura, ficou com a boca bem caladinha obedecendo, mais que aos conselhos, às ordens taxativas de seu pai. Só falou umas poucas vezes: às vezes mal, às vezes regularmente, às vezes bem, mas neste último caso teve a prudência de fazê-lo em inglês: *“To be or not to be.”* O professor Santos agradece a sua falecida esposa que seu filho tenha optado pelo *“be”*. O *“not to be”* acabaria aniquilando-o.

Então, com um gesto histriônico que recordou a Nico as ironias do professor Paredes, atira o canudo de tabaco na calçada e faz uma reverência ao jovem, dizendo-lhe que o príncipe pode pulverizar o que sobrou com a sola de seu sapato.

Nico Santos obedece com um prazer transbordante. É uma besteira que executa com alegria. Faz suas próprias contas: O “Não” ganhou.

Seu pai está vivo. Se morrer um dia, será por causa do maldito cigarro forte e não pelo frio de um calabouço.

E, além disso, seu esperma saiu em disparada em direção ao ventre da mulher amada como um *big bang*. Sua experiência pessoal lhe diz que o mundo foi criado para que pudesse experimentar o amor com Patricia Bettini.

Ela foi convidada a assistir à cerimônia de graduação. Bettini já foi contratado depois da campanha vitoriosa. Uma montadora de carro francês lhe entregou sua conta publicitária. E o *Le Monde* reconheceu sua genialidade. *Oh, la, la*. Comprou para a filha um vestido de seda finíssima, com uma abertura milimetricamente calculada na altura das coxas, incrustações de contas e a famosa etiqueta Armani.

Pagou o que não tinha, mas admite que foi Pinochet quem, em um gesto de genialidade, colocou em circulação o cartão de crédito: a única maneira de ter o que não se pode ter. Depois dele, o dilúvio.

No entanto, Adrián impôs a Patricia uma condição que a garota aceitou com humildade: por ocasião de sua própria graduação dentro de três dias na Scuola Italiana, terá que usar a mesma roupa. Que nem sonhe em dar uma de *vedette* internacional e ficar, luxuriosa, trocando de enxoval a cada duas horas.

No umbral do salão solene há uma coroa de rosas brancas, folhagem de plantas verdes e alguns cravos vermelhos. No alto, uma cartolina negra pregada na parede com durex onde alguém escreveu com letras amarelas: “Não esquecemos nossos mártires.”

São cinco nomes: pertencem a dois alunos e três professores. Um deles, dom Rafael Paredes.

As pessoas que chegam para a solenidade fingem não ver a cartolina. Depois da vitória do “Não”, o tenente Bruna resolveu não voltar ao colégio. Mandou os soldados do jipe pegarem suas coisas.

O coro do colégio canta o hino da instituição. A maioria dos alunos e responsáveis cantam em pé: “Que vibre, companheiros, o hino do instituto, o canto do maior colégio nacional.”

Nico Santos é mais um dos 55 alunos que estão se formando. O reitor entregará os diplomas um a um — o que significa que o público aplaudirá 55 vezes — e depois tirará uma fotografia com cada aluno. Mais tarde elas serão vendidas pelos fotógrafos aos familiares na porta de saída do colégio.

Os meninos parecem estranhos em seus ternos e gravatas. Todos têm os cabelos desalinhados, o que não combina com o ambiente extremamente formal. Muitos coçam o pescoço com o dedo indicador; outros afrouxaram o nó da gravata. Nico Santos e Che parecem comentar na segunda fila os lances de uma partida de futebol.

O professor Santos e seus convidados especiais, Adrián, Magdalena e Patricia Bettini, também estão na segunda fila. No encosto dos bancos há um pequeno cartaz que diz: “Corpo docente.”

O professor Santos é um corpo docente.

O professor Paredes era um corpo docente.

Há um cartão em um espaço da segunda fila fácil de ler, porque ninguém o ocupa. No respaldo se lê: “Senhora María, viúva de Paredes.”

“Pois coube ao instituto a esplêndida sorte de ser o primeiro foco de luz da nação”, canta o professor Santos sem tirar os olhos de Nico, que enxuga o suor com o dorso da mão em cima das tábuas do palco onde algumas semanas atrás, ainda virgem, atuou em *La cueva de Salamanca*.

Bettini, por sua vez, ignora a letra do hino. Sua atenção agora é dirigida a um homem que abre caminho entre os joelhos que lhe dificultam a passagem e avança pela fila com decisão até ficar ao seu lado, indicando que se afaste um pouco para abrir espaço. Depois se senta com um suspiro satisfeito e, sem olhá-lo, lhe oferece a mão.

É o ministro Fernández.

— Como vai, Bettini? — pergunta, levantando as pernas das calças à altura dos joelhos.

— Ministro, o que está fazendo aqui?

O homem aponta um menino de pele morena e rosto afilado que lhe faz sinais do tablado.

Fernández responde balançando com simpatia os dedos da mão direita, sem levantar a mão acima do pescoço.

— Meu neto, Luis Federico Fernández, está se formando. É meu orgulho. Quer ser engenheiro. E o senhor? O que está fazendo aqui?

Bettini não sabe o que responder. De repente recorre a uma imprecisão:

— Meu genro, quer dizer...

— Compreendo, o namorado da sua filha... Quer dizer, exatamente, o namorado da sua filha. Quer dizer, Nicolás Santos...

— Não, Nico Santos. Como sabe seu sobrenome?

— Não se lembra, Bettini? O professor de filosofia Rodrigo Santos. As coisas acabaram bem?

— Sim, ministro.

— *Ex*-ministro, não se esqueça! E como vai a vida?

— Bem, estou vivo. Imagino que graças ao senhor.

— Homem, você gosta dos exageros!

— Mandeí seus homens irem à merda.

— Ui, meu Deus! Que coisa heroica!

— Nem tanto assim, doutor Fernández. Os operários da obra diante da minha casa estavam observando tudo.

— Não deixa de ser, de qualquer maneira.

Os dois aplaudiram o final do hino e redobram a ovação quando o reitor começou a fazer seu discurso de boas-vindas.

— E o que o senhor está fazendo, ministro?

— Vem aí a democracia. Estou pensando em uma atividade em que possa exercer minha vocação de servidor público.

— Senador?

— Gostaria muito. Sou muito bom criando projetos, leis, essas coisas. Qual dos meninos é o seu genro?

— O cabeludo da esquerda com uma gravata verde e azul.

— Sim, estou vendo. O que vai estudar?

— Se não for para ator, escritor. E seu neto?

— Engenheiro. Como seu pai. Sabe que meu filho Basti votou “Não” no plebiscito?

— Seu próprio filho?

— Meu próprio filho. A democracia é uma maravilha, não acha?

— Apesar de ser “um exagero das estatísticas”?

— Apesar disso. É uma coisa tão macia. Imagine: aqui estamos, o senhor e eu, felizes da vida, olhando juntos para o futuro da pátria. Eu ao lado do meu neto e o senhor acompanhando o jovem Santos. Só um parêntese, não consigo acreditar que ganharam da gente com uma valsa tão idiota.

— Uma valsa tão idiota, ministro?

— Uma valsa muito, muito idiota, Bettini! Não podemos negar a verdade!

— O senhor conhece a revista francesa *Actuel*, doutor Fernández?

— Que ideia! *Je ne parle pas français*.

— Acabam de publicar uma edição com as canções que mudaram o curso da história nos últimos cinquenta anos.

— Não me diga que incluíram sua idiotíssima “Valsa do Não”!

— De fato, é a canção de 1988, ministro.

— E, nos outros anos, quem foram os vencedores?

— Jim Morrison, Beatles, Rolling Stones.

— E o que estão compondo agora?

— A fase das canções já passou, ministro. O próximo passo é ganhar as eleições com Olwyn e depois meter Pinochet na cadeia.

Fernández deu uma risada tão escandalosa que chamou a atenção das pessoas ao redor e até o reitor lhe dirigiu um olhar carregado de reprovação.

— Hum. Parece que fiz uma cagada. Meter Pinochet na prisão? — disse em voz baixa. — Isso vocês não vão conseguir, Bettini.

— Vamos conseguir, doutor Fernández.

— Não, não, não. “É tão maravilhoso dizer não...”

— Sim, sim, sim. Vamos conseguir.

— Não, não, não. Meu general não vai ser tocado nem por uma pétala de rosa.

Chegou a vez de Nico Santos receber o diploma de graduação. Patricia Bettini se levantou aplaudindo e o público ao redor teve a oportunidade de admirar seu vestido Armani. Adrián Bettini ficou em pé e gritou “Bravo”, e o professor Santos coçou a cabeça com um cigarro apagado nos lábios.

O ex-ministro Fernández também se levantou e aplaudiu Nico junto com Bettini.

— Vamos voltar ao poder, Bettini — sussurrou no seu ouvido. — Desta vez passo a passo, passinho a passinho, votinho a votinho.

— São as veleidades da democracia. O que nós conseguimos à custa de sangue, suor e lágrimas, vocês vão poder desfrutar sem mexer um fio de cabelo. Um dia o exagero das estatísticas deporá a seu favor. É a regra do jogo. Aplausos, ministro. O que importa é que não estão matando pessoas.

— Não fique preso ao passado, homem. A emergência já foi amplamente superada. O senhor se lembra de quando o povo pediu ao exército que interviesse para impor a ordem? Quando pediram aos gritos um Pinochet?

— O senhor estudou no Instituto, doutor Fernández?

— Com muita honra. Faço parte da diretoria do centro de ex-alunos.

— Quem foi seu professor de castelhano?
— Dom Clemente Canales Toro.
— Então deve ter estudado com ele o Arcipreste de Hita.
— Lembro de alguma coisa.
— Um autor medieval. Está lembrado? O próprio dom Clemente versificou *El libro de buen amor* em espanhol moderno.
— Claro que sim. É muito divertido. O “Elogio a la mujer chiquita”, não é mesmo?

— Parabéns. E não se lembra por acaso da fábula das rãs que estavam insatisfeitas e queriam que Júpiter lhes mandasse outro rei?

— Não me lembro.

— E Júpiter manda uma cegonha que come as rãs de duas em duas com uma única bicada.

— Hum. Aonde quer chegar com esta história?

— Ao seguinte. As rãs que sobrevivem voltam a procurar Júpiter e se queixam: “O rei que o senhor nos mandou por causa de nossas vozes tolas tem nos dado péssimas noites e péssimas manhãs.” Quer que lhe explique a fábula?

O doutor Fernández limpou com a palma da mão direita uns pelinhos que haviam grudado na lapela de seu paletó.

— Não é necessário, Bettini. Como o senhor diz, a democracia é um exagero das estatísticas.

— É *o senhor* quem diz isso.

— Certo. É que a vida é assim mesmo: a cada um o que lhe é de direito. Agora é a vez de vocês. O importante é que, se ganharem o governo, vocês façam algo para acabar com esta coisa tão antipática de estigmatizar as pessoas, tanto as que votaram “Sim” como as que votaram “Não”. É preciso ser moderno e sentar em cima das diferenças:

— O senhor pode se sentar no que quiser e onde quiser. Eu, não. A disputa entre o “Sim” e o “Não” vai permanecer por muito tempo, porque é uma questão de vida ou morte. Deixamos aqueles que pensam diferente viver ou acabamos com eles. Eu jamais esquecerei o que aconteceu.

— Que curioso; de minha parte, eu já esqueci.

— O senhor é muito moderno, *ex-ministro*.

O homem começou a aplaudir com energia. Lindas recepcionistas estavam chamando seu neto para receber o diploma das mãos do reitor.

Bettini limpou as palmas das mãos nas coxas, depois levantou-as e uniu-se ao ex-ministro nos aplausos.

— A fábula das rãs, Bettini.

— A fábula das rãs — repetiu Adrián Bettini, aplaudindo carinhosamente.

ANTONIO SKÁRMETA nasceu em Antofagasta (Chile) e se formou em filosofia e literatura pela Universidade do Chile e por Columbia, em Nova York. Seus romances e contos foram traduzidos para 35 idiomas. *O carteiro e o poeta* foi sucesso mundial e serviu como base para o filme homônimo, que recebeu cinco indicações ao Oscar. É autor ainda, entre outros livros, de *Um pai de cinema* e *Neruda por Skármeta*, ambos publicados pela Editora Record. Recebeu importantes prêmios literários internacionais, como o Médicis, Medalha Goethe e o Prêmio Mundial de Literatura Infantil da Unesco. Foi embaixador do Chile na Alemanha de 2000 a 2003 e hoje vive em seu país, dedicando-se apenas à literatura.

Digitalização e revisão

Thiago Cerejeira

[1] Gênero de música folclórica do oeste da América Sul. (N. do T.)

[2] A letra “L”, de significado desconhecido, era carimbada no passaporte das pessoas que estavam proibidas pela ditadura Pinochet de entrar no Chile. (N. do T.)

[3] Em espanhol: “*Sangre latina necesita el planeta, / roja, furiosa y adolescente. / Adiós, barreras, adiós, setenta. / Ya viene la fuerza, la voz de los ochenta.*” (N. do E.)